

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO / CURRÍCULO

**Projeto Político-Pedagógico, na perspectiva freireana:
participação e diálogo.**

Regina Maria de Sousa Lima

São Paulo

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

**Projeto Político-Pedagógico, na perspectiva freireana:
participação e diálogo.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE, em Educação: Currículo, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Ana Maria Saul.

São Paulo
2011

Banca Examinadora:

São Paulo
2011

Dedico este trabalho ao meu filho Jônathas Rafael para compensá-lo, por mais uma vez, ter me afastado de sua companhia, em busca de um sonho que deixou de ser meu e se tornou NOSSO. À minha filha Lara Regina, que deixou de viver uma parte da sua história na Bahia, para juntas vivermos a conquista desse sonho em terras paulistanas.

AGRADEÇO...

A DEUS, pela força e conforto nos momentos, em que a realização desse sonho parecia impossível;

Ao meu marido Elielson, pelo apoio, compreensão e, principalmente, pelo bom humor sempre presente e tão necessário;

À minha mãe, pela presença discreta e constante, em todos os momentos, e, especialmente pelas suas orações;

Às minhas irmãs Ana Paula, Isabel e Cláudia, pelo acolhimento em sua casa e por fazer parte da minha vida;

Às minhas irmãs Solange, Rute, Miriam e Suzana e os meus cunhados André, Wilson, Neto e Paulo, pelo apoio e orações;

Aos meus sobrinhos Beatriz, Vinícius, Davi, Lucas e Rodrigo, por fazerem parte da minha vida;

Ao meu tio Clóvis (in memória), pela torcida e que, tão precocemente, nos deixou no meio dessa caminhada;

Ao meu sogro Desudedith e à minha sogra Edna, pela compreensão e apoio e também pela acolhida ao meu filho;

Às minhas cunhadas Eliene, Abel e Mário e Lucilene, e Andrei, pela torcida;

A todas as pessoas da minha família e aos meus amigos e amigas que torcem por mim;

À minha grande amiga Telma Rebouças, que colaborou com sua amizade, dando sugestões, leituras, revisões e incentivos, mas, especialmente, por não ter me deixado sozinha e iniciado também sua caminhada;

Às minhas amigas e colegas do Centro Educacional Maria Sônia e Prof. Sá Teles, na Vila Presidente Vargas (noturno), Brumado-BA, pela alegria e aprendizado do convívio de mais de dez anos;

Ao meu inesquecível amigo Dr. José Francisco da Silva – Tio Dedé, a quem devo parte da realização desse sonho, pois sempre me incentivou por palavras e exemplos de sonhos conquistados com lutas. Disse que se sentaria na primeira cadeira, na hora da defesa, só não disse que, nesse momento, estaria ao lado de DEUS;

Aos colegas de Mestrado do segundo semestre de 2009, pelo agradável e rico convívio e, de modo especial, a Teresinha, Cláudia Mileo, Renata Flávia, Rubén, José, Janete, Zazá, Rodrigo, Silvana, Cláudia e Geisel;

Às amigas Gláucia e Marisa, pela amizade, carinho, apoio, em muitos momentos de angústias e fragilidade, durante todo o curso;

Aos colegas/pesquisadores da Cátedra Paulo Freire, pelas ricas discussões em torno da Pedagogia freireana, que muito enriqueceram nossa pesquisa;

À Rita (início do curso) e Cida (final do curso), secretárias do Programa, pela paciência e simpatia em atender a uma nordestina do sertão da Bahia “desorientada” na grande metrópole;

Aos professores do mestrado, com que tive o privilégio de conviver e muito aprender nesses semestres, em especial: Marcos Masetto, Mario Sergio Cortella, Mere Abramovicz, Regina Giffoni, Marina Feldmann, Neide Noffs, Ivani Fazenda e Ana Maria Saul;

À minha orientadora de mestrado, Profa. Dra. Ana Maria Saul, pela dedicação, paciência e sugestões preciosas para a realização desse trabalho e por participar da pesquisa coletiva coordenada pela Cátedra Paulo Freire – PUC-SP;

Ao Prof. Dr. Alípio Casalli, de quem não tive o prazer de assistir às aulas, porém fui contemplada com ricas contribuições, em nossas conversas, no colegiado;

Ao Prof. Dr. Mario Sergio Cortella, pela postura e amorosidade com quem recebeu mais uma nordestina nas suas aulas. Um grande incentivador da minha prática;

Às professoras Dra. Elisabete Campos e Dra. Ivani Fazenda pelas leituras atentas e ricas contribuições para a organização desse trabalho.

À Secretária Municipal de Educação, em Diadema, em nome de Roberta Oliveira, pelo acolhimento;

A todos da Escola Municipal Anita Catarina Malfatti, pelo convívio, ensinamentos e participação na minha pesquisa, especialmente, Edilma e Adriana;

Ao CNPq, pelo incentivo e apoio financeiro que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa.

RESUMO:

Esse estudo integra uma pesquisa ampla, sob responsabilidade da Cátedra Paulo Freire da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Maria Saul, intitulada “A presença de Paulo Freire na Educação Brasileira: análise de sistemas públicos de ensino, a partir da década de 90”, que busca analisar a contribuição do pensamento freireano para a educação brasileira. Essa pesquisa tem o objetivo de estudar os meios e modos de participação da comunidade escolar e local, na Escola Municipal Anita Catarina Malfatti, em Diadema - SP, na qual a participação já é um processo em construção. A análise é feita com base nas categorias freireanas de participação e diálogo. Além de Paulo Freire, o estudo sobre participação se apóia em Pedro Demo e Licínio Lima. Essa pesquisa utiliza, ainda, como referencial Celso Vasconcellos, Ilma Passos e outros autores, para apresentar estudos sobre o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola como uma construção coletiva, um instrumento teórico-metodológico a ser disponibilizado, (re)construído e utilizado por aqueles que desejam efetivamente a mudança. Utilizando a abordagem qualitativa, realiza-se um estudo de caso, para descrever e analisar o cotidiano de uma escola, no município de Diadema – SP, focalizando os processos cotidianos na efetivação do seu projeto. Portanto, no campo, além das observações, como instrumento de coleta de dados, foram realizadas a análise documental e entrevistas semiestruturadas e questionários. Na análise de dados, percebem-se avanços na construção coletiva, no tocante à participação e ao diálogo, em vários momentos, e envolvendo diferentes sujeitos para a efetivação do PPP. Embora, com alguns desafios, há possibilidades de maiores avanços na construção coletiva, à medida que se envolvem todos os atores na efetivação do projeto. Da mesma forma, na proposta de que a escola é um espaço para diálogos críticos e reflexivos e que, portanto, se propõe a contribuir com a formação de cidadãos. Existem desafios a serem superados, nos eixos acima citados, que necessitam da ampliação e qualidade do diálogo a favor da continuidade da construção de uma cultura participativa para a construção de uma escola democrática. A escola por nós estudada, como também o município de Diadema, tem se mostrado disposto a enfrentar e superar os obstáculos existentes, uma vez que traz nas suas ideias e atitudes a conquista de uma escola democrática, participativa e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVES: Paulo Freire, Projeto Político-Pedagógico, Participação, Diálogo.

ABSTRACT:

This study is part of a broader survey under the responsibility of the Chair Paulo Freire, PUC-SP and coordinated by Dr. Ana Maria Saul, entitled "The presence of Brazilian Paulo Freire in Education: Analysis of public systems of education, from the 90's "How to analyze the contribution of Freire's thought. Our research aims to study the ways and means of community participation in school and local MS Anita Catarina Malfatti in Diadema - SP, in which the participation process is already under construction. The analysis is based on the categories Freirean participation and dialogue. Besides the study of Paulo Freire is based on participation in Demo Pedro Lima and Licinius. This research also uses as a reference Celso Vasconcellos, Ilma Passos and others to present studies on the PPP of the school as a collective, a theoretical and methodological tool to be available, (re) constructed and used effectively by those who wish to change. Using a qualitative approach, carried out an ethnographic case study to describe and analyze the daily life of a school in the municipality of Diadema - SP, focusing on the daily processes in the execution of your project. Therefore, it has developed beyond the field observations as a tool to collect data to document analysis and semi-structured interviews. In the data analysis to realize progress in the collective construction with regard to participation and dialogue at various times and involving different subjects for the realization of the PPP, although there are some challenges with opportunities for further progress, the collective construction in that they involve all actors in the execution of the project, which proposed that the school is a space for critical and reflective dialogue that aims to contribute to the formation of citizens with the same characteristics. There are challenges to be overcome on the axes mentioned above that require expansion and quality of dialogue in favor of continuing the construction of a participatory culture for building a democratic school. The school that we studied as well as the Municipality of Diadema has been willing to face and overcome obstacles, as it brings in his ideas and attitudes to achievement of a democratic school, participatory and inclusive.

KEYWORDS: Paulo Freire, Political-Pedagogical Project, Participation, Dialogue.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - A pedagogia freireana como referencial teórico	30
1.1. Projeto Político-Pedagógico: diversos olhares.....	31
1.2. O Projeto Político-Pedagógico, na perspectiva freireana.....	37
1.3. Projeto Político-Pedagógico: participação para além do falar e do ouvir.....	46
1.4. Projeto Político-Pedagógico: a escola como espaço para o diálogo.....	52
CAPÍTULO II - Caminho metodológico	
2.1. Processo de construção da pesquisa.....	61
2.2. Opção pela pesquisa qualitativa, via estudo de caso.....	65
2.3. Escolha da escola e os sujeitos da pesquisa.....	68
2.4. Procedimentos metodológicos.....	70
CAPÍTULO III - O cenário da pesquisa	76
3.1. Diadema: caminhando e construindo.....	76
3.1.1. Passos econômicos e políticos.....	77
3.1.2. Passos culturais e educacionais.....	83
3.2. A proposta educacional Diadema.....	85
3.2.1. A EM Anita Catarina Malfatti - Gestão 2008/2011.....	92
CAPÍTULO IV: Projeto Político-Pedagógico na EM Anita Catarina Malfatti: vivência participativa e dialógica	106
4.1. Projeto Político-Pedagógico: participação para além do falar e do ouvir.....	106
4.2. Projeto Político-Pedagógico: escola como espaço para o diálogo	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
ANEXOS	137

APRESENTAÇÃO

Na presente pesquisa, cujo tema é o Projeto Político-Pedagógico, sob a perspectiva freireana, relato a experiência vivida pela comunidade escolar e local da Escola Municipal Anita Catarina Malfatti na construção, implementação e avaliação do seu Projeto Político-Pedagógico, com o objetivo de identificar e analisar os meios e modos de participação nesse processo. Para alcançar esse objetivo, desenvolvi um estudo de caso, fundamentado nos pressupostos da pesquisa qualitativa.

Nesse trabalho, trarei algumas experiências do cotidiano dessa escola que mostra sua abertura para a participação de todos (pais, alunos, direção, funcionários, professores e comunidade), bem como seu respeito à forma de ser e estar daqueles que a compõem, seus interesses, seus padrões culturais, seus valores, seus saberes e sua linguagem. Freire (2009:42) afirma que somente, a partir do respeito ao outro, é possível construir um espaço favorável para a participação, permitindo a todos a liberdade, a oportunidade e a coragem de intervir e ter voz.

Essa dissertação se estrutura da seguinte forma, cuja descrição vem, a seguir:

Na Introdução, são apresentados alguns passos pessoais e profissionais da minha caminhada, como, também, minha relação com a Pedagogia Freireana, as inquietações, as reflexões e o amadurecimento em relação ao tema pesquisado – projeto político-pedagógico.

No capítulo I, apresento o referencial teórico, que está dividido em quatro partes.

A primeira traz compreensões teóricas e históricas acerca do tema Projeto Político-Pedagógico, com a intenção de introduzir uma breve exposição sobre seu conceito, finalidade, importância, sua existência legal e a possibilidade de sua real existência.

Na segunda parte, discute-se a concepção de Projeto Político-Pedagógico, numa perspectiva freireana, refletindo sobre sua construção, implementação e avaliação, num movimento dialógico, inspirado numa proposta de educação pública popular e democrática e concretizado na gestão de Paulo Freire, como Secretário de Educação do Município de São Paulo (1989-1991). Essa proposta hoje é importante referencial para o desenvolvimento de políticas educacionais por diversas secretarias de educação do Brasil, desde a metade dos anos noventa.

Na terceira parte, estuda-se a categoria participação para além do falar e do ouvir e, na quarta parte, é apresentada a categoria diálogo, como princípio para as possíveis construções. Essas duas categorias foram selecionadas do pensamento de Paulo Freire e são

consideradas indispensáveis para a construção e efetivação do Projeto Político-Pedagógico. As duas fundamentarão o trabalho de estudo e interpretação dos dados coletados.

No capítulo II, se expõe o processo de construção da pesquisa, trazendo considerações sobre o caminho metodológico escolhido para o desenvolvimento desse estudo. Assim, se revela o como e o porquê dessa escolha, tentando justificar a opção por uma, pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso. O trabalho de campo será descrito, relatando as observações, as entrevistas, a análise dos documentos, os sujeitos da pesquisa, a análise dos dados e a escolha da escola.

No capítulo III, é descrito o campo da pesquisa, focando algumas considerações sobre os meios e modos de participação, em Diadema, relatando alguns dos seus passos econômicos, políticos, educacionais e culturais. Pontuando, também, a importância que a Secretaria de Educação do município dá ao Projeto Político-Pedagógico das escolas, uma vez que a mesma assumiu, nos documentos e nas ações, a opção por trabalhar os referenciais freireanos na sua proposta de conquistar uma educação democrática. É mostrado, ainda, um pouco do cotidiano da Escola Municipal Anita Catarina Malfatti, onde foi desenvolvido o estudo de caso, dialogando com os sujeitos que a compõem. Nesse capítulo, portanto, articula-se a história da cidade de Diadema com a história da educação na cidade.

O capítulo IV foca as revelações da pesquisa de campo. Está organizado em dois eixos temáticos, que guiaram esse estudo, norteando a coleta e análise de dados: a participação para além do falar e do ouvir e a escola como espaço para o diálogo, eixos esses que, para a Escola, são vistos como princípio de uma conquista educativa.

Nas considerações finais, há um retomar das ideias básicas dessa pesquisa, visando a responder aos questionamentos que provocaram esse estudo. O Projeto Político-Pedagógico, mesmo envolto em todas as dificuldades reveladas nessa pesquisa e tão conhecidas por todos os profissionais da educação, continua sendo uma possibilidade de recriação da “cara da escola”, num movimento coletivo, que aponta alternativas de superar os entraves impeditivos da construção participativa de uma escola crítico-transformadora.

INTRODUÇÃO

Conforme o tempo passa, percebo que minha caminhada pela estrada da educação traz para minha vida inúmeras contribuições, dentre elas, paciência, sabedoria e amor. Não uso a expressão “a cada dia que passa”, por não poder medir o tempo apenas pelos dias vividos, mas procuro medi-lo pelas experiências adquiridas, pelas pessoas que caminharam comigo, pelos fatos marcantes, comemorações, perdas, vitórias e, especialmente, pelas conquistas que se tornaram marcantes, na minha história, e, muitas vezes, me impulsionaram a buscar sempre mais. Acreditando sempre na possibilidade de ir além, de alçar voo de águia para renovar as forças, afiar as reflexões, reelaborar as ações, no intuito de contribuir para que outros alcancem um viver mais digno, humano e solidário.

Essa pesquisa abarca minha vida pessoal e profissional, pois acredito não ser possível desligar meu trabalho da minha vida, de minhas vivências, influências e de meu cotidiano. Como mulher, esposa, filha, mãe, professora, nesse universo feminino, é importante clarear as especificidades na forma de ver e de sentir o mundo. Assim, é com corpo e alma de mulher e educadora que inicio meu relato.

Aos quatro anos de idade, dei os primeiros passos de uma caminhada, que durará toda minha vida; comecei a frequentar a escola, não como aluna regularmente matriculada, mas para acompanhar minha mãe, que era a professora da classe. Desde então, nunca mais me afastei desse espaço; ora, como aluna, ora, professora, professora-aluna ou professora formadora, gestora, coordenadora. Minha trajetória se deu, em escolas públicas municipais e estaduais da Bahia. Pelas dificuldades próprias de cidades do interior, tive que procurar, na capital, um curso de especialização numa instituição privada.

Incentivada por minha mãe professora leiga¹, que lecionou vinte e cinco anos, numa escola na zona rural, enfrentou os desafios do seu tempo e do seu espaço, dentre eles, dar aulas, na sala da sua casa, até doar parte do seu terreno para a construção do prédio escolar,

¹ Leigo - Termo que se refere aos professores sem qualificação pedagógica. A existência de professores leigos é comum, em países do terceiro mundo, nas áreas mais pobres e, principalmente, na zona rural do Brasil. Em 1999, cerca de 30% dos 456 mil professores de Ensino Fundamental no Norte, Nordeste e Centro-Oeste não tinham habilitação para lecionar. Ainda, de acordo com dados do MEC, do universo de professores leigos existentes no país, na mesma época, cerca de 110 mil não haviam concluído nem o Ensino Fundamental. Para acabar com a figura do professor leigo, o Ministério da Educação (MEC) criou, em 1999, o Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação). Seu objetivo era oferecer um curso para professores sem habilitação. Segundo dados do MEC, o Proformação conseguiu diminuir o número de professores leigos no Brasil para 45 mil, em 2001. (Dicionário Interativo da Educação Brasileira).

que está de pé, até hoje. Tenho lembranças de um tempo, em que ensinar a ler, escrever e fazer tabuada eram as obrigações da escola, enquanto atitudes e valores eram tarefas da família, da igreja e outros órgãos.

Assim, relembro com carinho minha história, digo, com carinho, porque ela tem algo pouco comum. Troquei as bonecas pelas canetas. Em maio de 1986, com apenas quatorze anos, assumi uma sala de aula. A menina era professora e dividia minhas horas entre ensinar e aprender. Nessa ocasião, a aposentadoria da minha mãe, Maria Madalena de Sousa, deixaria a escola de portas fechadas. Por sugestão dela e aprovação do prefeito, Dr. Juracy Pires Gomes, assumi uma turma na então Escola Municipal Sete de Setembro, na Fazenda Espinheiro, município de Brumado/ Bahia.

Dediquei dez anos da minha vida como professora primária de classes multisseriadas², tendo, além de professora, outras funções, como arrumar a escola e fazer a merenda. Acredito que meu amor pela educação tenha nascido e se fortalecido nesses momentos, em que me via na obrigação de acolher meus alunos, em todos os sentidos. Tive o privilégio de escolher que professora eu queria ser, pois, enquanto aluna, acompanhava os meus professores, refletindo suas posturas e reproduzindo, na minha sala, os bons exemplos.

Em 1991, quando concluí o magistério, um sonho movia minha vida: eu precisava ir para faculdade. Não podia parar. Amadureci a ideia e, dois anos depois, ingressei num campus da Universidade Estadual da Bahia, no curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, na cidade de Caetité (BA), terra natal de Anísio Teixeira. No segundo ano do curso, fui convidada a integrar o grupo de professores do Centro Integrado de Educação Maria Sônia/Professor Sá Teles, na Vila Presidente Vargas, lecionando a disciplina Língua Portuguesa para alunos de 5ª a 8ª séries, hoje, 6º ao 9º ano, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). E assim, deixei para trás minha escolinha rural e lembranças do que é ser professora, naquelas condições. Em 2000, após ter concluído a graduação, iniciei uma especialização, na cidade de Salvador.

Após dezenove anos de experiência como docente, no início de 2005, fui convidada a integrar o quadro de diretores da minha cidade e foi, nesse período, que a angústia que me acompanhou, durante todos esses anos, veio à tona: uma escola que fosse, além de tijolos, um

² Classes multisseriadas caracterizam um fenômeno recorrente no sistema educacional brasileiro. Nestas classes, alunos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos por um mesmo professor. As classes multisseriadas ocorrem em regiões, notadamente rurais, onde a escassez de professores, alunos ou recursos inviabiliza a existência de uma escola moderna típica, com alunos distribuídos por classes, conforme a idade, e atendidos por um ou mais professores específicos.

espaço de humanização, onde professor tivesse prazer de ensinar e aluno prazer de aprender. Sempre acreditei numa escola, em que todos fossem responsáveis pelo seu “estar viva”. Como isso seria possível?

Com esse questionamento, iniciei minha relação com a temática dessa pesquisa, ou seja, um Projeto Político-Pedagógico (PPP)³ construído e efetivado com “rigor e alegria”, em parceria com alunos, professores, diretores, funcionários, pais e comunidade, poderia dar vida e sentido à escola. Durante aquele ano, conseguimos desenvolver ações importantes para a escola, mas essas ações não estavam atreladas a um projeto elaborado pela equipe, e talvez isso tenha dificultado o significado de algumas e a existência de outras. Nesse período, vivi uma experiência enriquecedora, pois fui eleita vice-presidente do Conselho Municipal de Acompanhamento e Controle do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), hoje Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB)⁴, e também do Conselho Municipal de Educação⁵, onde os encontros e atividades desenvolvidas pelo grupo enriqueceram minhas ideias e práticas. Com apenas um ano na direção da escola, decidi me afastar do cargo, carregando a certeza de que eu precisava estudar muito, pesquisar, me apropriar de conhecimentos indispensáveis para contribuir para uma educação realmente libertadora.

De volta à sala de aula, decidi dedicar meus dias, esforços e sonhos na busca de mudanças na minha prática, pois tenho a certeza de que ainda há muito que fazer no que diz

³ "O PPP se torna um documento vivo e eficiente na medida em que serve de parâmetro para discutir referências, experiências e ações de curto, médio e longo prazo", diz Paulo Roberto Padilha, diretor do Instituto Paulo Freire, em São Paulo.

⁴ O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) atende a toda a educação básica, da creche ao ensino médio. Substituto do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), que vigorou de 1997 a 2006. O FUNDEB está em vigor desde janeiro de 2007 e se estenderá até 2020. A estratégia é distribuir os recursos pelo país, levando em consideração o desenvolvimento social e econômico das regiões, a complementação do dinheiro aplicado pela União é direcionada às regiões, nas quais o investimento por aluno seja inferior ao valor mínimo fixado para cada ano. Ou seja, o FUNDEB tem como principal objetivo promover a redistribuição dos recursos vinculados à educação.

⁵ O Conselho Municipal de Educação (CME) é uma das instituições oficiais do Sistema Municipal de Ensino, que assume responsabilidade compartilhada com os órgãos do Poder Executivo Municipal (Secretaria Municipal de Educação, Delegacias Regionais de Ensino, Escolas etc.) para cumprimento do que estabelece o art. 11 da LDB - Lei 9394, de 20/12/96.

respeito à prática docente, no tocante à relação entre teoria e prática. Como professora, tive nas minhas inquietações sempre presente o “por quê” de os alunos gostarem da escola e detestarem as aulas. Seria sua má elaboração, a falta de interação entre os participantes ou a distância percebida por eles entre o que se diz e o que se faz. Claro que motivos e razões diversas contribuem para essa situação.

Registro, também, que nessa minha caminhada, sobretudo, enquanto estive como diretora, confirmei que muito da vida de uma escola tem a ver com a direção, afinal, é vista como líder e deve agir, como tal. Portanto, acredito que o Projeto Político-Pedagógico deva nascer da responsabilidade social, dos sonhos e das atitudes de um diretor, que, a partir desse momento, deva criar, juntamente com a coordenação pedagógica, estratégias de mobilização e, em especial, de motivação para que todos se envolvam com compromisso e ética e que tenham o mesmo sonho de mudança.

Tudo que vi, ouvi e senti, durante esses vinte e três anos no mundo da educação, serviram para que eu entendesse que a educação, como diz Freire, não muda a sociedade, mas sem ela, a sociedade não se transformará. Para isso, faz-se necessário quebrar paradigmas enraizados no tempo e na história, na busca da conquista de práticas emancipatórias. A construção e a implementação do Projeto Político-Pedagógico, de forma coletiva, e funcionando como um autêntico guia das ações da escola, constitui uma possibilidade, dentre outras intervenções, para se conquistar essas práticas emancipatórias.

No ano de 2005, enquanto estive como diretora escolar, recebi o convite para atuar como tutora, na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC)- Educação a Distância, no curso Normal Superior, hoje, extinto, e substituído por Pedagogia, na cidade de Paramirim (BA). Uma mistura de sentimentos tomou conta de mim e incentivada por um colega, aceitei o desafio. Era uma turma com 54 alunos, que nos encontrávamos, todos os sábados. Estudando os módulos, lia textos reflexivos de Paulo Freire. Nessas leituras, tive um encontro quase que real com esse mestre. Mesmo já tendo ouvido falar de suas contribuições para a educação pública brasileira, foi assim que comecei a fazer leituras nas entrelinhas e entender os fortes indicadores de mudanças na escola propostos por Freire.

O meu interesse pela pedagogia freireana aumentava a cada leitura, cada reflexão e a ideia que mais se destacava era o comprometimento com a humanização e a libertação do ser humano proposta na teoria de Freire. Teoria essa que sempre priorizou o envolvimento dos indivíduos, ao se pensar e ao se concretizar práticas, sejam elas na família, na sociedade ou em qualquer outra situação. Freire (2009:145) lembra que “(...) os homens como seres, que não podem ser fora da comunicação”. Assim, surge minha afinidade com a vida e obra de

Paulo Freire, educador recifense, nordestino, brasileiro, cidadão do mundo, que tem influenciado reflexões, Brasil a fora, acerca de práticas educativas que podem ser renovadas e recriadas sempre.

Na busca pelo aprofundamento teórico dos referenciais freireanos para uma educação pública popular e democrática de qualidade, iniciei as leituras das obras de Freire. A primeira delas foi a *Pedagogia da Autonomia*, em que observei a importância e a necessidade de cultivar os vários saberes necessários à prática educativa. E com inúmeras leituras freireanas, permeando meu cotidiano de professora, comecei a perceber a voracidade e a amorosidade do pensamento de Paulo Freire, ao sugerir que os indivíduos construam conhecimentos, refletindo sobre sua realidade e buscando desenvolver consciência crítica. Tudo isso, dentro de uma relação dialógica, na qual os envolvidos compreendam que “aprendemos ao ensinar e ensinamos ao aprender”.

Por meio desse aprofundamento teórico, percebi que a pedagogia freireana pressupõe a formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos, capazes de se compreender e compreender o mundo, em si. A formação desses sujeitos implica uma escola também autônoma, crítica e criativa, que seja capaz de compreender o ser como um sujeito inconcluso, que busca permanentemente “ser mais”⁶. Dessa forma, a autonomia da escola pode ir além do pedagógico e alcançar os setores administrativo e financeiro, buscando, assim, a vivência de uma gestão democrática, que crie condições para a participação das comunidades interna e externa nas discussões e decisões do cotidiano escolar. Lembrando, contudo, que a concretização de uma gestão democrática exige definição de políticas públicas educacionais que criem mecanismos e instrumentos que viabilizem os meios e modos de participação no dia a dia da escola.

Na perspectiva freireana, a gestão democrática é um dos princípios para a conquista e concretização de uma educação de qualidade. A concretização dessa gestão torna-se possível pela pedagogia da participação, pela construção e efetivação do PPP. Um planejamento participativo, cuja intenção é melhorar o processo de ensino e aprendizagem, se efetivará por meio da participação da comunidade escolar e local nas discussões, elaboração e efetivação das ações, na escola.

⁶ Ser mais – vocação para a humanização, segundo a proposta freireana, é uma característica que se expressa na própria busca de ser mais através do qual o ser humano está em permanente procura. (Dicionário Paulo Freire, 2008:369).

Na perspectiva freireana, se propõe uma escola democrática que tenha a participação e o diálogo como princípios para a construção de conhecimentos, favorecendo, assim, a libertação dos seres humanos. Para isto, faz-se necessário pensar “uma escola democrática, em que se pratique uma pedagogia da pergunta” (Freire, 2006:74) Essa ideia revela que só se democratiza a escola com participação, criando condições para que os diálogos aconteçam, permitindo a escola não somente ensinar conteúdos, mas também a pensar certo.

A participação dentro da escola é necessária e viável, afinal uma das virtudes da educação democrática é se tornar um instrumento de participação, para, então, promover o desenvolvimento dos seres humanos. Nesse trabalho, busco afirmar que a participação na escola pode se concretizar, também, pela construção e efetivação do seu PPP, levando em conta cada realidade local e a contribuição que cada um pode oferecer.

Na construção do PPP, faz-se necessária uma participação conquistada, no intuito de favorecer a construção de conhecimento, sem se afastar dos conhecimentos previamente construídos, no cotidiano, e valorizando a diversidade cultural de cada um. A escola deve, portanto, criar condições para a construção de um espaço realmente significativo para as aprendizagens, as interações, as convivências, onde o respeito, a solidariedade e a tolerância sejam cultivados, diariamente, ao falar, ao ouvir e ao agir. Freire (2006) fala da possibilidade de termos uma escola séria e alegre, dentro de um projeto de educação democrática, que favoreça o diálogo sobre a vida pedagógica da escola, onde todos os envolvidos tenham liberdade de participar das discussões e ações. Nessa escola, o conhecimento não se transfere, nem se transmite de uma pessoa para outra, como se fosse doação, pois, como afirma Freire (2006:120) que “conhecimento⁷ se cria, inventa, reinventa, aprende. O conhecimento se faz”.

O desejo de aprender me movimentava e esses anos foram de busca pela compreensão do processo de ensino e aprendizagem e de reflexões sobre meu crescimento pessoal e profissional, sempre acreditando que a vida pode e deve ser um aprendizado constante. Se os desejos são eternos, continuo na busca da melhoria da prática, pois, como educadora, acredito numa educação que promova o desenvolvimento e a socialização dos seres. Assim, me fazer educadora pesquisadora é mais que um sonho, é um sentimento de uma necessidade enorme de descobrir e redescobrir o mundo da educação. Baseada em minhas experiências e diversas leituras, afirmo que ensinar constitui uma tarefa complexa que

⁷ O conhecimento, como resultado de processo de aprendizagem, não existe no abstrato. (Dicionário Paulo Freire, 2008:85).

envolve saberes necessários à função docente; manter-se atualizado é uma necessidade, nos tempos contemporâneos, assim como desenvolver atitude constante de pesquisa. Ser professor implica tornar-se sujeito da sua aprendizagem, reflexivo, crítico, inovador. Mudanças de paradigmas, atitudes de ação/reflexão/ação é uma necessidade, no sentido de se dar outro viés à educação.

Assim, entre leituras e reflexões, iniciei, por opção, o aprofundamento sobre as ideias freireanas e sua contribuição para mudanças necessárias, na minha prática, porém, não posso deixar de registrar que outros autores começaram a fazer parte dessa busca, entre eles, Rubem Alves que muito me encantou com o texto *Escolas Gaiolas e Escolas Asas* e também o seu livro: *Conversas com quem Gosto de Ensinar*.

Com essa sede de adquirir novos saberes para possíveis intervenções no meu fazer pedagógico, envolvi-me com o pensamento freireano e esse envolvimento me levou à PUC-SP, para o Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo, acreditando que, pela história da Universidade com Paulo Freire, estaria me aproximando, de forma mais profunda, das suas ideias.

Dessa forma, cheguei à Cátedra Paulo Freire, conhecida como um espaço acadêmico privilegiado para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre e a partir do pensamento freireano. A Cátedra tem a coordenação da Prfa. Dra. Ana Maria Saul, que desenvolve uma pesquisa coletiva, em nível nacional, intitulada: “A presença de Paulo Freire na educação brasileira: análise de sistemas públicos de ensino a partir da década de 90”. A pedagogia freireana é o foco de investigação do grupo de pesquisadores⁸ que compõem a Cátedra, desenvolvendo teses e dissertações, com os seguintes objetivos:

⁸ Os pesquisadores com seus respectivos temas/títulos das pesquisas, em andamento são: 1 – João Domingos Carvalho Júnior: A formação permanente do Professor de Matemática na perspectiva freireana: um estudo de caso no município em Diadema/SP; 2 – Elenir Aparecida Fantini: Referências freireanas para o ensino de leitura: um estudo de caso no município de Diadema/SP 3 – Maria de Fátima da Fonseca: A educação de jovens e adultos na perspectiva freireana: um olhar sobre a experiência municipal de Diadema/SP; 4 – Sônia Regina Vieira: Formação permanente de educadores na perspectiva freireana: um olhar sob a experiência de Diadema/SP; 5 – Patrícia Lima Dubeus Abensur: A construção curricular na perspectiva freireana: um relato de experiência vivenciada na E. M. Santa Rita, na cidade de Diadema/SP; 6 – Simone Fabrini Paulino: A prática da participação na política educacional do Município de Diadema – São Paulo: a influência dos referenciais freireanos; 7 - Solange Lima de Oliveira: Formação para a participação: perspectivas freireanas para a educação infantil no município de Diadema/SP; 8 – Denise Regina da Costa Aguiar: A construção da Pedagogia Freireana na implantação dos ciclos de infância numa escola do Município de Diadema/SP; 9 – Regina Maria de Sousa Lima: Projeto Político-Pedagógico na perspectiva freireana: participação e diálogo.

- ✓ Subsidiar o fazer “político-pedagógico” das redes públicas de ensino comprometidas com a democratização da educação;
- ✓ Identificar e analisar a influência de Paulo Freire, nos sistemas públicos de ensino, no Brasil;
- ✓ Construir um banco de dados sobre as diferentes gestões das redes públicas de ensino do Brasil, sob influência do pensamento de Paulo Freire;
- ✓ Documentar e publicar os resultados da pesquisa e divulgá-los no site da Cátedra Paulo Freire, de modo a permitir uma consulta permanente e uma interação constante entre os educadores interessados;
- ✓ Articular pesquisadores e pós-graduandos de várias regiões do país e do exterior, que investigam a influência de Freire na educação e, em especial, nos sistemas públicos de ensino;
- ✓ Divulgar os resultados da pesquisa em eventos nacionais e internacionais. (SAUL, 2006a).

O pesquisador, quando chega à Cátedra Paulo Freire, certamente, já tem um conhecimento do pensamento de Freire, pelas leituras das suas obras, porém, é nesse espaço para pesquisar e reinventar o legado freireano que esse encontro caminha, para além do conhecer, e vai em direção do buscar fazer.

O espaço da Cátedra contribui significativamente para esse além do encontro, uma vez que propicia leituras e discussões coletivas das obras freireanas. As interações com outros pesquisadores resultam em aprendizagens que conduzem ao caminho de reinventar o legado de Freire, pois, como diz Cortella (2005), fazer como Paulo Freire não é fazer aquilo que ele fez; é fazer o que ele faria se estivesse, no nosso lugar. Conviver com o grupo da Cátedra e tendo a oportunidade de participar de discussões sobre o pensamento de Freire e sua convocação para reinventar a vida e, em especial, a escola pública, mantém em mim, acesa a chama da esperança⁹ de um ensino público de qualidade, dentro de uma escola, que não seja apenas paredes, mas construções humanas.

Nesse sentido, a pesquisa deixa de ser uma simples verificação de resultado ou de conclusões de situações e passa a ser a mais constante busca de novos olhares para a educação, no sentido libertador e democrático proposto por Freire. Novos passos em direção à conquista de uma educação que liberta são dados, a cada aula. Esse espaço de pesquisa e

⁹ A esperança se faz presente como condição para o diálogo, junto com o amor, a humildade, a fé nos homens e nas mulheres. “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança, enquanto luto, luto com esperança, espero. (Dicionário Paulo Freire, 2008:161).

convivência tem possibilitado aprofundar os conhecimentos das categorias freireanas que permitem viabilizar seu uso, como subsídio facilitador da mudança, nas nossas práticas. Nos estudos coletivos, há a oportunidade de constatar a relevância e pertinência contemporânea das concepções freireanas e também confirmar a imensa fertilidade das obras e do pensamento de Freire.

Saul lembra que o pensamento de Freire estava sempre focado em propor uma educação para libertação, deixando explícito seu repúdio à educação bancária:

{...} Ele fazia questão de ressaltar que os nossos desejos, os nossos sonhos de professores seriam confrontados com os sonhos dos alunos, por isso, propunha que a primeira coisa que faríamos em sala de aula seria discutir a proposta com os alunos. (SAUL, 2005, p. 47)

A Cátedra tornou-se um espaço significativo para minha formação docente, pois ampliava, a cada encontro, os meus conhecimentos e me permitia construir novos, dando-me subsídios para a aplicabilidade no meu fazer pedagógico. Os diálogos, ali, realizados me propiciavam o caminhar, refletindo sobre minha prática, em direção à construção de uma escola geradora de alegrias, democrática, onde professores e alunos, de maneira coletiva e dialógica, possam construir conhecimentos.

Essa pesquisa, como foi mencionado anteriormente, faz parte de um conjunto de estudos que se articulam, especialmente, pelo interesse comum que são as práticas iluminadas pelo pensamento de Paulo Freire. Assim, o campo a ser pesquisado, Escola Municipal Anita Catarina Malfatti, atendeu às demandas e interesses, que, por meio da coleta de dados, foram reveladas as influências do pensamento freireano, que vêm contribuindo para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

No ano de 2010, o município de Diadema-SP se tornou meu campo de pesquisa para uma investigação, pelo fato de o município ter assumido uma política educacional, em documentos e nas práticas, fundamentada na pedagogia freireana, além de ter como princípio para o enfrentamento dos seus conflitos político-sociais a participação popular, abrindo espaços para diálogos entre os construtores da história diademense. Desde 1983, Diadema passou a ter governantes preocupados em práticas democráticas, incentivando a participação popular na administração municipal, e construindo, assim, governos comprometidos com a democratização, como forma de se fazer uma sociedade mais humana, justa e igualitária,

como se observa no “Caderno Introdutório – O Movimento de Reorientação Curricular em Diadema”.¹⁰

A sucessão de governos democráticos e populares em Diadema, a partir de 1983, deu à cidade um caráter de democratização na administração municipal, criando-se canais e mecanismos de participação da sociedade na gestão pública, estendendo-se até os dias de hoje. (DIADEMA, 2007:28).

Diadema traz, na sua história, 27 anos de lutas, buscando parcerias entre a população e o poder público para o enfrentamento das inúmeras dificuldades, que o cotidiano produz. Somente com uma gestão democrática e participativa poderão ser vislumbrados os possíveis caminhos para esse enfrentamento e resolução dos problemas. No entanto, propor uma gestão democrática e participativa não é suficiente para as intervenções necessárias, é preciso criar condições para que a participação popular saia do plano imaginário para o plano real, dando vez e voz aos envolvidos. Nesse sentido, o governo municipal incentivou, entre outras atividades, a participação da sociedade, ao criar os projetos de Ação Compartilhada e o Primeiro Congresso de Educação Popular. Essas ações tinham o objetivo de analisar e viabilizar possibilidades e propostas para o enfrentamento dos problemas da cidade, como também as possíveis soluções, dentro de uma proposta que envolvesse os vários setores da sociedade, sem abrir mão da participação popular.

Nessa proposta de participação democrática, o objetivo, também, é a construção de uma educação libertadora, para além dos muros da escola, uma educação com ideais voltados para a formação de um ser humano tolerante, solidário, um ser realmente pensante. Freire (2006) alerta que a educação não é alavanca para a transformação da sociedade, porém, sem ela, não firmaremos um compromisso com o futuro, que se constrói, num presente em constante processo de transformação. Portanto, a educação¹¹ nesse município, com propostas curriculares definidas, a partir de um trabalho pensado e concretizado por muitas mãos e

¹⁰ Esse movimento se caracterizou pelo processo de construção curricular em Diadema, no período de 2001 a 2007, com momentos de análises, reflexões e sistematização, com a participação de toda a comunidade, num movimento que compõe a história da Educação em Diadema. (Diadema/2007).

¹¹ Educação, no enfoque da política educacional de Diadema, é um espaço de construção da identidade social e individual dos sujeitos, construída na concepção de escola enquanto espaço de inclusão, de pluralidade cultural, de formação contínua, onde se forma, formando o outro, de democracia real, de confronto entre a realidade existente e a realidade desejada. (Diadema, 2007:11).

ideias, tem se tornado um diferencial, na realidade da Secretaria de Educação Cultura, Esporte e Lazer (SECEL) e nas escolas de Diadema.

Para a Secretaria “democratizar é construir participativamente um projeto de educação de qualidade social” (Diadema, 2007:9). Essa democratização implica a ampliação de espaços de participação na escola, favorecendo, assim, a elaboração e a execução de ações voltadas para o desenvolvimento dos espaços e das pessoas, e visando a uma educação de qualidade. Nesse sentido, a proposta curricular do Município de Diadema assume que:

A qualidade da educação é construída na concepção de escola enquanto espaço de inclusão, de pluralidade cultural, de formação continua onde se forma, formando o outro, de democracia real, de confronto entre a realidade existente e a realidade desejada. A educação vista e concebida como um direito inalienável da população é dever e responsabilidade do poder público, a fim de garantir o acesso dos brasileiros a ela para que crianças, jovens e adultos, oriundos da classe trabalhadora entrem na escola e lá permaneça tempo necessário para a aprendizagem. (DIADEMA, 2006:10)

A SECEL fez opção por uma gestão democrática, em que cada escola tem liberdade de criar e recriar seus projetos, em diálogo com todos os participantes, levando em conta a realidade de cada localidade. Dessa forma, a Secretaria repudia os programas prontos e defende a importância e necessidade de “um currículo inovador, em que todo trabalho pedagógico realizado na esfera do cotidiano escolar, vem sendo problematizado, refletido e sistematizado, com o intuito de construir participativamente esse currículo” (Diadema, 2007:4). Para a concretização dessa nova proposta, o Município organizou, em parceria com escolas e comunidades locais, o seu projeto de educação, fundamentado em sete eixos: Dignidade e Humanismo; Cultura; Democratização da gestão; Formação de formadores; As diferentes linguagens; Meio ambiente e Educar e cuidar.

Dentro dessa proposta curricular, fundamentada na relação dialógica adotada por Diadema, nota-se a opção por trabalhar com os pressupostos freireanos, uma vez que se acredita no conhecimento como algo a ser construído e reconstruído, constantemente, entre sujeitos em interações, respeitando e valorizando o que cada ser traz consigo. A escola é entendida como um lugar de encontro de diferentes culturas e o professor como aquele que aprende, ao ensinar. Portanto, a proposta curricular é um dos documentos que nos permite afirmar ser Diadema um município que assume a proposta freireana como princípio para a construção de uma educação democrática, para a definição das suas políticas e que vem motivando alguns pesquisadores da Cátedra Paulo Freire do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP, a investigar a política educacional que vem sendo desenvolvida no município.

Paulo Freire anunciou e defendeu uma educação como prática da liberdade que levasse os indivíduos a compreender seu inacabamento e sua permanente busca pelo ser mais, “uma educação em favor das gentes” (2006:71), em que os seres se sentem e agem como sujeitos e não como objetos. A educação democrática supõe envolvimento, interações para a construção de conhecimentos, a partir da concepção de que ensinamos e aprendemos o tempo todo, todo tempo. Uma relação dialógica entre professor e aluno, com respeito e confiança, proporciona viver a verdadeira aprendizagem, aquela que permite aos indivíduos se reconhecerem como sujeitos construtores de histórias, capazes de contribuir para construção de um mundo melhor para todos.

Vivenciou-se, ao longo da história, uma concepção de educação que se baseava fundamentalmente, em transmitir conhecimentos a sujeitos passivos, que apenas teriam de memorizar e repetir o que lhes foi transmitido. “Eis aí a concepção”bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los” (Freire, 2009:66), impondo ao homem uma educação como prática da dominação, um falso saber, reduzindo-o à condição de objeto para ser manipulado, domesticado. Faz-se necessário um olhar atento a uma realidade carente de atitudes que levem o outro a se sentir “gente”, que valorizem os saberes de cada um, que criem situações, em que se encontrem sujeitos colaborando com a construção de suas próprias histórias, afinal, essa é uma das maiores necessidades do ser humano: ser valorizado, aceito e incluído.

Em diferentes épocas, as finalidades da educação estavam diretamente vinculadas aos interesses de determinados tipos de organizações. Nesse sentido, o Brasil conta com uma história perversa, “mantendo-se o sistema de educação das elites fundamentalmente fechada às classes populares” (Teixeira, 2009:29). Até o início do século XX, a educação pública servia a uma pequena parcela da população¹² que precisava se preparar para assumir posições de destaque, que exigiam um alto nível de escolarização. A escola se preocupava em formar essa minoria para distingui-la do restante da população e assim manter os privilégios da elite brasileira.

¹² Atualmente, o maior crescimento na taxa de escolarização – percentual dos que frequentam a escola – se deu entre as crianças de 4 e 5 anos e os jovens de 15 a 17. Entre as crianças daquela faixa etária, 86,9% estão na escola, o que representa aumento em relação a 2008, quando a taxa era de 76,2%. Já entre os adolescentes de 15 a 17 anos, a taxa de escolarização em 2009 ficou em 90,6%. Em 2008, era de 84,5%. A escolarização dos brasileiros aumentou. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que a proporção de pessoas que tinham pelo menos 11 anos de estudo subiu de 25,9%, em 2004, para 33%, em 2009, e que 97,6% das crianças de 6 a 14 anos estão na escola. (PNAD, 2010).

A partir da década de 60, alguns movimentos políticos, sociais, culturais e de educação popular¹³ começam a surgir, impulsionando lutas para a democratização da sociedade brasileira, envolvendo estudantes, artistas, líderes políticos, cidadãos que começavam a ver possibilidades de criar uma nova forma de se buscar melhor qualidade de vida para a população. Nesse contexto, a educação pública escolar aparece como um ponto de partida. Até a década de 80, o movimento de acesso das camadas populares à educação foi crescendo, devido às várias demandas daquela época. Uma delas era o crescimento do mercado de trabalho, exigindo mão de obra qualificada. Nesse sentido, Freire afirma que:

(...) a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudanças de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem nos brasileiros antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição. (FREIRE, 2009:101).

Aos movimentos em prol da escola pública que surgiram, a partir da década de 60, Freire deu o nome de fase de transição, em que era proposta a democratização da educação, sugerindo remeter o homem da condição de objeto para a condição de sujeito, tendo-o como participante dessa renovação. Para Sacristan (2002:231), “a escola não lida com cidadão abstrato, mas com seres imersos em realidades culturais”. Esses cidadãos são capazes de contribuir com o seu próprio desenvolvimento, pois como seres inconclusos, são dotados de uma enorme necessidade de se melhorarem. Freire (2009) relata que, como sujeitos, e não como objetos, os homens se refazem, se melhoram pelo diálogo, em que têm a oportunidade de, em discussões com outros seres, participar. Afinal, a participação é um dos princípios para a construção de uma educação libertadora.

Participando, os sujeitos se afirmam como seres no mundo e com o mundo, segundo Freire, para tornar a escola um espaço favorável para as melhorias dos seres e de suas atitudes, e para desvelar e enfrentar os conflitos sociais, econômicos sociais e culturais de uma época de dúvidas e incertezas.

A esperança na construção de um mundo melhor se sustenta, também, em uma educação de qualidade para todos. Segundo Teixeira (1996), “a escola deverá proporcionar a todos e cada um igualdade de oportunidade para o desenvolvimento de suas aptidões e

¹³ Educação popular: a busca por condições dignas de vida e a possibilidades de afirmação de identidade constitui uma das marcas da participação das classes populares nos movimentos sociais da modernidade. (Dicionário de Paulo Freire, 2008:139).

talentos”. A participação, como princípio para a conquista de uma escola dialógica, inclusiva e alegre, parte da ideia de que participar é muito mais do que colaborar, mas é envolver-se nas discussões, reflexões e decisões, com sugestões, opiniões e questionamentos, não esquecendo que, para Demo (2009), a verdadeira participação deve ser conquistada.

Nessa perspectiva, Veiga (2009:31) afirma, então, “para que isso seja possível, há necessidade de se instalar mecanismos institucionais, visando à participação política de todos os envolvidos com o processo”, o que nos remete às palavras de Freire (2006:75), ao propor que esse é o “caminho para a realização democrática”. Ao pensar nos mecanismos institucionais, Veiga, (2009:18) sugere que “trata-se da participação crítica na construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP)”. Esta participação implica presença que participa, que sugere, intervém e decide e não apenas um comparecimento para validar decisões tomadas isoladamente, ou, ainda, para realizar serviços e tarefas. A presença da comunidade interna e externa na escola, hoje, é a necessidade de se gestar uma nova organização dentro da escola, levando em conta um trabalho coletivo de muitas mãos e ideias, na esperança de uma escola, para além da função de ensinar, mas que se preocupa com a formação do cidadão.

Hoje, não se pode deixar de reconhecer que houve avanços, no sentido de a escola pública acolher toda a sociedade, mesmo sofrendo os resultados de uma história pouco favorável às mudanças que levassem à democratização da escola, como o descaso na formação dos professores, os baixos salários e a deterioração das escolas. Também não se pode deixar de sonhar e de ter esperança na escola como projeto social que contribui para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e humana. Nessa escola, a comunidade, ao ser mobilizada para participar, estão todos sendo convidados a serem sujeitos, colaboradores na construção da escola desse tempo, desse momento histórico.

Nesse sentido, Vasconcellos (2009:24) lembra que “a participação é uma resposta a um dos anseios mais fundamentais do homem: ser levado em conta, tomar parte, ser incluído, ser respeitado”. Na década de 60, quando se iniciaram os movimentos populares, muitos educadores, artistas e intelectuais ansiavam por uma maior participação popular no que diz respeito à política, cultura, economia e educação, visando assim, a uma sociedade com um mínimo de oportunidade para o povo, já que era anseio do homem ser visto, aceito e posto em interações com ideias e ações.

Freire (2009:98), como educador comprometido com educação para a libertação do homem, afirmava que “necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”, sugerindo uma educação que possibilitasse ao ser a discussão corajosa dos problemas pertencentes ao seu tempo e espaço. A escola, para Freire,

não podia somente falar, era preciso abrir espaço para o ouvir, afinal, diálogo é o diferencial das instituições, dos seres que se propõem mudar práticas, rever posições, recriar espaços e promover desenvolvimento.

Se tomarmos como princípio que o ser humano é incluso e que sua real necessidade é a busca pela sua completude, faz-se necessário rever nosso histórico de participação nessa busca. Portanto, em quais situações do cotidiano, o ser humano é instigado a participar da criação de algo que ele desenvolverá? Parece-nos que os indivíduos são convidados apenas para desenvolver atividades, que eles desconhecem a origem, os propósitos, tornando-se, assim, atividades pouco interessantes, nas mãos de seres tratados como objetos, que mecanicamente executam tarefas. Nesse sentido, educação que se preocupa com o desenvolvimento do indivíduo, precisa voltar sua atenção para a necessidade de rever a estrutura da escola, partindo da sua forma de organização, levando em conta o que diz Freire (2009:151) “os homens se libertam em comunhão”. Não há outra forma que favoreça o desenvolvimento das pessoas que sua contribuição, ao discutir, opinar, questionar sua realidade, para, então, modificá-la, exercendo, assim, seu papel de sujeito da transformação.

Cotidianamente, convivemos com escolas, onde a participação é tímida, limitada, onde até se anuncia, porém, a sua vivência não é praticada e os envolvidos são apenas receptores e executores de atividades, que não colaboram com a formação de cidadãos autônomos, criativos, questionadores e felizes. A proposta para a construção de uma educação para a libertação dos seres, eixo central da concepção freireana de homem compreendido como sujeito e não como objeto, implica de os homens participarem da construção do seu próprio mundo, criando cultura¹⁴, fazendo e refazendo histórias e transformando realidades.

A escola se esquece de que a participação é o caminho para a busca e concretização da democracia. Neste espaço escolar, a participação pode ser concretizada, também, pela elaboração participativa do Projeto Político-Pedagógico da instituição. De acordo com Vasconcellos (2009:27), “a elaboração participativa do Projeto Político-Pedagógico é uma oportunidade impar de a comunidade definir, em conjunto, a escola que deseja construir”. A construção dessa escola é um trabalho coletivo, objetivando a formação de um cidadão que se desenvolve, constantemente, no seu cotidiano.

¹⁴ Cultura, Segundo Paulo Freire, fazer cultura implica aprender a expressar “uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época é atividade humana de trabalho produzido por diferentes movimentos e grupos culturais do povo. (Dicionário Paulo Freire, 2008:99).

O PPP construído coletivamente, dando vez e voz aos envolvidos no processo educativo permite aos participantes a contribuir para o seu próprio desenvolvimento, como também para a melhoria do espaço escolar, visando à transformação da realidade. Para Veiga (2010:45) o “Projeto Político-Pedagógico representa um desafio, em busca de novas trilhas para a escola”.

A elaboração coletiva do Projeto Político-Pedagógico traz a possibilidade de a escola trilhar o caminho da solidariedade, do respeito pelo saber do outro, da construção e reconstrução coletiva de conhecimentos e viver a essência da partilha de poder, num espaço, onde todos falam e ouvem. Atendendo, conseqüentemente, às expectativas dos pais, dos alunos, dos funcionários, da comunidade, na busca da construção de uma escola de qualidade para todos. Sabe-se que presença que participa é, ainda, pouco encontrada nas escolas e, dessa forma, as dificuldades da realidade local, também, são pouco percebidas, uma vez que essa realidade não é questionada e nem levada para dentro da escola, para ser discutida e analisada, para se encontrar possibilidades de melhorias. Nesse sentido, o PPP articula os vários saberes, as novas expectativas para a construção de possíveis intervenções.

De acordo com Freire (2006:32), “quanto mais alguém, por meio da ação e da reflexão, se aproxima da ”razão”, do “logos” da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, mas alcançará o seu desvelamento”. A participação da comunidade interna e externa no cotidiano escolar busca a possibilidade de uma educação libertadora, que traz como princípio um sujeito que participa e que, num movimento dialógico, desvela as várias formas de se engajar na luta pela conquista de uma escola, onde as relações e as interações promovem as transformações necessárias. Dessa forma, o PPP construído, participativamente, tenta levar a escola para o movimento de construção coletiva, uma construção que vai das atividades, passando pelos conteúdos, pelo apoio pedagógico ao professor, pelas reuniões de pais, fechando, assim, um círculo, em que nada mais acontece, isoladamente, fora do crivo de todas as vozes.

No entanto, a construção e efetivação do PPP não é uma tarefa fácil, uma vez que propor e concretizar participação dentro da escola exige esforço, dedicação e paciência. A escola tem a obrigação de criar condições materiais, pedagógicas e estruturais para essa construção, viabilizando, juntamente aos órgãos responsáveis e aos envolvidos no processo, os possíveis meios e modos de participação, de modo a facilitar a composição e harmonia das vozes que discutirão e decidirão as atividades. Como defende Freire (2006:83), “a escola pública que desejo é a escola que estimula o aluno a perguntar, criticar, a criar (...)”. Para ele,

mudar a escola implica ouvir todos que a fazem e essa mudança não se faz de um dia para outro, nem por decreto de secretários, mas ouvindo pessoas e articulando ideias.

A pedagogia freireana defende a importância e a necessidade de uma escola pública popular e de qualidade, construída coletivamente, levando em conta a realidade dos seus envolvidos, como, também, a contribuição que cada um pode trazer. Estes e outros aspectos foram encontrados, ao ler a Proposta Curricular do Município de Diadema, como também numa visita exploratória à cidade. Esses aspectos fizeram-me optar por Diadema para o campo de estudo.

Essa pesquisa, caracterizada como um estudo de caso, tem como objetivo observar o cotidiano de uma escola, no Município de Diadema, e verificar como são concretizados os meios e modos de participação da comunidade escolar e local na construção e efetivação do PPP. Assim, foi solicitada à Secretaria de Educação do Município a indicação de uma escola, onde a prática da participação¹⁵ fosse algo vivenciado, no cotidiano. Dessa forma, a intenção era localizar uma escola que possuísse uma história bem sucedida de participação da comunidade escolar e local na reorganização do seu cotidiano.

No período de investigação, foram realizados os estudos teóricos e desenvolvida a pesquisa de campo. Nos estudos teóricos, foi focada a literatura relacionada à metodologia de pesquisa, técnicas de coletas e análise de dados, a partir de Luna (2007), Chizzotti (1998), André (2005) Minayo (2004), Neves (1996), Ludke e André (1986), Yin (2003), Richardson (1999), Abramowicz (1996).

Para os estudos sobre participação, me apoiei em Demo (2009), Lima (1992), Boridinave (1994). Para aprofundar os estudos sobre Projeto Político-Pedagógico, foram consultados Vasconcellos (2009), Veiga (2009) Santos Neto (2004) Casalli (2004). Outros autores, como Apple (2001; 2006), Cortella (2008), Fazenda (1995; 2010), Teixeira (1996), Sacristan (2002), Saul (2005; 2010), Gadotti (1992), Masetto (2003), Giffoni (2009), Dalbério (2007), Padilha (2007) Campos (2010).

Durante a pesquisa de campo, foram realizadas nove visitas à Escola, no período de um ano, onde tivemos a oportunidade de observar o cotidiano da escola e os seus passos para a construção do seu PPP. Além disso, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com coordenação, professores e alunos. A coleta, a análise e a organização dos resultados

¹⁵ Para Freire, a participação não pode ser vista e desenvolvida como uma pura colaboração, mas como “exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir” (...) (Dicionário Paulo Freire, 2008:302)

foram utilizadas como eixos norteadores da nossa investigação, uma vez que ofereciam subsídios para os estudos.

Essa investigação ganha relevância individual e social, ao oferecer oportunidade de se conhecer a importância e a necessidade de se observar práticas bem sucedidas, divulgá-las e reproduzi-las. Observar e registrar os meios e modos de participação de uma Escola Municipal, em Diadema, São Paulo, me fez conhecer as possibilidades de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico, como um dos caminhos para conquista e consolidação de uma educação para a libertação do homem, que é a proposta da Secretaria de Educação do Município de Diadema.

CAPÍTULO I - A PEDAGOGIA FREIREANA COMO REFERENCIAL TEÓRICO

Todo Projeto Pedagógico é político e se acha molhado de ideologia (Paulo Freire)

Esse capítulo tem como propósito explicitar o referencial de Paulo Freire, que fundamenta teoricamente essa pesquisa, levando à compreensão de que a construção de uma escola democrática requer a construção de uma cultura de participação, oposta à cultura de domesticação. Isto pressupõe diálogo¹⁶, indispensável caminho para esse processo, pois se quer trabalhar com o cidadão e não para o cidadão, é fundamental ouvi-lo. A construção de uma educação democrática deve ser pautada na realidade dos envolvidos, integrada, também, ao seu tempo e espaço. Mas, como concretizar essa educação? A pedagogia freireana aponta um projeto ativo, dialógico e participativo, como possibilidade de dar os primeiros passos de uma longa caminhada.

O capítulo está dividido em quatro partes. A primeira aborda compreensões teóricas e históricas sobre o termo Projeto Político-Pedagógico. A segunda apresenta o Projeto Político-Pedagógico, na perspectiva freireana, revelando a coerência de um discurso, por meio das experiências de Paulo Freire, como Secretário de Educação do Município de São Paulo (1989-1991). A terceira parte traz a participação como uma categoria freireana para além do falar e do escutar. E finalmente, na quarta parte, se analisará a categoria diálogo, como um dos facilitadores das possíveis construções. Essas categorias são, dentre outras, indispensáveis para a construção de uma escola pública, popular e democrática, em que a participação e o diálogo acontecem, de modo a existir a abertura para as aprendizagens que se desenvolvem no ato de ouvir e falar.

¹⁶ Diálogo: é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. (Dicionário Paulo Freire, 2008: 117).

1.1. Projeto Político-Pedagógico: diversos olhares

É notável o esforço empregado na busca de compreender o que vem a se caracterizar como Projeto Político-Pedagógico, em relação à sua construção¹⁷, implementação e avaliação, tentando superar a ideia de que prevalece, no senso comum, de que Projeto Político-Pedagógico é um documento legal, exigido por instâncias administrativas superiores, para o funcionamento das escolas.

Iniciar-se-á esse estudo, dialogando com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDBEN), Lei nº 9394/96. Essa lei define e regulariza o sistema de educação brasileira, com base nos princípios estabelecidos na Constituição da República Federativa do Brasil. Uma lei que estabelecesse as bases da educação nacional foi citada, pela primeira vez, em 1934. A primeira LDBEN foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou, até a promulgação da mais recente, em 1996. A LDBN atual regulamenta a gestão democrática das escolas públicas, colocando os Projetos Político-Pedagógicos como instrumento de mudanças nas escolas. Legalmente, o PPP foi outorgado pela atual LDBEN. No artigo 12, Inciso I, que é conhecido como “o artigo da escola”, a lei dá aos estabelecimentos de ensino a incumbência de “elaborar e executar sua proposta pedagógica”.

No artigo 14, em que são definidos os princípios da gestão democrática, o primeiro deles é a “participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola”. No inciso II do mesmo artigo, a lei amplia o conceito de participação, garantindo a “participação das comunidades, escolar e local, em conselhos escolares ou equivalentes”.

Há uma grande diversidade de denominações para o projeto da escola, variando de acordo com o entendimento das instituições e dos pesquisadores. Referem-se a ele como Projeto Pedagógico, Projeto Educativo, Proposta Educacional, Proposta Curricular, dentre outras. Nesse trabalho, será adotada a denominação de Projeto Político-Pedagógico, por acreditar ser esta uma expressão carregada de significados. **Projeto**, porque visa à mudança por meio da transformação e da construção coletiva. **Político**, porque traz um referencial teórico, crenças, visão de mundo, utopias e intenções reais e visíveis sobre transformações. **Pedagógico**, porque todo o seu processo é educativo e coletivo, conduzindo à busca de conhecimentos significativos.

¹⁷ Construção, implementação e avaliação são as etapas básicas e interligadas para se ter na escola um PPP, a fim de guiar as suas ações. As três etapas devem caminhar em harmonia e serem pensadas e concretizadas de forma coletiva.

Para Vasconcellos (2009), ele é o plano global da instituição. O PPP deve ser visto como a sistematização nunca definida de um processo de planejamento participativo, que se efetiva na caminhada, definindo as práticas educativas, que se deseja concretizar, para a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Acrescenta que o PPP, se construído participativamente, é uma tentativa, no âmbito da educação, de resgatar o sentido humano, científico e libertador do planejamento.

Para Santos Neto (2006), é um instrumento importante para a construção da identidade da escola. É de grande valia, pois favorece as concepções fundantes e as diretrizes pedagógicas definidas na construção coletiva. Acrescenta que, pelo exercício de construção coletiva que proporciona e pela explicitação de intencionalidades educativas, em permanente diálogo com os sujeitos da escola, o PPP auxilia o enfrentamento coletivo dos problemas concretos de cada realidade.

Para Veiga (2009), o PPP é a própria organização do trabalho pedagógico da escola, como um todo. Para que isso seja possível, é necessário que a escola crie condições de participação de todos os envolvidos no processo educativo da escola, levando em conta que as relações de trabalho na instituição deverão estar calcadas nas atitudes de solidariedade, reciprocidade e participação coletiva.

Observa-se, muitas vezes, que não é por livre escolha que as instituições educacionais preocupam-se em elaborar seus PPPs, mas por imposição da lei. Como foi uma inovação imposta por força da lei, os primeiros projetos se transformaram em verdadeiros desafios para todos, devido à inexperiência em lidar com tal documento, construído isoladamente, na maioria das vezes. A meta, segundo as normas legais, é a construção de uma escola mais democrática, por isso, surgiram inúmeros obstáculos. Isso permitiu que o PPP recebesse vários apelidos como “projeto do chefe”, “projeto-plágio”, “projeto de gaveta” “projeto ficção”, “projeto cerimônia”, de acordo com Vasconcellos (2009). Ainda assim, pode-se afirmar que ele é um documento que interfere na vida inteira da escola.

A consolidação de uma escola democrática é o eixo central do PPP, que traz como proposta a ideia de se construir escola não somente com a aprovação da comunidade escolar e local, mas, também, com a sua participação de mãos e ideias juntas, lembrando que todos devem se aceitar, se assumir e se envolver, de forma responsável ética e solidária.

Brito (2009: 246) afirma que, na organização escolar, todas as áreas se ocupam do elemento humano, uma vez que, com relação à comunidade educativa, todos são educadores e aprendizes, e o ser humano é a finalidade última do processo de produção pedagógica. Todo trabalho da escola deve ser voltado para a melhoria do ser humano, dessa forma, todos se

tornam melhores, a cada realização. Freire alerta que a democratização da escola só será possível democraticamente. Brito acrescenta que “esse processo pode acontecer por meio de um olhar gestor profundo sobre as pessoas, os espaços, se a organização dos fatos for feita através de um ouvir atento”, capaz de construir diálogo, de permitir a participação.

Posicionando-se sobre estrutura organizacional da escola e destacando o papel do diretor em relação ao PPP, Padilha afirma que:

{...} o diretor da escola ou dirigente da unidade escolar e seu vice, responsáveis pela coordenação de todas as atividades escolares, devem ser capazes de “seduzir” os demais segmentos para a melhoria da qualidade do trabalho desenvolvido na escola. Isso significa, por exemplo, criar mecanismos e condições favoráveis para envolvê-los na elaboração do PPP da unidade (2007:75).

Nesse sentido, Brito (2009) vai na mesma direção, ao propor que as mudanças na escola “podem se revelar por meio de um olhar gestor profundo sobre as pessoas, os espaços, a ordenação e organização dos fatos e de um ouvir atento”. Assim, o diretor da escola deve ser um incentivador de mudanças, o elo integrador de pessoas e ações, a ponte que liga teoria e prática, pois, cabe a ele ser democrático, para, então, propor e promover ações democráticas, articulando a participação de todos na gestão da escola. Participação que envolve a construção, implementação e avaliação do PPP. Brito (2009) vai além, destacando que para isso “o gestor se torne pesquisador, questionador do universo simbólico da organização escolar”.

Para esse fazer do gestor, é necessário que ele tenha um olhar crítico sobre a realidade da escola. Fazenda (2010:13) aponta que “um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações”. Dessa forma, acredita-se que a construção¹⁸ e efetivação do PPP propõe um olhar interdisciplinar, que esteja atento à criação de movimentos que perpassem as práticas vividas na escola, no sentido de recriá-las como possibilidades para novas articulações. Esse movimento favorece melhorias no processo de ensino e aprendizagem, que colaborarão com a formação de sujeitos capazes de colaborar com a construção de um mundo melhor para todos, mais justo e solidário, onde pregar e viver a paz sejam metas de todo cidadão.

¹⁸ O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa: é a transformação da insegurança num exercício de pensar, num construir. (Fazenda, 1995:18).

Na escola, observa-se, frequentemente, o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Para mudar esse cenário de desarticulação entre o saber, o poder e o fazer, a escola não pode lançar mão de um poderoso instrumento para a transformação de sua realidade: seu projeto político-pedagógico. O Projeto Político-Pedagógico (PPP) é um plano geral da escola, que leva à construção de sua identidade, definindo, de forma participativa, o tipo de ação educativa que pretende realizar. Veiga (1995:65) destaca que o Projeto Político-Pedagógico busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com sentido explícito, com um compromisso assumido, coletivamente.

Temos observado, enquanto professora, coordenadora pedagógica e gestora que, em muitas escolas, o PPP não é feito, de forma participativa, e acaba não se concretizando. Dessa observação nasceu o desejo de enveredar sobre esse tema, numa tentativa de desmistificá-lo. A construção do PPP exige bastante envolvimento dos seus participantes e é necessária a articulação dos diferentes segmentos, que compõem a comunidade escolar, para que o projeto saia do plano do ideal e torne-se real, contribuindo, assim, para a construção de uma escola democrática para todos. Nesse sentido, Licínio Lima afirma que essa construção exige a intencionalidade como princípio educativo.

De acordo com Casalli (2004:3), a escola é um organismo vivo, logo, seu projeto educativo é proporcionar ao educando um projetar-se para frente. Segundo Teixeira (1996:23), “a forma democrática de vida funda-se no pressuposto de que ninguém é tão desprovido de inteligência que não tenha contribuição a fazer às instituições e à sociedade, a que pertence” e completa seu pensamento, ressaltando que “o princípio fundamental da forma social democrática de construir escola está em oferecer aos educandos oportunidades iguais de desenvolvimento e de participação”.

Assim, o envolvimento da comunidade escolar e local na elaboração do PPP é um condutor de mudanças, posturas, ideias e atitudes. Esse movimento, dentro da escola, certamente, mudará pessoas e aperfeiçoará o fazer pedagógico. Para Santos Neto (2004:3), Projeto Político-Pedagógico é um instrumento importante para a construção da identidade da escola e para a elaboração de intervenções organizadas.

Refletir sobre essa característica democrática do PPP nos remete a pensar sobre a educação brasileira, que teve sua história pautada no autoritarismo, no individualismo e na domesticação, mas que, ao longo dos anos, vem mostrando a necessidade de mudanças. São observados alguns avanços, nessa direção.

Nesse contexto, a educação traz limites e possibilidades, como lembra Paulo Freire (2005:30) de que “a eficácia da educação está em seus limites e possibilidades”, porém, alerta

que “a educação não é a alavanca da transformação da sociedade”, mas que desempenha importante papel na busca pela melhoria desse processo.

Na busca por práticas inovadoras na escola, o Projeto Político-Pedagógico tem se apresentado como um dos facilitadores para a construção dessas práticas.

Considerando que o PPP deve ser construído em função de uma educação escolar que compreenda as diversas interferências e interesses que perpassam a sociedade, nele está contido pressupostos que assegurem meios que sustentem uma instituição de cultura, de socialização do saber, de ciências, técnicas e artes produzidas socialmente. (DALBÉRIO, 2007:152)

De acordo com Veiga (2009:11), o PPP tem sido objeto de estudo de muitos professores, pesquisadores e instituições, em nível nacional, estadual e municipal, que buscam a melhoria da qualidade do que é ensinado e aprendido na escola. A construção do Projeto Político-Pedagógico deve articular, dentro da escola¹⁹ a descentralização do poder, além de estar atento aos conflitos sociais, políticos, culturais e econômicos, para então propor a discussão e o enfrentamento dos mesmos.

Acredita-se que o PPP, como um orientador das práticas pedagógicas escolares, tem a capacidade de melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Pois, se o PPP for construído, coletivamente, como um projeto próprio, com intencionalidade clara e bem definida, sob a coresponsabilidade de todos, sinaliza para a conquista de uma escola emancipatória. Vasconcellos (2009:15) destaca que o “PPP entra justamente neste campo como um instrumento teórico-metodológico a ser disponibilizado, (re)construído e utilizado por aqueles que desejam efetivamente a mudança”. Freire (2009:35) acrescenta:

(...)mudar a cara da escola implica também ouvir meninos e meninas, sociedade de bairros, pais, mães, diretores de escolas, delegados de ensino, professores, supervisores, comunidade científica, zeladores, merendeiras (...) (FREIRE, 2009:35)

Assim, reafirma-se a certeza de que qualidade na educação pressupõe mudanças na forma de se fazer educação e, decididamente, na forma de se (re)organizar a escola, pois, de acordo com Paulo Freire (2009), mudar é preciso e possível. É preciso acreditar, ter esperança, mas não a esperança de braços cruzados, mas de braços que se movimentam e sugerem movimentos de sonhos e propósitos.

¹⁹ Construção e efetivação do PPP com a participação da comunidade escolar e local, possibilitando um diálogo crítico e transformador, favorece até a descentralização do poder na escola, uma vez que as discussões e decisões são coletivas e todos assumem a coresponsabilidade por elas.

Segundo Casalli (2004), o PPP coloca a escola em movimento e que nada expressa melhor a realidade pensada de uma escola do que um projeto que ela própria elabore, formule e realize para si mesma. O PPP é a oportunidade de a escola tomar nas mãos e definir, coletiva e participativamente, os seus compromissos²⁰ junto a todos que a compõem. Paulo Freire (2006) foca esses conceitos, ao ressaltar que não há projetos pedagógicos neutros.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, representações e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar em sujeito de sua própria história (...) uma escola pública popular não é apenas aquela à qual todos têm acesso, mas aquela de cuja construção todos podem participar. Uma escola com uma nova qualidade baseada no compromisso, numa postura solidária, formando a consciência social e democrática. Nela todos os agentes, e não só os professores, possuem papel ativo dinâmico, experimentando novas formas de aprender, de participar, de ensinar, de trabalhar, de brincar e de festejar. (SME, 1989:8-10).

O PPP ainda é visto pela comunidade escolar como o vilão, a camisa de força ou o documento exigido pelos órgãos educacionais superiores. Faz-se necessário que as escolas revejam seus conceitos e percebam as possibilidades de (re)organizar as suas ações, favorecendo, pelo diálogo, a participação de todos. Sabe-se que a construção e a implementação do PPP não constituem processos fáceis, mas que exigem esforços, organização e participação. Inúmeras dificuldades surgirão, a cada passo, a cada ação, porém uma comunidade escolar consciente dessas dificuldades e, também, consciente do seu papel, poderá enfrentá-las e cumprir a sua função, que é proporcionar uma educação de qualidade para todos, favorecendo o desenvolvimento de todos os envolvidos. Nessa direção, Freire propõe que a educação de qualidade para todos é preciso e possível.

Sem o mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça, e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Dai a necessidade de uma certa educação da esperança. {...} enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude história. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura que vira, assim, espera vã (FREIRE, 2009:11).

²⁰ A palavra compromisso, nesse sentido, está ligada à ética e à responsabilidade, afinal para uma construção participativa, dentro da escola, é necessário que todos pensam e ajam, tendo como parâmetros essas três dimensões: ética, compromisso e responsabilidade..

As mudanças tão necessárias à escola nascerão, com certeza, de educadores/pessoas que carregam em si um grande desejo de ver a escola, tendo como marca do seu trabalho a democracia e a qualidade. Afinal, a efetivação, em cada escola, do Projeto Político-Pedagógico não é apenas interesse ou imposição legal, mas uma preocupação social e política de todos que desejam a melhoria no processo de ensino e aprendizagem e compreendem que essa melhoria exige a participação dos envolvidos no processo. Essa participação só será verdadeira, quando conquistada por movimentos de incentivo, interação e conscientização impulsionados pela escola. Para se alcançar práticas emancipatórias, não basta ouvir e falar; discursos e planos serão eficientes na prática, se transformados em ações. Afinal:

Participação, por conseguinte, não é ausência, superação, eliminação do poder, mas outra forma de poder. Tomando o caso do planejamento, quando o concebemos e realizamos participativamente, não se trata de comparecer somente quando chamado, solicitado, requerido pela comunidade ou pelos interessados. (...) o planejamento participativo não impede, por exemplo, que se busque convencer a comunidade da necessidade de determinada ação, desde que o processo de convencimento se faça dentro de um espaço conquistado de participação, ou seja, partindo-se dos interesses da comunidade, levando em conta sua contribuição e sua potencialidade. (DEMO, 2009:20-21)

1.2. O Projeto Político-Pedagógico, na perspectiva freireana

O final do século XX e início do século XXI vêm se caracterizando pela urgente necessidade de se formar um cidadão que atenda às demandas da sociedade contemporânea contraditória e conflituosa.. Necessita-se de seres humanos, críticos, reflexivos, livres, criativos e produtivos. Nesse cenário, a escola emerge como um dos espaços privilegiados de trabalho com o conhecimento e de contribuição para a formação desse cidadão.

Partindo do pressuposto de que o principal desafio da escola “é o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho” (conforme o Art.º 205 da Constituição da República Federativa do Brasil, reafirmado pelo Art.º 2º da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) deve-se levar em consideração que a proposta escolar precisa atender às exigências do contexto, no qual está inserida, em constantes mudanças sociais e tecnológicas, e que exigem dessa escola novas atribuições. Sabe-se que a missão da escola, nos dias de hoje, é ajudar formar cidadãos autônomos, que respeitem a pluralidade cultural, cuidem do planeta e, assim, colaborem, de maneira

responsável e ética, com a construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária. Freire sonhou com essa escola e indicou caminhos para a sua construção.

Uma escola pública realmente competente, que respeite a forma de estarem sendo de seus alunos e alunas, seus padrões culturais de classe, seus valores, sua sabedoria, sua linguagem... Uma escola que vá virando o espaço em que a criança popular ou não tenha condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, de crescer (...) A criação, contudo de uma escola assim, impõe a reformulação do seu currículo, tomando este conceito na sua compreensão mais ampla. Sem essa reformulação do seu currículo não podemos ter a escola pública que queremos: séria, competente, justa, alegre, curiosa. (FREIRE, 2006:42 – 44)

Com essa concepção de educação, a escola, para cumprir a sua função social, precisa voltar-se para a realização plena do ser humano, no seu contexto social, político, econômico e cultural, valorizando as aprendizagens que possibilitem ao educando alcançar um viver mais digno. Nessa perspectiva de educação para libertação, deve-se fundamentar a construção da escola democrática, por intermédio de gestores democráticos. Essa construção demanda um percurso que se inicia, também, pela elaboração coletiva do seu Projeto Político-Pedagógico.

Para Campos (2010:28), “as funções de gestores nas escolas são fundamentais (...) para coordenar o processo coletivo de elaboração do PPP, enquanto instrumento de luta em favor da escola pública e democratização do ensino”. Para a autora, a gestão que assume esse compromisso exige “a construção de saberes para o enfrentamento de problemas epistemológicos, políticos e pedagógicos para a construção do PPP”. Nesse sentido, a construção coletiva do projeto exige um movimento dialógico, que favoreça as relações, as interações, conforme Freire vivenciava.

Não há para nós forma mais adequada e efetiva de conduzir o nosso projeto de educação do que do que a democratização, do que o diálogo aberto, corajoso. Creio que as reuniões que já tive com as diretoras na rede revelam a decisão política real com que venho aos encontros. Estou certo, igualmente, de que esta decisão política irá tornando-se cada vez mais clara, nas visitas semanais à escola, em que conversarei com todos e todas sobre a vida pedagógica da escola. (FREIRE, 2006:44)

As ações da escola poderão estar alicerçadas no PPP, cuja natureza ultrapassa a simples elaboração de planos. Sua ação é pedagógica, é um ato político por estar contribuindo para a formação de cidadãos que atendam às demandas de uma sociedade de rápidas transformações, exigente e, ao mesmo tempo, carente de humanização. Nessa perspectiva, percebe-se que o PPP é hoje, concretamente, uma importante ferramenta teórico-metodológica para a transformação da realidade escolar, visando à construção de uma escola

que busque a humanização do homem, no intuito de despertar nele o desejo de ser mais, mais gente, mais colaborador para a conquista de um mundo melhor.

A elaboração do PPP, inspirado no pensamento de Paulo Freire, é um dos facilitadores de mudanças, no cotidiano escolar. Ele sugere a discussão coletiva para definir as propostas da escola, e, ao mesmo tempo, para traçar os caminhos para alcançá-las. Podendo aproximar-se, também de todos os envolvidos, no intuito de descobrir como os saberes²¹ de cada um podem contribuir para a construção coletiva do projeto.

A escola, no seu cotidiano, enfrenta as adversidades da sua era, por isso, um dos seus desafios é a construção do seu PPP, por meio de um trabalho coletivo, em que todos se assumam coresponsáveis pelo pensar e fazer da instituição. Com esse comprometimento de todos os envolvidos, abre-se a real possibilidade de que a escola seja acolhedora, dedicada, séria e competente e, também, geradora de alegria, favorecendo, assim, a democratização do seu espaço.

Sonhamos com uma escola que porque séria, se dedique ao ensino de forma competente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria. (...) Sonhamos com uma escola realmente popular, que atenda, por isso mesmo, aos interesses das crianças populares e que, tão rapidamente quando possível, irá diminuindo as razões em seu seio para a "expulsão" das crianças do povo. (FREIRE, 2006:37).

Dessa maneira, o PPP é, também, um instrumento de lutas por melhores condições na escola, condições de ensinar, de aprender, de viver e conviver. Práticas democráticas têm se destacado com importante papel, no sentido de colaborar com a conquista e consolidação da democratização da escola, criando um clima de parceria, em que toda equipe escolar sintase responsável por tudo que acontece e, sobretudo, em relação ao desenvolvimento dos alunos. Pensando assim, o PPP articulará a vivência da descentralização²² do poder no espaço escolar, e, por isso, favorecerá um diálogo aberto, corajoso com todos os envolvidos, no intuito de lançar um novo olhar para a escola e buscar compreender sua função. Freire alerta para a necessidade de intervenção, com autoridade, mas, também, com respeito à liberdade dos outros. É fundamental que a escola seja um espaço de discussão e de construção coletiva de conhecimentos. O PPP tem o desafio de propor essa vivência, concretizando uma das

²¹ Paulo Freire, em suas obras, fala dos saberes que cada um traz consigo, denominando-os de "saberes de experiência feito", que são conhecimentos construídos, ao longo da vida.

²² A descentralização caracteriza-se, quando um poder, que antes era absoluto e de posse de um número resumido de pessoas, passa a ser do grupo.

categorias freireanas que é a participação. Esta é indispensável na busca por uma escola que ajude seus alunos a serem autônomos e criadores de suas próprias histórias, dando, assim, mais sentido para o seu viver.

Freire lembra que “não é no silêncio que o homem se faz, mas na palavra”. É pelo diálogo e pela aproximação que as pessoas se conhecem e interagem. Quando não há essa compreensão, a escola torna-se um ambiente monótono, cansativo e a experiência pedagógica não flui, fazendo-a desinteressante para toda a equipe e, em particular, para os alunos. O PPP, numa proposta freireana, pressupõe uma escola com práticas coletivas, dialógicas e criativas, isto é, onde seus integrantes pensam, fazem, constroem, falam e refletem. Enfim, que se sintam participantes e que, se sentindo participantes, percebam a necessidade de contribuir para a (re)organização da escola, buscando uma sólida base científica e compromisso com a formação da cidadania, com a sua humanização. Sempre com alegria e seriedade.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, é sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas e de ordem econômica, política, social, ideológica, etc. que nos estão condenados a desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fazemos e que nos faz e refaz. (FREIRE, 2009:99)

Neste sentido, Saul reitera as palavras de Freire, destacando que:

Freire não abriu mão de argumentar e defender um desenho de escola que, convivendo criativamente com as novas tecnologias, considere a importância de uma educação vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção de história. Significa dizer de um projeto de sociedade que exige a construção solidária para a superação da existência de exploradores explorados. Neste novo século, os argumentos de Paulo Freire, em relação a esta utopia de sociedade, tornou-se mais argutos e veementes. (SAUL, 2005:44)

Ao lutar pela causa da democracia e da educação popular, Paulo Freire destacava algumas condições importantes para a melhoria da educação: igualdade de condição e permanência na escola, liberdade de pensamento e vinculação dos conhecimentos com os saberes dos alunos. O sonho de uma educação humanizadora passa, portanto, por fazer uma educação pautada no diálogo, em que a troca seja meio de viabilizar uma aprendizagem significativa e em que o processo de ensino e aprendizagem seja o elo entre educadores e educandos. Estes, pelo diálogo, vivenciam situações inovadoras, adquirindo conhecimentos indispensáveis para enfrentar o cotidiano. Esse processo de humanização implica rupturas das amarras reais e concretas vivenciadas, no cotidiano das escolas.

Freire (2009:141) afirma que “seu sonho era o de uma educação aberta, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto da pergunta, a paixão do saber, da curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco, sem o qual não há criação”. É preciso acreditar na grandiosidade das ações pensadas e executadas de forma participativa, em que, sem medo, mas, com coragem, os envolvidos elaboram e reelaboram conhecimentos. A escola precisa se assumir como espaço propício para a melhoria das pessoas e não torná-las escravos de si mesmos, oprimidos pela falta de conhecimentos, ideias e sonhos, tornando-os capazes de lidar com seu momento. A escola precisa começar a abrir as portas, mostrar horizontes, e, assim, proporcionar o desenvolvimento dos educandos. Nesse contexto, Saul expressa o pensamento de Freire:

{...} A escola não é criativa, porque lhe falta trabalhar com o conhecimento crítico. Em consequência assinalou veementemente: “a escola precisa mudar”. Esta crítica de Freire à escola de nossos dias está apoiada em uma das matrizes básicas de seu pensamento: o repúdio à “educação bancária” aquela que deposita fragmentos de conhecimentos nos alunos, como se eles tivessem cabeças vazias. Em contraposição, Paulo Freire defende uma educação crítico-transformadora, que valoriza e parte do saber de “experiência feito” do educando. (SAUL, 2005:23).

Na visão de Freire (2009), na realidade de nossas escolas públicas ainda existe um ensino bancário apoiado no pensamento arcaico que o professor, que sabe tudo, ensina ao aluno, que nada sabe, negando-lhe o direito de falar, questionar, opinar, participar da construção do conhecimento. Seria muito mais eficaz se esse conhecimento fosse construído, a partir dos conhecimentos, que os alunos já trazem consigo.

Diante do exposto, acredita-se ser difícil, porém possível, construir novas propostas para a escola do século XXI, sem a presença de um PPP, que tem como função principal guiar as ações da escola, sugerindo um trabalho coletivo e dinâmico. O PPP não é a salvação da escola, mas pode torná-la melhor, pois traz inúmeras situações de inovações na organização do trabalho, que favoreceria o processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir para a formação de cidadãos dialógicos e participativos. Não é fácil alcançar esse feito, mas, como dizia Freire “nada disso se faz da noite para o dia”, mas se fará, um dia.

A pedagogia freireana funda-se no desejo de formar cidadãos capazes de desvelar e enfrentar os desafios sociais expressos na desigualdade social, na exploração dos homens, no aumento da violência, na falta de respeito para com o planeta, na ambição desenfreada pelo dinheiro, dentre outros. Esse movimento de desvelamento nos convoca, profundamente, para um compromisso com a vida e com a justiça, na constante luta dos homens pela

transformação da realidade para a libertação dos homens. É, pois, uma educação humanizadora, por defender a diminuição da opressão desumanizante, em que os homens se acham quase “coisificados”. Como lembra Freire (2009:62): “se os homens são esses seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação”. Assim:

Não podemos compreender, nessa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que levasse ao homem a posições quietistas ao invés daquela que o levasse à procura da verdade em comum, ouvindo, perguntando, investigando. Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente ou com acento cada vez maior de racionalidade. (FREIRE, 2009:98).

A educação dos nossos dias marcada por conflitos sociais, políticos e econômicos tem gerado, cada dia, maiores incertezas. O momento é de buscas por inovações no pensamento e nas atitudes dos profissionais da educação. É necessário um novo fazer/refazer para um novo tempo.

O ser humano nasceu para aprender e, segundo Freire, o homem aprende em mediação com outros homens. Nas interações que os seres desenvolvem, tornam-se criativos, reflexivos, participativos. No pensamento freireano, a escola precisa, apesar de todas as suas dificuldades, se organizar e direcionar suas atitudes, no intuito de fazer do seu espaço, indicador de mudanças. Tornando esse espaço um lugar de todos, onde todos se sintam co-responsáveis pela sua existência, beleza, compromisso e eficiência. Nesse contexto, entende-se que, na elaboração do projeto, a escola pode estar favorecendo não somente a (re) organização do seu espaço, como também o desenvolvimento de todos os sujeitos nela envolvidos.

A criação de uma escola democrática implica a reformulação do seu currículo, que se iniciará com o enfrentamento da cultura²³ da não-participação, para implementar um cotidiano escolar dialógico. Tendo em vista essa reorganização, Freire (2006:79) aponta a importância de cada escola criar seu próprio projeto pedagógico e lembra (2006:41) que esse

²³ Cultura do silêncio é produzida pela impossibilidade de homens e mulheres dizerem sua palavra. Ela é o resultados de ações político-culturais das classes dominantes. Para romper essa cultura do silêncio e as condições que a constroem, é preciso desenvolver e fortalecer uma educação problematizadora ou libertadora. (Dicionário Paulo Freire, 2008: 101, 102).

projeto deve estar voltado para os anseios e para as necessidades populares, na tentativa de melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Ao se pensar numa escola democrática, fazem-se necessárias reflexões sobre como fazê-la e Freire (2006:44) enfatiza que é democraticamente, por meio de um diálogo aberto e corajoso. A realização de um Projeto Político-Pedagógico, na perspectiva freireana, portanto, se faz, caminhando, trabalhando com o povo e não para o povo. É fundamental ouvir professores, pais, alunos, funcionários e comunidade local, em que a escola está inserida.

Ouvir, para Freire, é muito mais do que parar para escutar o que o outro tem a dizer, mas é um movimento dialógico, exigindo respeito, tolerância e amorosidade. Esse movimento dialógico facilita as interações, levando os sujeitos a uma ação libertadora, que conduz a uma significativa mudança da realidade. É o homem no mundo, com o mundo.

Para Freire (2009:146), não é possível falar em ator, no singular, nem em atores, no plural, mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação. Uma escola, com propostas e práticas democráticas, aceita e respeita o outro, suas vivências e os seus conhecimentos e que, acima de tudo, acredita e tem esperança numa educação libertadora. Segundo Freire (2006:52), todo nosso esforço em favor das práticas democráticas é importante. Essa ideia nos leva a refletir na urgente necessidade de ampliar a participação dos sujeitos da escola nas decisões e ações.

Essa participação se inicia, ao se respeitar o outro, acreditando nas suas possibilidades de contribuição, afinal todos têm muito a aprender, mas também, muito a ensinar. Os alunos são percebidos, apenas, como seres que têm de aprender e aprender. Freire (2006:96) destaca mudanças necessárias a essa escola e completa: “minha opinião de como fazer a mudança da escola implica ouvir todos os que fazem a escola, pais, educadores, alunos, funcionários, bem como a comunidade em que esta se situa e os especialistas nas áreas do conhecimento”.

Em seguida, são apresentadas as ideias de Freire sobre cada um desses segmentos que participam da vida da escola. Em síntese, apresenta-se um cenário, no qual se pode perceber o papel de cada um deles, na perspectiva freireana:

a) Coordenação e direção:

(...) Aceitamos que não temos por que fugir ao dever de intervir, de liderar, de suscitar agindo sempre com autoridade, mas também com respeito à liberdade dos outros, à sua dignidade (...). Creio que as reuniões que já tive com as diretoras na rede revelam a decisão política real com que venho aos encontros. Estou certo, igualmente, de que esta decisão política irá tornando-se cada vez mais clara nas minhas visitas semanais às escolas, em

que conversei com todos e todas sobre a vida pedagógica da escola.
(FREIRE, 2006:44)

Nessa pesquisa, identifica-se “liderança revolucionária”²⁴ com diretoras ou coordenadoras, que, dentro das escolas, precisam assumir sua função de liderar o grupo, mas em comunhão com o grupo, em busca de transformações significativas. Assim, essas líderes não podem ser generosas, nem tão pouco dirigistas, mas em comunhão com todos buscar a superação a dominação, segundo aponta Freire (2009:151).

Liderança revolucionária e comunidade escolar promoverão um movimento revolucionário de libertação, afinal, não se pode afirmar que alguém liberta alguém ou que alguém se liberta sozinho, mas em comunhão, na perspectiva freireana.

Freire (2009:145) afirma que o diálogo com as comunidades populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica e defende que a verdadeira revolução, cedo ou tarde, tem de inaugurar o diálogo. Como Secretario de Educação do Município de São Paulo, de 1989 a 1991, como liderança revolucionária, viveu intensamente teoria e prática, o falar e o fazer, resumindo, dessa forma, esse período: “no fundo, um tempo penoso e intensamente gostoso, como é todo tempo de conhecer e de gestar, de fazer e de refazer”. (2006:73).

b) Professores e professoras:

Nesta administração, um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (FREIRE, 2006:80)

Nas falas de Freire, observa-se a importância dada ao diálogo com os professores, pois, afinal, está nas mãos desses profissionais parte significativa do sucesso de uma escola democrática e de qualidade. Nesse sentido, é necessário se ganhar a adesão das professoras e dos professores, não se impondo pontos de vista. O diálogo²⁵ com os educadores é condição para o movimento revolucionário necessário das escolas, condição para a sua transformação. Essa preocupação com o diálogo com os professores Freire (2006:44) demonstrou, ao

²⁴ Liderança Revolucionária – Freire traz contribuições sobre esse tema, na *Pedagogia do Oprimido*, no capítulo IV.

²⁵ Em *Educação na Cidade*, p. 80, Paulo Freire dialoga com a professora Ana Maria Saul sobre a formação permanente dos professores.

defender que a formação permanente dos professores e professoras não poderia deixar de ocupar um lugar singular nos projetos educacionais, pois é um dos momentos para a superação necessária de certos equívocos ou erros, que obstaculizam uma prática eficaz.

c) Alunos e alunas:

A prioridade dada à relação dialógica no processo de ensino-aprendizagem, que favorece o respeito à cultura do aluno, a valorização do conhecimento do educando, enfim, o ensino, a partir da realidade do aluno, é, sem dúvida, o ponto de partida do trabalho da escola e do professor., pois a participação do aluno não deve ser entendida de forma simplista. (Freire, 2006:83)

Freire lembra sempre que a mudança na escola é preciso e possível. No entanto, essa mudança só é possível, se for assentada na relação dialógica entre os sujeitos da escola, num diálogo verdadeiro. E o que é um diálogo verdadeiro? É o que permite falar e escutar e esse movimento será eficaz, se for articulado com respeito, tolerância e amor. Mudar a escola implica ouvir, também, os alunos. Para Freire (2006:82), o trabalho, a partir da visão de mundo do educando, é um dos eixos fundamentais, sobre o qual deve se apoiar a prática pedagógica de professores e professoras. E se a escola pretende se tornar democrática, é fundamental ouvir os alunos para, então, ajudá-los a usar bem seus saberes, prepará-los para uma vida mais produtiva pessoal e profissionalmente e, sobretudo, conscientizá-los para a transformação da realidade.

d) Pais:

(...) Sem abrir a escola à presença realmente participante dos pais (...). Participar é bem mais do que, em certos fins de semana, “oferecer” aos pais a oportunidade de, reparando deteriorações, estragos das escolas fazem as obrigações do próprio Estado (...) Participar é discutir, é ter voz, ganhando-a na política educacional das escolas. (FREIRE, 2006:127)

Na perspectiva freireana, não se democratiza a escola, isoladamente. É fundamental a participação dos sujeitos nela envolvidos, inclusive os pais e toda comunidade local. Apple (2001) afirma que o envolvimento dos pais é parte de quase toda escola bem sucedida. Freire propõe que a presença dos pais na escola faça parte de um projeto maior, que é promover a melhoria na qualidade de vida das pessoas e a construção de uma sociedade mais justa, humana e igualitária. Assim, para a construção de uma escola democrática, se faz necessária uma presença viva, forte e intencionada dos pais e comunidade, envolvendo-se de forma consciente e respeitosa nas discussões e decisões da escola. .

Participação que não se limita apenas a uma visita à escola, para saber como está o filho, mas envolvimento nas discussões, nos questionamentos, nas decisões, tendo um conhecimento melhor da escola, das suas dificuldades e das possíveis soluções para torná-la melhor, mais significativa, inclusiva, solidária e democrática. Nessa direção, o acesso e permanência das crianças na escola têm vinculação com essa aproximação entre família e escola.

e) Funcionários/comunidade:

O importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária” é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo de manifestada implícita ou explicitamente nas suas sugestões e nas dos seus companheiros. Esta visão da educação parte da convicção de que não pode sequer presentear o seu programa, mas tem de buscá-lo dialogicamente com o povo. (FREIRE, 2006:139)

Para Freire (2009), com o enfrentamento e a superação do individualismo e do autoritarismo, a participação de todos, ao pensar, organizar e concretizar ações coletivas para a (re)organização da escola, representa, também, uma construção coletiva e significativa de conhecimentos.

Freire (2009: 111) defende a presença participante de alunos, de pais, de mães, de vigias, de cozinheiros, de zeladores, ressaltando que a presença dos funcionários e da comunidade na (re)organização da escola, como também, na construção e efetivação do PPP, é indispensável, pois, como já foi analisado anteriormente, o projeto é o guia das ações da escola, cuja discussão e decisão foram tomadas coletivamente.

1.3. Projeto Político-Pedagógico: participação para além do falar e do ouvir

Uma proposta de participação, alicerçada em práticas participativas concretas, pode categorizar-se como democrática, pois possibilita, de fato, a presença dos sujeitos em sua plenitude, não apenas na realização de tarefas, no cumprimento de ordens, das quais se desconhece a origem e a intencionalidade. Participar implica decisão, diálogo, problematização crítica da realidade²⁶, discutida e pensada pela coletividade. Segundo Freire

²⁶ Freire (2009:45) destaca a importância da necessidade de a escola trabalhar num contexto real, levando em conta a realidade local, conhecê-la para, então, transformá-la.

(2009), “os homens se desenvolvem em comunhão com os outros”, portanto, a participação do homem na construção do seu próprio mundo torna-se um imperativo natural.

A participação, assim compreendida e vivenciada, constitui um dos caminhos para democratizar a escola, fazendo-a inclusiva, solidária e amorosa. Na perspectiva freireana, a participação e o diálogo são princípios fundamentais para a construção dessa escola democrática, pública e popular. Em sintonia com o pensamento de Freire, situam-se os estudos de Pedro Demo e Licínio Lima sobre o conceito de participação.

De acordo com Demo (2009:19), “se partirmos da ideia de que espaço de participação precisa ser conquistado, centímetro por centímetro, o que ocorre, muitas vezes, é que não podemos andar a metro, mesmo porque todos os processos participativos profundos tendem a ser lentos”. Uma proposta de participação é necessária para a construção de uma escola democrática, tendo em vista que essa proposta deva ser cuidadosamente discutida e analisada por aqueles que farão parte do processo. Uma proposta de participação precisa vir alicerçada no princípio de que participar exige o diálogo aberto, a decisão consciente e a problematização crítica do cotidiano pensado coletivamente.

Ainda tendo como referência os estudos de Demo, podem ser identificados diferentes canais e objetivos para a conquista e consolidação da participação, cujo estudo favorece a compreensão da importância e necessidade de se viabilizar práticas participativas para construção de uma educação democrática. O eixo central dessa educação, vale lembrar, é a concepção de ser humano, como sujeito e não objeto, capaz de contribuir para o desenvolvimento de si próprio e da sua realidade. Para a conquista da participação, Demo (2009:26) propõe cinco canais que, dentre eles, aqui, se destaca o terceiro, por tratar especificamente da educação como formação para a cidadania (ibidem:49). A maior virtude da educação, ao contrário do que muitos pensam, está em ser instrumento de participação política. Dessa forma, torna-se condição necessária, mesmo não sendo suficiente, para se promover o desenvolvimento dos seres. Para o autor “educação que não leva à participação já nisto é deseducação”;

Demo (2009) afirma que é de suma importância “construir a rota de formação de sujeitos do desenvolvimento” para o enfrentamento da situação de objetos, em que vivem os seres humanos, dando, então, início à busca e conquista do mínimo de dignidade social, de decência social, para se conquistar uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

Quanto aos objetivos da participação, Demo (2009:66) aponta que “a participação possui a característica de ser meio e fim”. Participar supõe partilha de poder, favorecendo o envolvimento nas discussões e decisões que leva à conquista do que foi sugerido coletivamente.

Freire (2009:127) afirma que participar é usar sua voz e vez, democraticamente, num ato amoroso e de respeito. Se formos seres construtores de histórias e se só conseguirmos essa construção com ações de sujeitos e não de objetos, com certeza, é no relacionamento com outros seres, também, sujeitos de histórias, que nos é permitida essa construção. Por isso, nesse estudo, será proposta uma educação para a libertação e não para a domesticação, a pedagogia da participação, abrindo a possibilidade para o diálogo crítico e libertador. O diálogo que permite a fala intercalada com a escuta, como forma de romper paradigmas, e que avance na proposição e concretização da verdadeira libertação dos seres humanos.

A escola pública, na perspectiva freireana, só será popular, quando todos que a compõem se envolverem com ela, se sentirem acolhidos e gostarem de fazer parte, assumindo-a como sua, por uma efetiva participação. Assim, torna-se importante pensar o PPP que, afinal, propõe a democratização da escola por meio do direito e do dever de sugerir, opinar, questionar, decidir.

Lima (1992) afirma que participação é partilha de poder, permitindo, assim, que todos participem, com igualdade de oportunidade, na vida inteira da escola. Nossos problemas, na visão de Lima, decorrentes da falta de envolvimento na escola estão diretamente ligados à nossa falta de uma cultura participativa, pois somos frutos de uma escola silenciosa, onde só quem supostamente sabia ensinava a quem supostamente nada sabia. Sem a participação dos envolvidos no processo educativo, a escola do século XXI tem demonstrado fragilidade, no sentido de buscar e efetivar práticas democráticas, embora se tenha consciência de que isso seja possível. Nesse sentido, uma das possibilidades é a construção do PPP, pois trata-se de um processo participativo, no qual se aprende a lidar com conflitos, a partilhar ideias e ações e decidir coletivamente. É, sem dúvida, um dos caminhos para se efetivar a participação, para se fazer educação democrática.

Para Freire, uma participação democrática e eficiente se inicia no momento em que os sujeitos sentem-se valorizados, respeitados e aceitos. Nessa direção, Demo (1996) afirma que “participação é conquista”, é sinônimo de liberdade e que não pode jamais ser concedida e sim conquistada. Essa participação conduz à democracia participativa, que se fundamenta no reconhecimento e na valorização do humano, do seu refletir e de suas relações.

Dentro da escola, participação é muito mais que ouvir e falar. É fazer parte, como Freire (2006) indica que a participação se traduz no sentimento de fazer parte e se dá no momento, em que opinamos, falamos, ouvimos, questionamos, nos envolvemos no dialogar. Freire conclui seu pensamento, afirmando que “a democracia participativa seria então aquela, em que os cidadãos sentem-se parte, também na construção de uma nova sociedade”. Afinal, a participação é para a libertação e não para a manutenção da realidade, ingenuidade e opressão dos cidadãos.

Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populares devessem e pudessem dar à administração pública. {...} Implica, por parte das classes populares, um “estar presente na História e não simplesmente nela estar representado”. Implica a participação das classes populares através de suas representações ao nível das opções, das decisões e não só do fazer já programado. {...} Participação popular para nós não é um slogan, mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho para a realização democrática. (FREIRE, 2009: 75).

A participação da comunidade escolar e local no (re)organizar da instituição é, hoje, uma ferramenta capaz de romper com a história de autoritarismo e individualismo que impregna a educação brasileira. A crescente necessidade de participação do homem no seu processo histórico está, cada dia, se tornando um imperativo de mudanças na maneira de se organizar a escola. A realidade vigente, marcada por conflitos sociais, políticos e econômicos, exige um novo perfil de homem e de profissional e não há outra forma para a construção desse novo homem, que não seja a sua participação nessa construção. Freire (2009) afirma que é preciso buscar um “estar presente na história”, isso significa fazer parte das discussões, reflexões e ações em prol de um viver mais digno, tanto dentro, como fora da escola.

A participação de todos que desejam a mudança na escola parte do entendimento de que uns precisam dos outros para se desenvolver. A escola, como uma das responsáveis por esse desenvolvimento, deve se conscientizar que é preciso propor, favorecer, dentro da sua realidade, essa participação que conduz à humanização. Uma mudança generalizada, unânime que alcance todas as escolas, ao mesmo tempo, não será possível, pois é autoritária e a experiência tem mostrado que não leva a bons resultados. Cada escola, cada sujeito que a compõe são únicos e, como únicos, devem criar dentro dos seus sonhos, metas, perspectivas e/ou maneiras de se desenvolver, de forma coletiva e individual. Acredita-se que democratizar a escola não se efetivará por decretos e/ou ordens que vêm de cima para baixo, pois, na maioria das vezes, são processos que se têm mostrado totalmente alienados à realidade das

escolas e dos seus participantes. Será uma conquista de lutas dos sujeitos, impulsionados pela liderança de gestores, coordenadores e outros profissionais da escola.

Assim como Freire, Demo (2009:50) afirma que “cidadão é o homem participante”. Democratizar a escola exige partilha de poder pelo diálogo com todos os envolvidos na busca por uma educação que se concretiza, nos momentos participativos, oportunizando decisão, reflexão e intervenção, e, assim, formando verdadeiros cidadãos.

Participação é exercício democrático. Através dela aprendemos a eleger, a delegar, a estabelecer rodízio de poder, a exigir prestação de contas, a desburocratizar, a forçar os mandantes a servirem a comunidade (...) aprendemos que é tarefa de extrema criatividade de formar autênticos representantes da comunidade. (DEMO, 2009:71)

Criar condições para que a comunidade escolar e local participe da (re)organização da escola é de suma importância na construção de uma educação pública popular de qualidade. Essa participação vai além do comparecimento em reuniões, encontros. Um comparecimento para se pensar e se efetivar práticas emancipatórias. De acordo com Demo, (2009:72) “para a comunidade ter vez e voz precisa se organizar”. Dessa forma, percebe-se que a escola deva estar envolvida num movimento continuado de formação da comunidade, por meio de discussões constantes sobre o que fazer, como, quando, onde e por quê. A participação dos atores sociais da escola na construção, implementação e avaliação do PPP pode constituir um desses momentos de formação e uma forma de transformar possibilidades em realidade, isto é, o desenvolvimento de pessoas e a transformação do cotidiano da escola.

Veiga (2009) afirma ser necessário resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo fundado na reflexão coletiva, e sugere que, na escola, o PPP traga as indicações necessárias e possíveis à organização do trabalho pedagógico, que auxiliará, também, o trabalho do professor na sala de aula. Esse é o caminho para a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, como, também, das relações dentro da escola. Essas melhorias estão ligadas ao movimento de participação, tendo o diálogo como eixo fundamental em todo esse processo.

Se, de fato, almejamos a participação dos dirigentes, dos professores, dos alunos e da comunidade nas escolas, é preciso que nossa concepção sobre o homem seja transformada a ponto de transformar nossas ações a favor da valorização da fala e do modo como o outro compreende o mundo; é preciso abrir a possibilidade ao diálogo (...) (PAULINO, 2009:33).

Os seres humanos, segundo Freire, têm vocação para se melhorarem sempre, porém essa vocação é desenvolvida, a partir das relações e interações com outros seres, em que têm a oportunidade de juntos discutirem e decidirem as melhores ações. Nessa perspectiva, a construção coletiva e participativa de uma nova realidade escolar, pela elaboração do PPP, sinaliza nessa direção, à medida que se respeite e se aceite o outro, sua visão de mundo, seus saberes, suas crenças, valores e sonhos, não o discriminando, não o menosprezando ou excluindo. Dessa forma, também, está se construindo uma cultura democrática.

O planejamento participativo²⁷ na escola, que se traduz na elaboração e implementação do PPP, devido à sua importância, em termos de construção de uma escola democrática, levou à escolha do PPP como objeto desse estudo. As justificativas para essa escolha se apóiam nesses dois pressupostos: - possibilita a vivência de práticas democráticas, reflexivas e coletivas, propondo a construção da identidade da escola e dos seus sujeitos; - propõe a interação de ideias e pessoas, o que é fundamental para melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Embora seja de fundamental importância afirmarmos o nosso posicionamento a favor da participação em nossos registros documentais, em nossas leis e regras sociais, somente a existência destes não garante a existência da participação, porque a participação nasce e se desenvolve na práxis, primeiramente, como ato revolucionário e de luta pelo direito de participar, de opinar, de decidir.(PAULINO, 2009:40)

Licínio Lima discute conjuntamente os conceitos de participação e não-participação. O autor estuda a participação, no contexto português, destacando que em determinado contexto sócio-histórico, era vivenciada espontaneamente e que, depois da Constituição de 1976, o Estado propõe participação como princípio democrático, que Lima (2001) caracteriza como participação consagrada ou participação decretada²⁸.

²⁷ Planejamento participativo, para Vasconcellos (2009:92), traz o desafio da transformação: “o desafio da mudança; quanto maior o nível de participação, maiores as chances de vermos o planejado realizado”. A proposta metodológica do planejamento participativo favorece o envolvimento, visto que nasce da participação ativa de cada membro.

²⁸ Em Portugal, a participação foi consagrada e normatizada pela Constituição da República de 1976 e, posteriormente, nas Bases do Sistema Educativo de 1986. Depois de abril de 1974, quer fosse impulsionada por movimentos sociais e políticos com expressão nas escolas, quer fosse instituída e regulamentada formalmente (participação decretada), a participação na escola transitou do domínio da reinvenção para a consagração e deste para o da regulamentação; da ilegalidade para a legalidade, de um direito reclamado para um direito instituído e, até, para um dever ético e civicamente justificado.”(Lima, 2001:70)

Dessa forma, o autor sugere o estudo da participação, a partir de dois planos de ação participativa: o Plano das orientações da ação governamental, que é a participação consagrada e a participação decretada, e o Plano da ação organizacional, em que se desenvolve a participação praticada. Lima aprofunda estudos sobre a participação no Plano da ação organizacional, que é a participação praticada, classificando-a em quatro critérios de estudos: democratização, regulamentação, envolvimento e orientação.

De acordo com Lima (2001), é necessário viver a participação como caminho para a conquista da educação democrática, em que os sujeitos, no ato de participar, conheçam os meio e modos de envolvimento, de interações e de colaboração. Esse movimento é favorável para que os participantes, como “sujeitos da história” percebam os desafios da realidade e percebam, também, as possíveis formas de enfrentamento e solução dos mesmos.

Para Freire (2009), a participação é necessidade da existência do homem que, ao se reconhecer como ser coletivo capaz de se desenvolver em interações com outros seres, tende a colaborar com o seu próprio desenvolvimento e com o dos outros. Vale salientar que a participação não ocorre espontaneamente, embora seja necessidade da existência humana. Não se dá de forma mecânica, exige diálogo, posicionamento crítico e reflexão sobre a realidade a ser mudada, pois participar é muito mais do que executar tarefas em grupos; é decisão assumida coletivamente e, de forma responsável, para a transformação da realidade escolar excludente numa realidade inclusiva e participativa.

A (re)construção da escola para torná-la pública, popular e democrática depende também dos envolvidos no processo, pois Freire (1989:10) alerta que a escola pública só será popular, quando for assumida como projeto educativo pelo próprio povo, por meio de sua efetiva participação.

1.4. Projeto Político-Pedagógico: a escola como espaço para o diálogo

A partir da análise da pedagogia de Paulo Freire, duas categorias freireanas foram escolhidas para como eixos orientadores dessa pesquisa: a participação e o diálogo que, dentre outras, contribuem, significativamente, para a construção de uma escola pública popular e democrática. Afinal, quando a comunidade escolar e local tem a oportunidade de dialogar sobre o cotidiano da instituição e participa das discussões e decisões, constata-se melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

Embora tais categorias estejam profundamente interligadas, pois uma acontece em função da outra, por uma questão de didática, optou-se por separá-las em dois subtítulos. Elas não devem ser pensadas e desenvolvidas separadamente: o diálogo potencializa e conduz à participação e as duas são instrumento para a construção de uma escola democrática, onde interações acontecem, abrindo espaços para reflexões e aprendizagens. que se desenvolvem no ato de participar, dialogando.

De acordo com Freire, na *Pedagogia do Oprimido* (2009:91) “diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação, enquanto homem”. Essa ideia exprime, por si só, toda significância da escolha dessa categoria. O diálogo é um dos temas centrais da proposta de Paulo Freire. Ao estudar suas obras, verifica-se que esta categoria é tratada, sob diversas formas: diálogo pedagógico, relação dialógica, diálogo crítico e criativo, diálogo problematizador, postura dialógica, diálogo verdadeiro, prática da dialogicidade e homem dialógico. O estudo dessa categoria, sob as mais diversas expressões, indica a coerência do pensamento de Freire, pois para ele, o diálogo não é uma técnica ou uma tática, mas é comunicação, fala da existência humana e é indispensável para o desenvolvimento. É o eixo de sustentação, afinal, não se democratiza sem diálogo.

O diálogo, na perspectiva freireana, é conceituado não apenas como metodologia para a concretização da participação, mas também como momento de encontro dos sujeitos para refletir e discutir sobre um determinado objeto de conhecimento, sobre a própria realidade e os fatos que a compõem. (ABENSUR, 2009:89).

Nesse sentido, o diálogo permite que os seres, como sujeitos e em comunhão com outros sujeitos, discutam e reflitam e, nesse movimento, constroem conhecimentos. Freire (2009: 115) define diálogo como “uma relação horizontal de A com B, que nasce de uma matriz crítica e gera criticidade”. Assim, a escola precisa vivenciar a partilha de poder, o direito de vez e voz a todos, como uma necessidade para a mudança. A relação horizontal, segundo Freire, “nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança”, sentimentos que moverão à escola, quando se decidir pela participação como caminho para a democratização do seu espaço, tendo como fundamento que “só o diálogo comunica”.

Freire alerta que não é qualquer diálogo, mas “um diálogo que exige respeito, exige escuta, exige trocas”, que nunca será possível e nem real, numa relação autoritária. O diálogo entendido como encontro dos homens para serem mais pressupõe uma educação humanista-libertadora, capaz de conduzir a reflexão sobre nosso inacabamento e a nossa eterna busca pela mudança. O diálogo, segundo Freire, é condição necessária para a construção do

conhecimento, pois possibilita o encontro de conhecimentos já existentes com o conhecimento novo, gerando outro conhecimento.

O diálogo em Freire leva à construção de novos conhecimentos, num movimento que pressupõe a interação e a partilha de saberes. Todo projeto de educação, em Freire, visa à libertação dos sujeitos, iniciando-se, por sua própria coerência metodológica, numa postura dialógica. Entendida a educação como um caminho para a libertação, o grande desafio é se propor um diálogo crítico e criativo, em que haja comunicação entre pais, alunos, direção professores, funcionários e comunidade. O diálogo, em Freire (2009:90), consiste em saber falar, saber ouvir e em “aceitar e respeitar a diferença, essa é uma das virtudes sem que a escuta não se possa dar”. Diálogo não é “bate papo”, nem uma conversa que não propõe o movimento de saberes, o que significa dominação, imposição e invasão.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão. Mas se dizer a palavra verdadeira que é trabalho que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamos por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra do outro. (FREIRE, 2009:90).

Para Freire, “o diálogo é uma exigência existencial”. Nessa ideia encontra-se a força que impulsiona a dizer a palavra verdadeira que é a possibilidade de mudar o cotidiano autoritário, individualista da escola para um cotidiano participativo, dialógico e solidário, em que todos são e agem como sujeitos.

O diálogo, como condição para a democracia e para a construção de conhecimentos, leva os homens a assumir sua condição de sujeitos inacabados e, conseqüentemente, vocacionados para o crescimento. No entanto, o diálogo não será possível, se não houver um enorme e sincero amor pelos homens e pela vida. Amor que pressupõe ato de coragem e de compromisso com o homem e com o mundo.

Se alguém é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito a caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam ser mais. (FREIRE, 2009:93)

O diálogo propicia a transformação da realidade para a libertação dos homens. O movimento dialógico torna o homem um ser que sente e sabe como os outros, distanciando-se do diálogo autoritário, em que quem sabe tudo ensina a quem nada sabe. No encontro de seres, numa relação dialógica, o respeito e a humildade predominam, pois todos juntos

buscam uma educação humanizadora e democrática. Freire (2009:101) afirma que “o momento deste buscar é o que inaugura o diálogo como prática da liberdade”. É importante enfatizar que Freire defende nas suas obras, a necessidade do diálogo como condição necessária para a construção do conhecimento.

Cortella (2009:102) destaca que “a criação e recriação do conhecimento na escola não está apenas em falar em coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas”. Isso, em Freire, é diálogo, é comunicação que torna o homem um ser de saberes.

Dessa forma, faz-se necessário enfatizar que, em Freire, diálogo é condição para o desenvolvimento dos seres humanos. Dialogando, os homens se afirmam como seres de existências e as escolas estão carentes desses seres que, dialogando, existam. Nessa perspectiva, a relação professor e aluno precisa está alicerçada no diálogo, em que os saberes se misturam numa construção coletiva de conhecimentos e isso é válido para todas as relações, dentro da escola.

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros de cima para baixo, sob tudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. (FREIRE, 2009:113)

Dessa forma, Freire coloca a importância da intencionalidade²⁹ da postura dialógica da escola para com todos que a compõem. Para se conquistar uma escola democrática, humana e inclusiva, faz-se necessário uma escuta atenta aos sonhos, ideais e propostas daqueles que fazem a escola. O diálogo, com certeza, ajudará a construir uma escola com nova identidade, afinal, como sujeitos dialógicos, críticos, reflexivos e criativos, podem guiar a história. Nessa concepção, a identidade da escola e das pessoas que a fazem é formada na interação entre escola e esses sujeitos, assim, a interação supõe um diálogo crítico, atento e libertador. Hoje, a escola precisa assumir-se como um espaço de participação, a serviço da sociedade. Por isso, dialogicamente, a comunidade escolar e local precisa estar dentro da escola, participando, discutindo, questionando, sugerindo, agindo de forma democrática, consciente e solidária. Só, assim, dialogando, ousam construir uma nova realidade escolar.

²⁹ Freire (2009:90) lembra que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação, na ação-reflexão”. Essa é a intencionalidade da postura dialógica: o desenvolvimento do ser.

A dialogicidade traz uma dimensão política fundante para o desenvolvimento humano. O diálogo aberto e corajoso proposto por Freire (2009:44) “liberta, educa, muda mentalidades e une pessoas em prol de uma causa comum”. No espaço de uma escola pública popular e democrática, onde meninos e meninas pobres não visualizam perspectivas de uma vida melhor, é possível que comecem a se tornar autores de suas histórias, por meio do diálogo crítico, que permita a participação.

O diálogo sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu -, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações construtivas, dois tu que se fazem dois eu. (FREIRE, 2009:192)

O diálogo, sendo comunicação, para acontecer precisa de adesão, mas não é adesão para atender a um convite, a um chamado, mas adesão³⁰ por se sentir parte, por ter sido instigado para dialogar, participar e transformar. Freire sempre está destacando que as mudanças na escola têm como pressuposto ouvir os seus integrantes e, complementando essa ideia, Casalli (2004:5) afirma que “os agentes de uma escola são educadores, estejam eles em sala de aula, no gabinete, na direção ou na limpeza” e, com certeza, devem colaborar com a construção dessa escola dialógica.

Um Projeto Político-Pedagógico (PPP) construído na discussão, no debate, na responsabilidade e compromisso coletivo fará com que todos estejam dialogicamente ligados ao projeto e comprometidos com sua realização. Freire (2009:96) destaca que somente “o diálogo que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo”. Pensar criticamente uma situação é condição para se querer a mudança e acreditar nas possibilidades. Quem pensa criticamente é capaz de propor inovações e envolver o grupo, por meio de provocações. Sem um diálogo aberto que gere um pensar crítico, não haverá comunicação na escola, e sem essa comunicação, não haverá educação democrática, humanizadora e solidária.

Propor e articular a prática da dialogicidade, nas escolas públicas, permanece ainda como um grande desafio que se coloca para todos, que acreditam numa educação democrática e libertadora como política educacional para alcançar as mudanças necessárias na realidade escolar.

³⁰ A adesão verdadeira é a coincidência livre de opções. Não se pode verificar a não ser na intercomunicação dos homens, mediatizados pela realidade (Freire 2009:193).

Mas, afinal, o que é o diálogo? Freire apresenta uma síntese, com base em três ideias-chave: relação horizontal, sentimentos de amorosidade e humildade, comunicação: .

É a relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando dois polos, do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no outro, se fazem críticos na busca por algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2009:115).

Compreender o processo de dialogicidade como um processo de construção de conhecimentos é também reconhecer o homem e o mundo, em constante processo de desenvolvimento, que, numa “relação horizontal de A com B”, se comunicam e se melhoram. É afirmar a possibilidade e também capacidade de os homens serem mais. É afirmar, também, que existem possibilidades de escrever novas páginas de uma história, pois existe esperança, amor e fé, sem os quais não há construção de um mundo melhor. Freire (2009:116) observa que precisamos de uma pedagogia da comunicação, para vencermos o desamor acrítico do antidiálogo.

Para isso, é indispensável que a escola se assuma como espaço, onde todos ensinam e aprendem, em comunhão uns com os outros, e onde a troca de saberes comunica novos saberes. Essa é a razão pela qual se critica a expressão “transmissão de conhecimentos” e se defende “a troca de saberes”, de “saberes de experiências feitas”, mediados, dentro da escola, por um professor, que faz ponte entre o aluno e o conhecimento. A comunicação entre os participantes da escola deve acontecer reciprocamente, pois “não posso ser, se não possibilito que os outros sejam”, afirma Freire. Dessa forma, na comunicação verdadeira não cabem sujeitos passivos ou meros receptores, depósitos, mas sujeitos, interlocutores, que se comunicam, se expressam, se envolvem, dizem “a sua palavra” e escutam a palavra do outro, num ato comunicativo, respeitoso, amoroso e consciente. A educação que se propõe democrática deve ter como princípio a percepção dos seres como sujeitos cognoscentes, seres capazes de se integrarem e, integrando-se, refletem, analisam, posicionam, tomam decisão, dialogam e agem para mudar a realidade opressora, na qual vivem. Por outro lado, também, criam condições para que seus semelhantes libertem-se das amarras de uma sociedade excludente, injusta, perversa e individualista. Afinal,

O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo sofre os efeitos de sua própria transformação. {...} A educação que, para ser verdadeiramente humanista

tem que ser libertadora. Uma das suas preocupações básicas deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham. (FREIRE, 2009:76)

A escola precisa propor e viabilizar a relação entre os sujeitos, num movimento dialógico, que lhes permita se ver, nessa relação, como um dos lados, em comunhão uns com os outros, no mundo e com o mundo, pensando e viabilizando coletivamente ações solidárias, libertadoras e conscientes, logo, democráticas. A educação democrática precisa está aberta para receber o homem e com ele dialogar sobre os conflitos sociais, políticos, econômicos de seu tempo e espaço. Afinal, como um sujeito concreto, racional, ele é, perfeitamente, capaz desse diálogo. Essa tentativa de mudanças de atitudes, dentro da escola, por todos que a compõem, transportando-os da condição de passividade para a condição de seres participantes, é o grande desafio a ser enfrentado. Em outras palavras, a busca de uma educação que faça do homem um ser pensante, que, em encontros dialógicos com outros homens, se unam em prol da transformação da realidade, em que vivem. Se o diálogo é o caminho que conduz o ser ao movimento de constante aprendizagem, a educação dialógica, participativa e democrática se faz necessária.

Segundo Freire (2006:88), “o homem, ao contrário do animal, cuja atividade é ele próprio, é capaz de exercer um ato de reflexão, não somente sobre ele mesmo, mas sobre a sua atividade” e essa reflexão se acontece no diálogo, no momento de ação e reflexão. Portanto, consciente desse processo, o homem reflete, analisa e questiona, e, na ação refletida, se desenvolve e, ao mesmo tempo, promove desenvolvimento. Assim, a escola precisa estar atenta e procurar conscientizar seus membros da importância e necessidade de mudanças no cotidiano escolar. É importante lembrar que a tomada dessa consciência³¹ ainda não pode ser considerada conscientização, pois esta, além do conhecimento da realidade e a reflexão crítica, exige o engajamento em ações transformadoras.

A construção dialógica e participativa do Projeto Político-Pedagógico (PPP) contribui para engajar toda a comunidade escolar e local nesse movimento de mudanças por uma escola de qualidade, onde ensinar e aprender não tem lugar e nem posição aprioristicamente definidos, mas, sim a missão de desenvolver pessoas, conscientizando-as

³¹ A consciência se caracteriza pela intencionalidade, que é esta “misteriosa e contraditória capacidade humana de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes” ou de ser a “presença que tem poder de presentificar. (Fiori, 1970, p. 14), Freire discorre sobre a “consciência intransitiva”, “transitiva ingênua”, e “transitiva crítica”, no livro *Educação como Prática da Liberdade* (p.59-60). (Dicionário Paulo Freire, 2008:86)

dos fatos e problemas do mundo e buscando seu compromisso e envolvimento com a transformação.

A pessoa conscientizada é capaz de relacionar fatos e problemas entre si, de compreender facilmente os nexos entre fome e produção de alimentos, produção de alimentos e reforma agrária, reforma agrária e reação contra ela, fome e política e política econômica, fome e violência, fome com violência; fome e voto consciente em políticos e partidos progressistas; fome a recusa do voto a políticos e a partidos reacionários, com discursos às vezes engane somente progressistas (FREIRE, 2009: 236).

Pensando criticamente sua história no mundo, com o mundo e com seus semelhantes, os homens constroem, dialogicamente, seu entendimento sobre situações políticas, históricas, culturais, econômicas e sociais, como também sobre si. Nas ações conscientes ajudam a construir novas histórias, entendendo melhor a relação entre fatos e problemas, como também compreendem alguns nexos.

Um processo de ensino e aprendizagem de qualidade é construído pelo diálogo que facilita as relações, as interações, possibilitando aos indivíduos, em comunhão uns com os outros, se fazerem sujeitos construtores. O diálogo propiciador de mudanças tem suas bases firmadas na liberdade e na autoridade, não no autoritarismo e faz nascer um sujeito crítico, questionador que se torna liberto. Liberto, ele analisa e compreende que vivemos um tempo de conflitos sociais, culturais e políticos. Mas, também, um tempo de possibilidades, que exige dos homens reflexões, interações e ações conscientes para a promoção de mudanças, que favoreçam o desenvolvimento das pessoas.

Freire (2006) lembra que uma escola, que gere seu próprio projeto pedagógico, está pensando, também, entre outras coisas, numa prática educativa, que proporcione aos educandos e a todos os envolvidos a oportunidade de, em interações com os outros, se desenvolvam num movimento dialógico, coletivo e democrático. Assim, essa escola não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. “Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos”.

Todo esse movimento somente será possível, mediante um diálogo crítico e libertador, que possibilitará ao ser humano construir caminhos para a sua realização. Para Freire (2009:90), a existência humana não pode ser muda, afinal os homens se completam em comunhão. É dizendo “sua palavra”, seu sonho, seus projetos que os seres se humanizam. O diálogo propõe o encontro dos homens, que na realidade cotidiana, desvelam sua verdadeira vocação, que é a conquista de si mesmo. O diálogo é o caminho pelo qual o homem constrói sua história de superação, de conquista da liberdade e a transformação da sua realidade. O ser

humano se faz na sua atividade, no ato de reinventar, de criar, de participar, de questionar, se tiver oportunidade de agir, pensar e agir novamente, se for o caso. Esse movimento o faz livre. A aprendizagem, que é oriunda dessa libertação, proporciona o desenvolvimento dos alunos, dos pais, dos professores, dos funcionários. O PPP torna-se, dessa forma, o instrumento dessa aprendizagem e dessa libertação, nas escolas.

A elaboração do PPP, atendendo às diversidades que cada localidade apresenta, sendo articulado coletivamente entre pais, direção, alunos, comunidade, professores e funcionários, deve ter como essência a responsabilidade de cada um, ao propor e viabilizar ações. Consciente de si como um ser livre, que, com essa participação, estará contemplando sua vocação para “ser mais”.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1. Processo de construção da pesquisa

No presente capítulo, serão apresentadas as opções metodológicas para o desenvolvimento dessa pesquisa. No caminho a ser percorrido, estudos de vários autores³² foram pesquisados e serviram de apoio e subsídio para estudar, com maior profundidade, o objeto dessa pesquisa – Projeto Político-Pedagógico (PPP). Dentre esses autores, destaca-se Paulo Freire, cuja companhia vem inspirando minha prática e me motivando para acreditar nas reais possibilidades de construção de uma escola pública popular e democrática.

Não há um único caminho para se conduzir uma pesquisa, mas é necessário se ter clareza da caminhada, pois é o primeiro passo para a confirmação de se estar indo bem no caminho escolhido para o conhecimento de uma situação e nela intervir, se for o caso.

O objeto dessa pesquisa é o Projeto Político-Pedagógico (PPP), inspirado no pensamento de Paulo Freire, como um dos facilitadores de mudanças na realidade escolar. Ele guia as discussões coletivas para definir as necessidades da escola e buscar caminhos para superá-las. Acredita-se que a comunidade escolar e local, pensando e agindo, coletivamente, e usando os saberes de cada um, poderá sinalizar uma escola crítica, reflexiva e alegre.

A escola precisa atender às exigências do contexto, no qual está inserida, e para cumprir a proposta que lhe foi incumbida, que é contribuir para o desenvolvimento social, político, econômico e cultural dos alunos, deve rever paradigmas. Parafraseando Fernando Pessoa, é preciso esquecer os caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares, fazer a travessia proposta por ele, lembrando sempre que essa travessia é feita com ousadia, enfrentando os desafios de um novo tempo e se não a fizermos, teremos ficado, como relata o poeta, à margem de nós mesmos.

O pensamento de uma escola mais atuante e humana é uma necessidade para a formação de sujeitos, o que significa negar qualquer tipo de educação “bancária”³³. Nesse⁴⁷

³² Celso Vasconcellos, Ilma Passos Veiga, Moacir Gadotti, Ana Maria Saul, Alípio Casalli, Mário Sérgio Cortella, Elydio dos Santos Neto, Maria Célia Dalbério, Licínio Lima, Antônio Chizzotti, Mere Abramochiz, Sérgio Luna, Michael Apple, Danilo Gandin, Yin R. K, Pedro Demo, Juan Bordinave, Ivani Fazenda Paulo Roberto Padilha, Elizabete Campos, Danilo Streeck, Maria Célia Minayo, Gimeno Sacristán, Regina Giffoni, Heloisa Luck, Anísio Teixeira

³³ A prática bancária subordina o educando, sufocando o gosto pela rebeldia, reprimindo a curiosidade, desestimulando a capacidade de desafiar-se, de arriscar-se, tornando-o sujeito passivo (Dicionário Paulo Freire, 2008:134).

sentido, o PPP, a ser construído coletiva e participativamente, se for assumido como projeto próprio, poderá propor um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, sinalizando uma escola democrática, crítica e transformadora.

Essa pesquisa se insere no bojo de uma pesquisa mais ampla, coordenada pela Profa. Dra, Ana Maria Saul, que investiga “o pensamento de Paulo Freire, nos sistemas públicos de ensino do Brasil, a partir da década de 90”.

De acordo com Freire (2009), ninguém caminha, sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho. Nesse trabalho, procura-se revelar possíveis jeitos de caminhar na direção de uma educação que faça sentido, jeitos de caminhar que nos possibilitarão, também, a recriação de uma nova “fisionomia da escola”. Dentre inúmeras possibilidades de fazer uma escola mais humana e que contribua para a formação de “gente”, é proposto aqui um dos caminhos que não é novo, mas que pode ser percorrido, que é o Projeto Político-Pedagógico. Desde que construído e implementado coletivamente, mediado pela participação e pelo diálogo, sob coresponsabilidade de todos e um querer-fazer coletivo, pode não operar milagres, mas, com certeza, mostrará que é possível e preciso ter esperança num novo modo de fazer educação.

Mesmo sabendo que as condições materiais e econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2009:54)

Nessa caminhada, o problema a ser pesquisado pode ser expresso pela seguinte questão problematizadora: como está sendo concretizada a prática de participação e do diálogo, na construção, implementação e avaliação do PPP, na Escola Municipal Anita Malfatti, na cidade de Diadema – SP?

O objetivo geral desse estudo é investigar como os referenciais de Paulo Freire, especificamente, a participação e o diálogo permeiam a construção e implementação do PPP, numa escola municipal de Diadema/SP. Assim, serão analisadas as práticas de construção e implementação do PPP na EM Anita Malfatti, com o intuito de verificar como os princípios de participação e diálogo na construção e implementação do PPP estão sendo concretizados/recriados, nessa rede pública de ensino.

Assim, os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- ✓ Conhecer os meios e modos de participação da comunidade escolar e local, na EM Anita Malfatti, na construção, implementação e avaliação do PPP;
- ✓ Analisar os referenciais freireanos nas propostas e nos princípios de participação na construção, implementação e avaliação do PPP da EM Anita Malfatti;
- ✓ Identificar os avanços, limites e possibilidades de participação da comunidade escolar e local na construção, implementação e avaliação do seu PPP.

A obra de Paulo Freire, com sua visão humanizadora de mundo e de educação, é um marco na história do pensamento educacional e isso tem dado origem a inúmeras pesquisas, no Brasil e no exterior, sobre suas ideias provocadoras de mudanças, ainda, tão necessárias, na escola do século XXI. Freire deixou obras de insuperável valor e um exemplo de prática docente banhada de ética e estética. Durante toda sua vida, sonhou, mas não só sonhou, ele lutou por uma escola pública popular, que desse aos educandos a oportunidade de aprender, a partir de um diálogo franco e corajoso. Tratou de ética, anunciou possibilidades, incentivou a pesquisa, anunciou a esperança pela humanização do homem, por uma educação libertadora.

Para a realização desse trabalho, foram escolhidas algumas categorias³⁴ do pensamento freireano indispensáveis para indicar as possíveis mudanças no cotidiano escolar, mediadas por um PPP. Além disso, pela escolha dessas categorias, tem-se o objetivo de mostrar a relevância do pensamento de Freire na construção de uma escola democrática e popular para os dias de hoje.

Essas duas categorias escolhidas – participação e diálogo - são definidoras da proposta de Freire de pôr em prática uma educação em favor da emancipação³⁵ das gentes. Faz-se necessário uma compreensão ampla do que seja participação e diálogo e de como concretizá-las, uma vez que se encontram relacionadas à prática educativa.

(...) educação numa perspectiva crítica, progressista, nos obrigamos, por coerência, a engendrar, a estimular, a favorecer, na própria prática educativa, o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao que fazer educativo (2003:65).

³⁴ Minayo (1994: 70) define categorias como sendo agrupamentos de ideias ou expressões de um conceito que seja capaz de dar conta de todas as relações que a envolvem.

³⁵ A emancipação humana aparece, na obra de Paulo Freire, como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social (Dicionário Paulo Freire, 2008:145).

Essas categorias estabelecem uma forte ligação com o PPP, uma vez que a construção participativa e dialógica do projeto pode ser um importante espaço de construção coletiva da escola, segundo Vasconcelos, (2009). Freire afirma que “ninguém democratiza a escola sozinha, a partir do gabinete do secretário”. Propõe uma real participação da comunidade, dos pais, dos alunos, dos professores, dos funcionários, da direção na vida inteira da escola. Freire (2009) alerta que a participação só é possível, quando há diálogo, no sentido de encontro dos homens para ser mais.

O diálogo é uma das categorias centrais do pensamento de Freire para uma educação humanista-libertadora, é o coração da proposta freireana, que marca toda sua história. É o caminho, pelo qual os homens ganham significação, enquanto homens, afinal “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra”. Participativamente e de forma dialógica, busca-se a autonomia³⁶, processo gradativo de amadurecimento que conduz a permanente busca pelo vir a ser. Freire (2006) aponta que o avanço maior com relação à autonomia da escola é o de permitir que cada escola construa projetos pedagógicos próprios, que, com apoio da administração, favoreçam mudanças, na busca por um processo de ensino e aprendizagem que leve o aluno a autorrealização pessoal e profissional.

O diálogo possibilita a discussão acerca das necessidades e prioridades da escola, sugerindo o seu enfrentamento e a busca das possíveis soluções, visando ao objetivo de que os sujeitos analisem criticamente sua realidade, a fim de transformá-la. Dessa forma, a caminhada dialógica e participativa do PPP pode trazer mudanças significativas para a escola. Nesse sentido, Freire sugere que pensemos sobre nossas práticas para encontrarmos formas significativas de mudá-las. Acompanhar e avaliar a caminhada do PPP é avaliar os resultados esperados na organização da prática educativa, no intuito de conhecê-lo melhor e melhorá-lo cada vez mais.

2.2. Opção pela pesquisa qualitativa, via estudo de caso.

³⁶ Autonomia é uma das categorias centrais da obra de Freire. Uma tarefa fundamental, no ato de educar, ligada a outros princípios basilares da prática educativa. Em *A Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire escreve e reflete sobre esse conceito. Colocando-o como um princípio pedagógico para educadores, que se dizem progressistas. (Dicionário Paulo Freire, 2008:53)

Segundo Richardson (1999), persistem discussões sobre o tipo de pesquisa ao ser desenvolvida pelo pesquisador. É necessário, porém, não perder o foco da relevância da pesquisa, tendo como princípio primordial o desenvolvimento humano e uma postura “ética e estética” por parte do pesquisador. Nesse sentido, Freire alerta para o fato de que:

O que importa fundamentalmente à educação, contudo, como uma autêntica situação gnosiológica, é a problematização do mundo do trabalho, da obra, dos produtos, das ideias, das concepções, das aspirações, dos mitos, da arte, das ciências, enfim, o mundo da cultura e da história, que, resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores. Colocar este mundo humano como problema para os homens significa propor-lhes que “ad-mirem” criticamente, numa operação totalizada, sua ação e a de outros sobre o mundo. (2006:83).

Ao completar seu pensamento, Freire propõe ao educador/pesquisador uma postura “ética e estética”, apontando caminhos para uma pesquisa de qualidade e que venha efetivamente contribuir para as mudanças necessárias à educação.

Essa pesquisa ancora-se nos princípios propostos para a educação libertadora, que é o pleno desenvolvimento do educando, mediante uma postura dialógica, por parte dos professores. Assim, para alcançar os objetivos propostos para essa pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa, por entender que ela vai muito além daquilo que pode ser quantificado. Pela abordagem qualitativa, busca-se revelar um mundo de desafios e possibilidades, ao se tentar compreender e aprofundar reflexões sobre o objeto de estudo, o que Cortella destaca:

A nova realidade social a ser parida também por nós educadores é mais do que uma espera (nostalgia do futuro); é um escavar no hoje de nossas práticas à procura daquilo que hoje pode ser feito. Esse hoje é uma das pontas do nó do futuro a ser desatado, fruto de situações que não se alteram por si mesmas e nem se resolvem com um “ah! Se eu pudesse...”, ah! “No meu tempo”. (...) Nosso tempo, o dos educadores, é este hoje em que já se encontra, em gestão, o amanhã. Não qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos possibilidade. (CORTELLA, 2008:130)

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa propõe envolvimento entre pesquisador e pesquisados, para que se possa apreender e compreender melhor o objeto de estudo. Para Abramowicz (1996), a característica da pesquisa qualitativa leva em consideração a subjetividade dos pesquisados. Por isso, tanto as experiências pessoais do pesquisador, quanto as dos sujeitos pesquisados são valorizadas, pois se entende que essa interação favorece o enriquecimento dos dados coletados e sua análise.

Chizzotti (2005), analisando os pressupostos da pesquisa qualitativa, a caracteriza como sendo uma denominação que comporta várias correntes de pesquisas diferentes. Os seus pressupostos fundamentam-se em princípios, métodos e técnicas que se diferem do modo experimental. Enquanto a pesquisa experimental indica um único método de pesquisa para todas as áreas científicas, baseado no estudo das ciências da natureza, a pesquisa qualitativa leva em consideração a cultura, a história e o contexto do fenômeno.

Dessa maneira, justifica-se a opção pela abordagem qualitativa, uma vez que ela permite uma possível compreensão da variedade de fenômenos que estão ligados ao objeto pesquisado e as possibilidades de visão ampla da situação e possíveis intervenções. O desenvolvimento desse estudo levará em consideração as dimensões do contexto escolar e as relações que são construídas e estabelecidas em seu interior, considerando os processos de interações entre pesquisador e pesquisados, que é essencial para sua relevância e originalidade e também para a apropriação do problema estudado. A opção por essa abordagem fundamenta-se, também, nas várias vantagens que ela oferece, dentre as quais, a compreensão de o objeto ser primordial para o desenvolvimento de todo o estudo.

Portanto, há muitos caminhos para se fazer uma pesquisa com abordagem qualitativa. Optou-se pela metodologia de estudo de caso, por motivos expressos em estudos de vários estudiosos dessa área do conhecimento.

Segundo André (2003:51), se quiser entender um caso particular, levando em conta o seu contexto e sua complexidade, então a metodologia de estudo de caso se faz ideal.

Além disso, este tem sido o caminho escolhido pelos pesquisadores da Cátedra Paulo Freire, para estudar, pesquisar e reinventar o legado freireano.

Para Chizzotti (2006:17), os estudos de caso visam explorar um caso singular, situado na vida real contemporânea, bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar, para realizar uma busca circunstanciada de informação sobre um caso específico.

Nesse caso, a Escola Municipal Anita Malfatti, em Diadema/SP, constitui um contexto delimitado, atual, para se conhecer e analisar as categorias freireanas de participação e diálogo da comunidade escolar e local, no seu cotidiano.

Nessa pesquisa, o objeto de investigação tem se tornado uma necessidade das escolas, no sentido de ter suas ações organizadas, de forma a contribuir para o desenvolvimento do aluno. Esta e outras preocupações estão no bojo da questão crucial de organização das escolas, no intuito de proporcionar aos professores um processo de aprendizagem que promova o seu crescimento. Isso justifica um estudo de caso, em que se

buscam informações sobre o objeto e suas contribuições para a melhoria esperada no mundo educacional.

Segundo Ludke e André (1986:17), os estudos de caso se caracterizam pelos seguintes traços: descoberta; interpretação do contexto; percepção da realidade de forma completa e profunda; variedade de fontes de informação; experiências vicárias e generalização naturalista; representação dos diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social e linguagem de uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Considerando, assim, que o seu caráter seja de descoberta, o referencial pode ser “(...) um esqueleto de estrutura básica, a partir da qual novos elementos poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance” (Ludke; André, 1986:18).

O estudo de caso é uma estratégia bastante comum nas pesquisas atuais, uma vez que dá ao pesquisador a oportunidade de reunir informações sobre o objeto de estudo. No nosso caso, o PPP, e, desse modo, alcançar um conhecimento mais amplo sobre esse objeto, esclarecendo as dúvidas, clareando questões pertinentes, e, sobretudo, guiando as ações posteriores. Assim, pode-se considerar que o estudo de caso a ser realizado atenderá de forma satisfatória às necessidades dessa pesquisa, pois viabilizará a coleta e análise de quantidade de dados possíveis sobre o tema pesquisado.

Segundo Yin (2003), o uso do estudo de caso é crescente, em todos os domínios das atividades econômicas e sociais, adotando os mais diversos recursos de coletas de informações sobre a temática.

O estudo de caso propõe uma busca rigorosa de informações/ dados sobre o objeto de estudo, por meio de uma variedade de fontes, como documentos, observações, relatórios, entrevistas, recursos audiovisuais e outros. Juntamente com o forte envolvimento do pesquisador com o objeto, esses dados permitem que esse tipo de estudo seja tão recorrente nas pesquisas contemporâneas.

Segundo indicações dos autores estudados, o instrumento mais frequente, no estudo de caso, tem sido a entrevista na modalidade semiestruturada, por permitir um envolvimento mais próximo dos participantes com as informações que possuem, facilitando análises das situações/ações.

O estudo de caso de uma organização específica como é o caso, a Escola Municipal Anita Malfatti, permite aprofundar o conhecimento sobre o PPP, sua construção e desenvolvimento, ao longo de um período, acompanhando o desempenho dos envolvidos e os resultados almejados, coletando, assim, dados para a pesquisa.

Segundo Cortella (2008:92), o melhor método é aquele que propuser a melhor aproximação com o objeto, isto é, aquele que propiciar a mais completa consecução da finalidade. No entanto, o método não garante a exatidão, pois está relacionado à aproximação com a verdade e o método é apenas garantia de rigorosidade.

Parafraseando André (2003), não se espera que a intervenção para a reconstrução do real, pelo estudo de caso, seja única e correta, mas espera-se que possa contribuir para o desenvolvimento de diferentes representações.

O caso a ser estudado permitirá uma melhor compreensão dos desafios e possibilidades de se construir coletivamente o PPP, em relação à participação de todos, de forma dialógica, na construção de uma escola, popular e democrática.

2.3. Escolha da escola e os sujeitos da pesquisa

Como aluna da Cátedra Paulo Freire, espaço privilegiado para estudar os referenciais freireanos, busquei uma escola, onde esses referenciais eram vividos, no seu dia a dia. Com a informação de que Diadema assume, em documentos oficiais e na prática escolar, trabalhar a pedagogia freireana como caminho para construção de uma educação pública popular, inclusiva, alegre e libertadora, procurei a Secretaria de Educação do município. Expus o objeto e objetivos da pesquisa, para que me indicasse uma escola que melhor respondesse à busca por uma escola com uma prática de participação da comunidade escolar e local na construção e efetivação do PPP, pensado e concretizado dialogicamente.

A secretaria argumentou que várias escolas atenderiam à demanda, uma vez que a proposta do município é uma escola construída por muitas mãos e ideias, mas, que indicaria aquela, em que melhor pudessem ser verificados os meios e modos de participação e diálogo, no seu dia a dia. Assim, indica a Escola Municipal Anita Catarina Malfatti, na qual, segundo ela, a participação vinha sendo um processo em constante construção, aproximando-a, assim, do questionamento central do estudo.

Definido o campo de pesquisa, inicialmente, busquei conhecer melhor esse espaço em todos os sentidos. Nas primeiras visitas, tomei conhecimento de que a escola foi inaugurada em 2001, na gestão do prefeito José Fillipi Júnior (PT) e grande parte da equipe está lá, desde a fundação, fator este de grande relevância para a construção da história da escola.

Acredita-se que uma dimensão fundamental para uma pesquisa está nos sujeitos a serem pesquisados, aqueles que, de alguma forma, propiciam as observações, realizando ações que possam ser estudadas, recriadas ou reinventadas. Os sujeitos de uma pesquisa estão diretamente vinculados ao objeto pesquisado, e, assim, torna-se uma exigência da pesquisa observar esses sujeitos, no cotidiano de suas práticas, e ouvi-los.

A construção e efetivação do PPP, envolvendo a comunidade escolar e local no pensar, no decidir, no concretizar e no avaliar as ações na instituição, significa partilha de poder. Para captar essa realidade de coletivo, esse estudo teve como sujeitos alunos, professores, pais, funcionários, comunidade e coordenação, todos que compõem a escola, participando do seu cotidiano, pensando e concretizando atividades.

Os alunos de duas turmas do 5º ano do turno vespertino foram entrevistados, nas suas respectivas salas, acompanhados dos professores e da coordenação, contribuindo, de forma significativa, pois, além das respostas, faziam colocações, comentários e até sugestões. Nas duas turmas, os alunos fizeram questão de apresentar uma atividade que eles criaram com o seu professor. A primeira turma apresentou um número teatral e a segunda turma, um texto informativo produzido coletivamente. Os professores entrevistados fizeram questão de falarem na presença de seus alunos, por entenderem que um poderia complementar a fala do outro, já que vivenciavam as aulas com participação e diálogo. Segundo os professores e os alunos, participar é uma palavra que faz parte do cotidiano, na teoria e na prática.

A coordenadora, ao ser entrevistada, propôs que a pesquisadora participasse do Conselho de Classe e sugeriu, ainda, a participação do diálogo entre a coordenação e o funcionário, enviado pela SECEL, para acompanhar os projetos da escola.

No período das entrevistas, foi possível perceber, em algumas falas, referências a atividades que estavam sendo desenvolvidas e que estavam registradas no PPP da escola. Isso sinaliza que a escola propõe e viabiliza o envolvimento das pessoas, fortalecendo o seu objetivo maior que é o desenvolvimento de todos.

2.4. Procedimentos metodológicos

a) Pesquisa documental

Essa investigação foi realizada, utilizando-se de várias fontes de dados e, dentre elas, a análise de documentos, por considerar sua contribuição indispensável para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que se aprofundam e se ampliam os conhecimentos a cerca do objeto de estudo.

Segundo Ludke e André (1986:30), “os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem declarações e afirmações do pesquisador” Dessa forma, foram selecionados, cuidadosamente, documentos que revelassem ou sugerissem a participação e o diálogo, como princípios para a construção de uma educação democrática e de qualidade para todos.

O primeiro documento consultado foi o do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Além desse documento, foi possível, também, verificar o Plano Anual da Escola, no qual constavam os conteúdos programáticos, os objetivos e as metodologias de ação. Foram lidas Atas de reuniões, com registros de discussões, sugestões e pospostas, e, também, as Circulares, destinadas a anunciar e/ou convocar para a participação, visando a pensar as atividades e o seu desenvolvimento.

Foram analisados, ainda, os documentos produzidos pela Secretaria de Educação de Diadema, relativos ao Movimento de Reorientação Curricular³⁷, cuja expectativa era que “esse material subsidie e contribua para que os profissionais da educação e a comunidade escolar prossigam investigando e investindo na mudança” (Diadema, 2007:5).

Essas leituras permitiram uma melhor compreensão das diretrizes educacionais do governo municipal. Em linhas gerais, o projeto da política educacional do município propunha como princípio uma construção coletiva da educação, sugerindo que as discussões e decisões levassem em conta a realidade da comunidade, o cotidiano da escola e de seus participantes, lembrando sempre que o respeito pelo outro é o ponto de partida para as construções, interações e essencial para o desenvolvimento das pessoas.

Os documentos estudados deram uma base para se verificar se a proposta de participação de todos, dialogando sobre a construção de uma escola mais humana, alegre, e de qualidade, é um fato vivido, no dia a dia dessa escola. Os documentos de Reorientação Curricular de Diadema sugerem uma escola pública, de qualidade, que contribua para a formação de um cidadão crítico, reflexivo e autônomo e que seja construída por todos os envolvidos. Assim, os dados foram analisados com o objetivo de verificar se as informações documentais sobre o objeto pesquisado, a partir das categorias participação e diálogo, eram coerentes e se completavam, na prática.

³⁷ Movimento de Reorientação Curricular – informações mais detalhadas serão apresentadas no Capítulo 3 dessa dissertação.

b) Observações de campo

Nesse estudo, optou-se pela observação como principal procedimento para busca de informações e dados, uma vez que somente o contato com o cotidiano escolar permitiria uma melhor visão de suas vivências e uma compreensão mais contextualizada dos processos a serem investigados. Também foram realizadas entrevistas e aplicados questionários.

Ludke e André (1986:26) destacam que “na medida em que o observador acompanha in loco as experiências dos sujeitos pode tentar apreender sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as suas próprias ações”. Dessa forma, avalia-se que há necessidade de uma forte interação entre pesquisador com contexto pesquisado, porém, para além desse contato, busca-se conhecer o verdadeiro “chão da fábrica”, como defendem as pesquisadoras citadas.

A observação favorece uma profunda compreensão da realidade, uma vez que possibilita o ver, o ouvir e o sentir, cujo movimento leva ao entendimento do como e do porquê das conquistas, ou não. Favorecendo, ainda, algo mais relevante para uma pesquisa, que é a aproximação com os sujeitos pesquisados, também a observação proporciona acompanhar as vivências e conhecer os saberes que os sujeitos pesquisados trazem consigo.

As observações aconteceram, no segundo semestre de 2010 e no primeiro de 2011, na Escola Municipal Anita Malfatti de Diadema – SP. A ideia central era observar os meios e modos de participação e de diálogo dos sujeitos da unidade escolar em todo o seu cotidiano e, em especial, na construção e efetivação do seu PPP. Das nove observações, oito foram na companhia da coordenadora e/ou da assistente de coordenação, a fim de observar em que situações, como, quando e porque a comunidade escolar e local participava do cotidiano da escola. Assim, foi possível observar trabalhos em sala de aula, no ateliê de artes, na aula de educação física, na sala dos professores, na secretaria, no atendimento a mães, alunos e professores, entrada e saída dos alunos dos três turnos, dentre outras atividades.

Das atividades citadas, destaque-se a observação de uma manhã de sábado, em que houve a oportunidade de observar o projeto Escola Aberta³⁸. Nesse projeto, mães, funcionários, comunidade e alunos participaram de várias oficinas, em que professores e alunos das oficinas dividiam seus saberes para somarem conhecimentos, construindo coletivamente novos saberes.

³⁸ Escola Aberta: maiores informações serão apresentadas no Capítulo 3 dessa dissertação.

A diversidade de observações, em vários espaços e situações, forneceu subsídios para responder ao questionamento inicial: como está sendo concretizada a prática de participação e do diálogo na construção, implementação e avaliação do PPP?

Observações relevantes sobre os meios e modos de participação ocorreram, nas salas de aula, em especial, nos momentos, em que alunos participavam de discussões e criação de atividades para suas aulas. Por exemplo, a professora do 5º ano relatou, na sala, uma situação não muito agradável vivenciada por ela na rua, que ela chamou de novo golpe da praça. Em conversas com a turma, decidiram construir coletivamente um artigo para ser distribuído nas ruas, evitando, assim, que outras pessoas passassem pela mesma situação. Os alunos propuseram levar o texto para casa e, com ajuda dos pais, distribuírem e colaborarem com outras pessoas. Essa ideia surgiu, a partir da fala de uma aluna, ao dizer que pediria ao pai, que é segurança do shopping, para distribuir, no seu local de trabalho, e outras vozes, também, sugeriram o local de trabalho dos pais. As atividades discutidas e desenvolvidas na sala de aula são tão presentes no cotidiano dos alunos, que a presença de outras pessoas na sala não os inibiu, pois realizaram essa atividade, como se a pesquisadora não estivesse presente.

As observações funcionaram como eixo norteador da pesquisa, uma vez que, a cada busca, surgiam novas necessidades de investigação, sugerindo novos caminhos para se alcançar os objetivos propostos. Durante todo o período, notícias das atividades desenvolvidas pela escola eram enviadas pela coordenação, via e-mail ou telefone. Assim, mesmo não estando presente, acompanhava-se o cotidiano da escola. Portanto, durante as observações, foi possível presenciar as propostas de meios e modos de participação da comunidade escolar e local para construir um cotidiano.

As observações se tornaram um excelente instrumento para coleta de dados, pois permitiram a criação de um diário de campo³⁹, em que foram registradas as visitas, as conversas, as observações em sala de aula, no pátio, na secretaria, na diretoria, no refeitório e, em outros momentos, que muito contribuíram para a construção desse relato. Dessa forma, foi possível, além das observações, a vivência de situações que favoreceram o ouvir, o falar, o sentir e o compreender dessas situações. Observar o cotidiano da escola, tendo a oportunidade

³⁹ Nos ANEXOS encontram-se algumas páginas do diário, construído, durante a pesquisa de campo, nas visitas feitas à escola e à cidade.

de acompanhar atividades que envolvem a comunidade escolar e local foi de suma importância para a realização dessa pesquisa.

c) Entrevistas e questionários

Num estudo de caso, as entrevistas se tornam uma importante fonte de informação, pois permite colher dados, mantendo uma relação de interação entre entrevistador e entrevistado. Esse movimento se torna mais espontâneo e a conversa flui de forma proveitosa, uma vez que os sujeitos, interagindo, falam com maior liberdade de expressão e participação e as informações necessárias à pesquisa vão surgindo e propiciando um conjunto de dados inter-relacionados.

Nessa direção, foram realizadas entrevistas com duas turmas de 5º ano, do turno vespertino. Todos os alunos e professores dessas classes participaram, coletivamente, das entrevistas, que foram gravadas e filmadas. As crianças se divertiram com a filmagem, que em nada as inibiu, afinal, soltaram as vozes e os sonhos, ao falarem de como participam das atividades da escola e de como se sentem, ao serem convidadas a se envolverem no cotidiano da escola.

Para a realização das entrevistas, criou-se um roteiro de perguntas, levando em conta a ideia central, que era a participação dos sujeitos na construção de um projeto inovador, pensado e concretizado coletivamente, com o intuito de buscar melhor qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Propor e viabilizar trabalhos, de que todos participem não é tarefa fácil; muitos pontos de conflitos surgem, a cada discussão, sugestão, porém, é preciso ter esperança, acreditar, e não desistir dos sonhos, e dos propósitos. Assim, as perguntas tinham o objetivo de identificar como se davam os meios e modos de participação dentro da escola, como se concretiza essa participação e quais os resultados e dificuldades desse movimento participativo.

Os alunos faziam questão de, além responder às questões sobre participação, mostrar atividades que eles criaram, juntamente com os professores. O questionamento de um aluno se destacou e é importante registrá-lo, aqui, para que se tenha uma visão mais próxima e mais real desse rico momento. Assim, perguntou o aluno: “Gostaria de saber o que a senhora vai fazer com esse trabalho, depois?”. A surpresa foi imediata com uma pergunta tão pertinente e vindo de uma criança. A resposta não podia ser outra: “esse trabalho busca conhecer uma escola, cujo cotidiano é construído com a participação de todos que a compõem. E a intenção

maior é levar uma mensagem de possibilidade para outras escolas, em que a participação ainda não envolve a comunidade escolar e local e os meios e modos de participar não são pensados e concretizados de forma coletiva”.

A realização das entrevistas permitiu a criação de um clima de interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, possibilitando um diálogo, para além de subsídios para a pesquisa. Um movimento não planejado foi surgindo e os personagens foram mudando de posição, o entrevistador passava a ser entrevistado e vice-versa. Havia um clima de curiosidade⁴⁰ sobre o trabalho da pesquisadora. Esse movimento transformou o que era para ser apenas a realização de umas entrevistas num agradável momento de troca de conhecimentos e experiências.

Além das entrevistas, foi elaborado um questionário, que foi aplicado a cinco (05) pessoas indicadas pela coordenadora, dentre aquelas que tinham uma participação ativa na discussão das ações da escola e, portanto, estavam envolvidos com o PPP. Responderam a esse questionário um aluno, um professor, um funcionário, uma coordenadora e uma professora itinerante, que comparece à escola, uma vez por semana, e atua, dando suporte às questões de inclusão. Ela orienta as famílias, encaminha alunos para atendimento clínico, solicita relatório médico, elabora e desenvolve planejamento com as professoras.

As questões propostas tanto nas entrevistas e no questionário, em geral, tinham o objetivo de verificar: como as pessoas participavam do cotidiano da escola; como se sentiram, participando, como sujeitos, das atividades da escola; o que facilitava ou dificultava a participação e quais sugestões que eles propunham para ampliar a participação da comunidade escolar e local.

Especificamente, as indagações dirigidas aos professores focavam o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e objetivava verificar como eles viam a importância e a necessidade da construção e efetivação coletiva do PPP e, também, as possíveis melhorias na instituição, como também a vinculação dessas mudanças com o Projeto.

As questões dirigidas à coordenação buscavam verificar, de início, qual a importância e necessidade de se propor e viabilizar a construção e efetivação coletiva do PPP.

⁴⁰ A curiosidade é concebida por Paulo Freire como necessidade ontológica, que caracteriza o processo de criação e recriação da existência humana. Em *Cartas a Cristina*, o autor afirma que “é enquanto epistemologicamente curiosos que conhecemos, no sentido de que produzimos o conhecimento e não apenas mecanicamente o armazenamos na memória” (p.148). (Dicionário de Paulo Freire, 2008:107)

Além disso, quais pontos positivos e negativos dessa construção, quais melhorias provocadas por essa proposta de construção participativa, quais as sugestões para ampliar a participação da comunidade escolar e local e, finalmente, qual o apoio dado pela Secretaria de Educação e Lazer (SECEL) para a concretização dessa proposta.

Os roteiros dos questionários e das entrevistas e a transcrição das falas dos entrevistados encontram-se nos ANEXOS dessa dissertação.

Capítulo III - O CENÁRIO DA PESQUISA

Nesse capítulo, será apresentado o contexto, em que foi desenvolvido o trabalho de campo, a cidade de Diadema – São Paulo, mais precisamente, a Escola Municipal Anita Catarina Malfatti. A cidade de Diadema foi escolhida como campo para essa pesquisa por declarar, em documentos que registram sua política educacional, as opções pelos referenciais freireanos. Desse modo, atende aos interesses da pesquisa mais ampla que se desenvolve na Cátedra Paulo Freire, PUC-SP, a saber: investigar a influência do pensamento freireano, em sistemas públicos de educação no Brasil, a partir da década de 1990.

Lendo e observando sobre os meios e modos de participação e diálogo em Diadema, encontra-se lá um campo propício para essa investigação, uma vez que esse texto é a nona de pesquisa realizada nessa cidade, entre dissertações e teses, sob a orientação da Professora Dra. Ana Maria Saul, tendo como foco de análise os referenciais freireanos. O envolvimento com outras pesquisas e pesquisadores tem enriquecido bastante esse trabalho. A cidade de Diadema teve sua história de construção pautada no diálogo e na participação e as informações e análises, aqui, apresentadas situam-se em dois planos: inicialmente, um pouco da história da cidade e, em seguida, uma articulação da história da cidade com a educação, na cidade.

3.1. Diadema: caminhando e construindo

Ao completar 54 anos, Diadema traz consigo uma história muito rica e bastante singular. Há aproximadamente três décadas, Diadema não poderia ser considerada uma cidade, em sua dimensão físico-territorial. A cidade foi inaugurada por homens e mulheres, que tinham esperança, esperança que, ao se juntar à de outros que chegavam, se transformou em possibilidade. Assim, a cidade foi construída junto com o povo e para o povo, portanto, constrói uma história de participação popular nos processos decisórios, na efetivação da melhoria dos espaços públicos, no crescente acesso aos direitos civis e na urbanização do município.

A aproximação com o campo de Diadema⁴¹ foi sob a vertente do olhar reflexivo, que me fez ver os princípios freireanos em seu modo de fazer educação.

⁴¹ Meu interesse por realizar essa pesquisa, tendo uma escola municipal na cidade de Diadema, em São Paulo, se deu pelo meu interesse em estudar os referenciais freireanos que estão sendo implantados e trazendo resultados positivos. Na Cátedra Paulo Freire (PUC-SP), fiquei conhecendo pesquisas e pesquisadores que se assumem freireanos e que estudavam em Diadema a Pedagogia Freireana.

Uma cidade e uma gestão municipal que assume em sua proposta político-pedagógica os referenciais freireanos, deva ter presente em sua prática espaços de participação, nos quais a população seja compreendida e valorizada como sujeito de decisão: espaços de diálogo verdadeiro; espaços de formação permanente, nos quais sejam problematizadas as situações da realidade, e o povo seja convidado a refletir e decidir sobre os possíveis e necessários encaminhamentos da situação, e, por fim, uma prática coerente com a valorização do humano e a construção de uma nova realidade mais justa para todos. Nessa caminhada de mais de cinquenta anos, Diadema deu passos certos e escreveu páginas que marcará toda sua história. Caminhando, construiu e continua a construir bons exemplos de como se faz um município que prospera, tendo a educação como primeira preocupação.

No “Caderno Introdutório: O Movimento de Reorientação Curricular em Diadema” é claramente definido um posicionamento político-educacional:

(...) todo trabalho pedagógico realizado na esfera do cotidiano escolar, vem sendo problematizado, refletido e sistematizado com o intuito de propor um currículo inovador, que esteja a serviço das aprendizagens e autonomia dos sujeitos não somente à rede de escolas, mas, sobretudo vinculados à cidade de Diadema. (DIADEMA, 2007:04).

3.1.1. Passos econômicos e políticos:

Em 1947, com a inauguração da Rodovia Anchieta, começam a se erguer as primeiras construções, que, mais tarde, dão origem a uma localidade, que se chamaria Diadema e, que, durante algum tempo, foi distrito da cidade vizinha. De início, chamada “cidade dormitório”, por acolher os operários das indústrias em expansão, na região do ABC paulista⁴². Diadema se emancipou, em 1959, deixando de ser distrito de São Bernardo dos Campos, passando a ser um município da região metropolitana de São Paulo, localizando-se numa região intermediária entre a cidade de São Paulo, o Porto de Santos e o município de São Bernardo do Campo.

⁴² ABC Paulista, Região do grande ABC ou ABC, parte da região metropolitana de São Paulo. A sigla vem das três principais cidades da região: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C). A região também é conhecida como ABCD, pois o município de Diadema é populoso e se tornou um grande polo industrial. (IBGE -2006)

O município, que, inicialmente, constituiu-se como dormitório para operários, passou a receber suas famílias, que necessitavam, não apenas de um local para se abrigar, mas também, de transporte, saneamento, lazer, escola, cultura, moradia digna e saúde. Com o aumento da população, instalaram-se, também, problemas de todas as ordens, aumentando, consideravelmente, a pobreza. Esse contexto, porém, serviu para dar início às reivindicações da população por melhorias. Por exemplo, o caso da reivindicação por saneamento básico, no Jardim Portinari, no ano de 1975. Este ano foi marcado por intensas reivindicações de saúde e assim, sucessivamente, se desencadeiam movimentos de reivindicações, conforme relata Terezinha dos Santos:

Mudei para o Jardim Portinari, em Diadema, em 25 de janeiro de 1975. Aqui não tinha nada: era lugar pobre de tudo. Eu mudei num sábado; na segunda-feira, uma senhora bateu na minha porta, me convidando para participar de uma reunião e organizar os moradores para cobrar o esgoto Portinari. O meu marido não gostava que eu participasse de nada (...) e eu falei, não, eu quero participar, quero saber. Quero saber pelo menos como é (...) eu queria participar e me integrar no movimento e ver como é, como se faz isso. Ai fui para a reunião (...) começamos a brigar pela luz a mercúrio, era uma escuridão total. E assim foi a sequência de lutas. Depois brigamos por saúde, moradia, depois, veio o asfalto. (apud DIADEMA, 2008).

Desde então, os espaços de participação popular para a reivindicação dos direitos sociais foram crescendo e se fortalecendo. No ano de 1983, nesse processo de participação, reivindicações foi se estruturando e se expandindo com reuniões de bairro, debates, trocas de experiências, discussões, com apoio do governo municipal, e, assim, ia se construindo as bases de um movimento articulado, em que o objetivo não era apenas formar canais institucionais de participação popular, mas fomentar uma nova cultura de participação democrática no município.

A história de Diadema está profundamente ligada à de São Paulo e ao seu desenvolvimento industrial. Na década de 50, São Paulo representava o maior polo industrial do país. O crescimento industrial paulista passou a sentir necessidade de uma expansão física e, em consequência, ocorreu a transferência e criação de fábricas em áreas vizinhas como São Bernardo, Mauá, Ribeirão Pires e Diadema, que se tornaram polos periféricos industriais da cidade de São Paulo.

(Diadema era um) bairro periférico da região de São Bernardo, tem sua evolução marcada pela industrialização e por ser uma área residencial para a população de baixa renda. Os moradores mais antigos dedicam-se às atividades agrícolas ou trabalhavam em São Paulo nas áreas próximas onde

existiam atividades manufatureiras. Havia inúmeras olarias que praticavam esta atividade, fabricando tijolos, telhas. (FONSECA, 2001:127)

Diadema não foi uma cidade planejada. A cidade foi se expandindo com instalações de indústrias e construção de casas. Avenidas e ruas se abriram para suprir as necessidades de cada momento. Com o aumento da população, sem nenhum tipo de planejamento, crescem, também, os problemas que afligem os seres humanos. Diante dessa situação, surgiam e cresciam as cobranças dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e por melhores condições de vida.

Com o passar do tempo, percebe-se um grande aumento da população de Diadema. Em dez anos, entre 1960 e 1970, os trabalhadores das indústrias aumentaram de 632 para 9.622. Em 1970, Diadema ocupava o 9º lugar, quanto ao desenvolvimento industrial, graças ao dinamismo da atividade no município. Em contraste, 30% dos diademenses viviam em condições precárias.

No final de 1959, com uma população de aproximadamente 12.000 habitantes, a cidade foi emancipada e, ao mesmo tempo, ocorria uma considerável explosão demográfica, pois, em 1970, já contava com uma população de 79.316 e, em 1975, já era 103.319. Hoje, de acordo com dados do IBGE/2004, conta com 383.629 habitantes.

As reivindicações por melhorias marcaram a história de lutas e conquistas que dura mais de 50 anos. Esse movimento não transformou a cidade num “paraíso” e nem resolveu os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, mas, com certeza, ajudou a sedimentar uma cultura de luta para conquistar melhorias, pela participação popular.

Desde 1982, Diadema vem sendo administrada por prefeitos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores (PT), com apenas uma ruptura em 1996, quando Gilson Menezes, ex-petista, filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), foi eleito prefeito para a gestão de 1997-2000. Essa continuidade político-administrativa, com base num projeto democrático permite a participação do povo na construção de uma cidade mais justa, humana e igualitária.

Com a volta da democracia no Brasil, na década de 80, houve uma participação direta dos cidadãos em organizações de todos os setores. Esse é a marca principal observada no município, pois, em espaços de diálogo, se discute a realidade e se buscam soluções para os problemas.

Na Lei Orgânica do Município, há princípios que confirmam a valorização da participação do povo, inclusive nas sessões da Câmara Municipal: “durante a realização das sessões ordinárias, será garantida a participação popular, através da Tribuna Livre, na forma

que dispuser o Regimento Interno. Os projetos da lei apresentados através da iniciativa popular serão inscritos prioritariamente na ordem do dia na Câmara”. (Diadema, 2005:7)

Há outros meios de participação, dentre eles, o “Programa Ação Comunitária”, que visa a contribuir para que as comunidades se organizem, valorizando a construção de um saber compartilhado, por meio da educação popular e democrática. O “Programa Ação Comunitária” sugere uma relação de aproximação, de parcerias e envolvimento do setor público com a comunidade, administrando os espaços públicos, numa relação de respeito e compromisso com o coletivo e a democratização desses espaços.

O diálogo, que liga os saberes do povo com os órgãos de atendimento público, como escolas, unidades básicas de saúde e centros comunitários de lazer, tem se tornado um marco na construção de uma Diadema democrática. Por esse diálogo, resultam cursos de formação de “Agentes Multiplicadores”, que participam dos cursos e assumem o compromisso de desenvolvê-los nas suas comunidades. O desenvolvimento desse programa é articulado, entre várias Secretarias Municipais, promovendo uma integração entre elas e abordando diversos temas, como, por exemplo:

- a) Musicalização, em parceria com a SECEL;
- b) Lazer comunitário, em parcerias com a SECEL;
- c) Biblioteca comunitária, em parceria com a SECEL;
- d) Contação de história, em parcerias com a SECEL;
- e) Cultura popular, em parceria com a SECEL;
- f) Horta comunitária, em parceria com Secretaria de Abastecimento;
- g) Artesanato, em parceria com grupos de artesanato nas comunidades;
- h) Cultura da paz, em parceria com a Secretaria de Defesa Social;
- i) Jornal Comunitário, em parceria com a Secretária de Comunicação;
- j) Agente social de vigilância à saúde, em parceria com a Secretaria de Saúde.

A cidade vivencia experiências permanentes e coletivas de fazer Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Formação Profissional, o que tem sido reconhecido, dentro e fora de Diadema.

O processo de industrialização, que transformou Diadema em polo industrial, incentivou fortemente a migração e muitos brasileiros deixaram sua terra, em busca de emprego nas indústrias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Boa parte desses imigrantes era nordestina. No relato, a seguir, confirma-se esse processo da história de Diadema.

Cheguei a Diadema em 1969, vim do Piauí, não tinha nada e tudo era muito difícil. Fui trabalhar na Mercedes-Benz, pegava ônibus e descia no ponto do Barateiro, não tinha luz e a noite não se enxergava nada, quando chovia era um quiabo (liso), pois não tinha asfalto. Passei a participar do conselho popular e fui eleito como representante, pela população. Cada região tem um conselho popular. Íamos à prefeitura reivindicar e lutávamos pelas necessidades dos bairros, e da população, como guias, sarjetas, asfalto ou qualquer coisa. (FONSECA, 2001:129)

Dessa forma, os habitantes de Diadema, em meio às dificuldades comuns à grande maioria das cidades brasileiras, pois, à medida que aumenta a população, crescem os problemas, vivem, em toda sua história, algo singular, que é a participação do povo. Os moradores eram convidados a discutir os problemas e encontrar, juntos, possíveis soluções. Essa história de singularidade mostra o interesse por um processo de construção democrática, como possibilidade de libertação dos homens.

Observa-se que, até o ano de 1950, Diadema não tinha nenhuma importância econômica regional; nessa época, era apenas um bairro, como se viu anteriormente. Até 1940, o crescimento era mais acentuado nas cidades que ficavam à margem da ferrovia Santos-Jundiaí.

O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) foi marcado por grande e rápido desenvolvimento econômico, principalmente, no setor industrial. Para promover esse desenvolvimento, JK criou o Plano de Metas. Entre outras medidas, o plano dava facilidades para as multinacionais montadoras de automóveis instalarem-se no Brasil. A indústria automobilística e de autopeças concentrou-se, sobretudo, em três cidades do ABC paulista: Santo André, São Bernardo e São Caetano. E, em Diadema, se instalaram, principalmente, pequenas e médias empresas nacionais, que produziam, na sua maioria, objetos complementares para as multinacionais. O crescimento da cidade era visível, pois as indústrias atraíam as famílias que procuravam a sobrevivência e, com o aumento da população, os problemas cresciam.

Durante a Ditadura Militar (1964 – 1985), sob um governo intervencionista, o mercado brasileiro se abre para o capital estrangeiro e a economia brasileira passou a compor uma nova divisão internacional de trabalho. A expansão das indústrias passa a ser controlada pelo capital multinacional, aumentando a tendência à desnacionalização que se iniciou no período de JK. O mercado mundial começa, então, a determinar as prioridades industriais. Dessa forma, o Brasil passa a ser visto pelo baixo custo da mão de obra e pelos incentivos concedidos às exportações. A economia brasileira que prosperava para poucos, ocultava a exclusão econômica e social da maioria da população, que era composta por trabalhadores

não beneficiados pelas melhorias. A concentração de renda nacional acelerou-se, favorecendo, assim, o crescimento das desigualdades sociais, aumentando consideravelmente a pobreza. Os problemas relacionados à moradia, infraestrutura e segurança aumentavam e as deficiências no setor de saúde e educação tornavam-se crônicas.

A crise do petróleo e a elevação das taxas de juros no mercado internacional, no final da década de 70, abalaram a economia brasileira. Entre os anos de 1974 e 1978, a inflação anual aproximou-se dos 40% e essa alta repercutia diretamente no custo de vida.

O município de Diadema, nesta época, contava com uma população de aproximadamente 228.000 habitantes, dos quais um terço viva em bairros periféricos. Cerca de 80% das ruas não eram asfaltadas e a mortalidade infantil chegava a 82,93 óbitos por mil (Diadema, 2006). Foi neste contexto de crises econômicas que se reduziam os investimentos e cresciam os problemas sociais, que começaram a surgir reivindicações por melhorias.

Os bairros do ABC, desde a sua formação, apresentaram muitos problemas, como a falta de condições básicas: sistema de esgoto, água encanada, pavimentação, transportes públicos entre outros. Com o resultado dessa situação, a população mobilizou-se para exigir reformas urbanas. Formaram-se comissões de bairro que se reuniram para discutir, das melhorias necessárias aos bairros até o apoio à luta dos operários das fábricas. MORAES (2001: 145 – 146)

No ano de 1983, Diadema marca uma grande conquista política, pois torna-se uma das primeiras cidades do Brasil a ser governada pelo Partido dos Trabalhadores (PT).⁴³

Deste então, uma série de mandatos de prefeitos desse partido tem permitido a continuidade de políticas voltadas para práticas democráticas, que vêm criando espaços de participação da sociedade na gestão pública.

Os passos para frente estão registrados em cada diademense que nasceu, em cada rua que surgiu, em cada escola erguida, em cada voz que fala por Diadema.

⁴³ Foram prefeitos da cidade de Diadema: Gilson Meneses (PT) 1983 – 1988; José Augusto Ramos (PT) 1989 – 1992; José Fillipi Júnior (PT) 1993 – 1996; Gilson Meneses (PSB) 1997 – 2000; José Fillipi Júnior (PT) 2001 – 2004; José Fillipi Júnior (PT) 2005 – 2008. A atual administração é do prefeito Mário Reali (PT) e o seu vice é Gilson Meneses (atualmente no PSC)

3.1.2. Passos educacionais e culturais

Desde 1983, o cenário político de Diadema vem se destacando pela efetivação de políticas públicas, voltadas para um caráter democrático, por meio de criação de mecanismos de participação da sociedade na gestão pública e, em especial, na educação. Isso vem ocorrendo, segundo relatos, ao fato de a cidade vir passando por uma série de mandatos de prefeitos filiados ao mesmo partido, tendo, apenas, uma interrupção de 1997 a 2000. Acredita-se que essa continuidade político-administrativa, assentada num projeto democrático, permitiu que uma sucessão de ações desenvolvidas pelos governantes, nesse período, se refletisse mais claramente nos indicadores sociais.

Para se conhecer melhor essa história, durante essa caminhada, será desenvolvido um diálogo com o pensamento do educador Paulo Freire, que, por opção da proposta política do município de Diadema, tem um referencial para o desenvolvimento democrático.

O importante, do ponto de vista de educação libertadora, e não “bancária”, é que, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 2009:139)

O distrito de Diadema foi criado em 1948 e teve sua primeira escola, nos anos de 1950, quando apenas, 3023 habitantes povoavam o lugar. (IBGE, 1950). A escola recebeu o nome de Grupo Escolar João Ramalho e atendia apenas ao antigo primário. Após alguns anos, a escola passou a se chamar EEPG – Francisco Daniel Trivinho e atendia até a 8ª série. Naquela época, a população ainda era bastante pequena e sua maioria, composta por pobres, poucos se davam ao “luxo de estudar”. Em 1957, foi fundada a segunda escola em Diadema, que recebeu o nome de Grupo Escolar do Eldorado, que atendia aos alunos, nos primeiros anos do primário.

A partir da década de 1960, houve a ampliação do número de escolas e a criação de associações e clubes esportivos, principalmente de futebol, assim, como associações de amigos de bairros. Em 1967, foi fundada a primeira biblioteca municipal, que depois recebeu o nome de Olíria de Campos Barros. Na década de 1970, destacava-se na cidade o surgimento de festivais de artes, danças e teatro, que empolgavam as pessoas, na sua maioria organizados pela prefeitura, em espaços públicos. Não contavam, porém, com a presença de todos; o desenvolvimento que trazia avanços para alguns não alcançava a maioria.

Segundo o IBGE, em 1970, a cidade já contava com uma população de 78.914 habitantes, Diadema teve um aumento populacional considerável, nas últimas décadas, desde 1970, devido ao aumento do número de empresas que se instalaram. Dois dados são reveladores dessa situação: o censo de 1980 indica uma população de mais de 228 mil habitantes e o município registra, também, o maior índice de mortalidade infantil, no Brasil, chegando a 82.93 mortos, por cada mil nascimentos. Se por um lado, a pobreza, a violência e a miséria não diminuía, por outro, aconteciam iniciativas cada vez mais importantes para tentar mudar essa realidade. O prefeito Ricardo Putz (1973-1977) pressionava o governo do Estado para que houvesse a ampliação do número de escolas, pois as existentes não davam mais conta de assegurar vagas aos interessados.

Dois acontecimentos marcaram a caminhada de Diadema: em 01 de fevereiro de 1985, foi inaugurada a Escola SENAI de Diadema, pois a cidade, em função das fábricas, estava necessitando de mão de obra especializada para atender à demanda; o segundo ocorreu, no dia 17 de agosto do mesmo ano, quando acontecia o I Seminário de Alfabetização de Adultos, no Teatro Clara Nunes, com a presença do Professor Paulo Freire.

Diadema teve sua história marcada por lutas, em busca de um crescimento que não fosse somente populacional, mas que crescessem, conjuntamente, a qualidade de vida de seus moradores, as oportunidades de trabalhos e de estudos. Uma cidade que nasceu pela força e coragem de migrantes, operários, pessoas pobres, que precisavam trabalhar e assim não frequentavam a escola. Dessa forma, o analfabetismo se tornou um problema grave. Mesmo o ingresso na escola não garantia o aprendizado, registrava-se um elevado índice de repetência e evasão.

Em 1988, foi elaborado o Plano Municipal de Educação da rede pública de Diadema, na gestão do Prefeito Gilson Menezes. O plano foi construído com a participação dos profissionais da educação e tinha como meta a formação de cidadãos conscientes, solidários e críticos. O documento nasceu da intenção da então equipe do Departamento de Educação de sistematizar as conquistas em relação ao atendimento e à qualidade do Ensino Público em Diadema, aliada à reivindicação dos profissionais da educação para que se explicitasse a concepção pedagógica oficial. O Plano Municipal de Educação fundamentava-se em três princípios gerais (Diadema, 1988):

1. Educação – direito constitucional de todo cidadão, seja ele criança, jovem ou adulto;
2. Educação – instituição social que possibilita o acesso à cultura, nas suas múltiplas manifestações, concebida para a formação do cidadão, o que exige:

- 2.1. Compreensão crítica do mundo, isto é, a superação de estereótipos, preconceitos, superstições;
- 2.2. Articulação entre os interesses da sociedade e do indivíduo, considerado como membro da sociedade;
- 2.3. Formação intelectual, física, ética, estética e técnica;
- 2.4. Unidade e integração entre o conhecimento, o trabalho e as práticas sociais;
- 2.5. Equilíbrio entre formação geral e formação profissional, não subordinada aos interesses do mercado;
- 3. Escola pública, gratuita, laica:
 - 3.1. De responsabilidade do Estado (poder público), com acesso a todos, sem discriminação ou privilégio, não excludente, não segregacionista, aberta ao controle da população organizada;
 - 3.2. Financiada e mantida pelo poder público, em todos os graus, níveis, modalidades de ensino;
 - 3.3. De caráter científico e democrático, independentemente de credo e religião.

De acordo com esse documento, a educação no Município de Diadema é concebida como um direito da população, assegurando-se uma gestão democrática que possibilite à sociedade participar na discussão e a implementação das políticas educacionais que garantam a qualidade social da educação. Nesse sentido, se acredita que cidadão é o homem que participa, analisando, refletindo, questionando. no processo constante de ação/reflexão/ação. e que assim se torna mais consciente da sua realidade, com seus problemas e as possíveis soluções.

3.2. A proposta político-educacional de Diadema

Diadema tem como proposta educacional uma educação voltada para a transformação, emancipação e a humanização dos seus habitantes. Nessa perspectiva, a Secretaria de Educação inicia, em 2007, um Movimento de Reorientação Curricular no município, com o objetivo de propor uma educação participativa, voltada para atendimento das necessidades e dos desejos dos seus munícipes.

Há cerca de oito anos, a Secretaria de Educação de Diadema iniciou uma discussão curricular com as escolas do município. Esse movimento teve como ponto de referência a realidade da escola, portanto, partindo das práticas reais das escolas, rejeitando os famosos

“pacotes pedagógicos” de projetos ou de planejamentos pensados e organizados em gabinetes e impostos de cima para baixo, sem levar em conta a realidade de cada instituição. Vale ressaltar que esse movimento propunha construir uma proposta inacabada, visto que era de autoria coletiva e processual. Seria o resultado do trabalho coletivo dos profissionais da educação, que orientasse e garantisse um fio condutor para a melhoria da qualidade no processo de ensino e aprendizagem de Diadema, sem abandonar as singularidades e possibilidades individuais e profissionais de cada pessoa e de cada escola.

Nesse período, o processo de construção curricular alcançou alguma estruturação, que não era definitiva, pois pensar a prática e colaborar com a construção de uma nova realidade é um processo contínuo, com uma forte característica de inacabado, com necessidade de movimentar-se em busca de melhorias.

Atualmente, o currículo e a educação em Diadema estão alicerçados em sete eixos de trabalho, que são: dignidade e humanismo, cultura, democratização da gestão, formação de formadores, as diferentes linguagens, meio ambiente e educar/cuidar.

1º Eixo. Dignidade e humanismo – apresenta três subitens que são: dignidade humana e diversidade racial, dignidade humana e gênero e dignidade, sexualidade, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS, e uso abusivo de drogas. Este eixo tem o objetivo de discutir a relação entre educação e as desigualdades sociais⁴⁴. A intenção é mostrar que a escola não é apenas uma construção de paredes, mas construção humana, que está inserida num contexto e conjuntura sócio-econômica, na qual se demanda um diálogo crítico, reflexivo sobre as situações que envolvem esses temas, na intenção de trabalhar com os conflitos e desenvolver conscientização.

Nessa perspectiva, a proposta da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECEL) de Diadema assume uma opção político-educacional bem contundente de mudança:

(...) uma prática educativa emancipatória tem como princípio a percepção de que a posição dos indivíduos no processo é a de sujeitos e não de objetos passivos diante de uma realidade colocada. A proposta é a mudança a partir da interferência dos sujeitos que são parte de um contexto no qual se vivencia contraditoriamente conflitos e contradições. Uma proposta que compreendendo que a realidade é mutável, que é contraditória, que é feita de relações. (DIADEMA 2007:12)

⁴⁴ A relação entre educação e desigualdades sociais traz a idéia principal de que a educação contribui para diminuir essas desigualdades.

2º Eixo. Cultura – O espaço da escola é propício para o encontro das diferentes culturas, entre elas, a cultura de massa, que está cada vez mais presente no cotidiano escolar, uma vez que a contemporaneidade se caracteriza por uma sociedade multicultural. Assim, a proposta de democratização do ensino deve garantir aos educandos acesso ao maior número de culturas.

Diadema traz, na sua história, traços de uma cultura marcada pelo trabalho operário, revelando, desde os primeiros passos, movimentos populares de lutas por melhores condições de trabalho, construções, melhorias na educação e saúde, dentre tantas outras. Nesse contexto, as escolas de Diadema, mesmo tendo um currículo proposto pelo município, têm liberdade de trabalhar as diferentes culturas, com diálogos e respeito aos diferentes modos de ver, entender e construir o mundo. Dessa forma, dependendo das relações que são construídas na escola, pode-se ter uma cultura perversa, autoritária e submissa ou a construção de um espaço dialógico de respeito, liberdade, autonomia e de relações democráticas.

(...) A escola poderá estar produzindo uma cultura marcada pela tolerância, pela solidariedade e pelas possibilidades de convivência com os diferentes. Nesta medida, a escola deixará de ser única e exclusivamente espaço de consumo e de reprodução de saberes. Nela busca-se ir além do conhecido, busca-se entender e atuar sobre as relações entre as diferentes culturas, revelando mecanismos de dominação, de submissão, de produção de novas possibilidades. (DIADEMA, 2007:14).

3º Eixo. Democratização da gestão – Este eixo objetiva a construção de uma escola, onde todos tenham oportunidade e isso não acontece por decreto ou ordem, mas é um processo de construção coletiva e dialógica, onde os envolvidos tenham a possibilidade de falar, ouvir, propor, opinar, questionar.

Observa-se em Diadema um espaço acolhedor, propício à abertura para a participação, em que os sujeitos são convidados a colaborar com a construção de sua própria história, são valorizados, respeitados e aceitos como indispensáveis para a construção de uma cidade/escola para todos. Os Conselhos de Escola vinculados ao programa Ação Compartilhada e as eleições para professor coordenador e professor assistente de escola⁴⁵ (diretor e vice-diretor) são exemplos de ações participativas nas escolas, que acontecem, a partir de diálogos, em reuniões ou congressos, com a comunidade escolar e local para identificação e enfrentamento das dificuldades.

⁴⁵ A escolha do professor coordenador e do professor assistente de coordenação da escola é feita por meio de eleição, da qual participa toda a comunidade escolar e local.

A gestão democrática possibilita construir participativamente um projeto de educação de qualidade social, transformador e libertador, no qual a escola, em seus diversos espaços e tempos, contribua efetivamente para o exercício dos direitos a formação de sujeitos como cidadãos plenos, reafirmando os princípios de democracia, de solidariedade, de justiça, de tolerância e equidade, na direção de uma sociedade justa, igualitária, fraterna e democrática. (DIADEMA, 2007:15).

4º Eixo. Formação de professores – A proposta de valorização da rede se concretiza pela formação permanente dos professores, que são os responsáveis pela formação dos educandos.

A SECEL compreende que a escola deve ser um espaço aberto às reflexões e atividades de todos que a compõem. Ao investir na formação dos professores, Diadema busca favorecer a prática crítico-reflexiva do professor, para atingir a construção de um ambiente propício à aprendizagem significativa de alunos e professores. Além de espaços de formação nas reuniões e de convivência escolar, outros ambientes de formação são garantidos, como assessoria externa, seminários, mesas redondas em congressos, trocas metodológicas, oficinas de diferentes temas e parcerias com universidades e com o governo federal.

E com essa visão de escola, que Diadema optou por afirmar a “Formação de Formadores” como um dos eixos curriculares, porque construir uma proposta curricular para a cidade significa também oportunidade para que diretores, coordenadores e professores possam se formar e refletir sobre a escola. Assim, o currículo pode deixar de ser um mero rol de conteúdos e metodologias de trabalho para ser, verdadeiramente, um instrumento libertador na formação permanente de verdadeiros cidadãos. (DIADEMA, 2007:20).

5º Eixo. Diferentes linguagens - As diversas linguagens existentes trazem, além da racionalidade, bastante emoção, uma vez que são expressões culturais de um povo, como música, teatro, dança, poesia, artes plásticas, linguagens de todos os tipos com o corpo e movimento, dentre outras. Em contato com essas diferentes linguagens, o homem se apropriará das diferentes culturas que interagem no seu meio.

As aprendizagens acontecem, também, por envolvimento e reflexão que se desenvolverá com uma pedagogia da comunicação, em que o diálogo permite às pessoas se conhecerem e conhecerem o outro. As diferentes linguagens favorecem a interação entre os sujeitos, condição essencial para a construção de um mundo de oportunidades, em que a solidariedade, a participação, o respeito pelo outro, o desejo de mudança contribuam para a construção de uma nova realidade.

O corpo e o movimento, o teatro, a dança, as artes plásticas, a música, a linguagem tecnologia, a linguagem matemática, a linguagem científica, a verbal (oral e escrita) são objetos de conhecimentos na apropriação das culturas humanas da/na escola, por meio de uma compreensão do currículo plural que considera que é por meio das diferentes linguagens que mostramos o que sabemos sobre o mundo e sobre nós mesmos, constituindo-nos como sujeito, fazendo a nossa própria história e contribuindo na construção de uma nova identidade cultural. (DIADEMA, 2007:25).

6º Eixo. Meio ambiente – tem o propósito desenvolver princípios e valores voltados à preservação ambiental, ao convívio respeitável com os recursos naturais, a coleta e tratamento decente do lixo e à qualidade de vida. A Secretária de Meio Ambiente desenvolve ações com as escolas e, assim, o currículo vai se desenvolvendo dialogicamente com professores, alunos e comunidades, para juntos construírem um projeto comum. O objetivo é identificar e compreender a relação do homem com a natureza, com sua cultura de preservação, refletindo sobre nossas ações e relações com o meio ambiente, para compreender os problemas ambientais existentes e suas possíveis superações, contribuindo, assim, para a construção de novas maneiras de nos relacionarmos com a natureza, sem destruí-la.

A escolha do meio ambiente como um dos eixos norteadores para a proposta curricular de Diadema não pode significar apenas conteúdos de ensino na escola, mas como necessidade de conscientizar alunos para a discussão de uma política pública maior voltada para melhorar a qualidade de vida de toda a população. É assim que entendemos a escola: como espaço de formação de cidadãos que promovam a transformação social de forma consciente. (DIADEMA, 2007:28).

7º Eixo. Educar e cuidar – Com este eixo, a Secretaria de Educação relembra aos profissionais da educação que educar e cuidar não se dá de forma dicotômica. Afinal, o educando, ao ser visto como sujeito tende a se desenvolver. Assim, compreende-se que educar e cuidar são indissociáveis e que a função educativa vai além de formar ou informar, mas colaborar com o desenvolvimento integral da pessoa. Assim, faz-se necessário um repensar na (re)organização do tempo e espaço, dentro da escola, para que, de forma coletiva e participativa, educadores, pais, alunos, direção, funcionários e comunidade proporcionem uma educação a serviço do desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social dos alunos:

(...) cuidar desses alunos de origens e histórias tão diferentes significa adotar uma metodologia dialógica, estimulá-los a novas descobertas, a ressignificar os seus conhecimentos, a estabelecer novas relações pessoais, a adquirir novos valores e novas atitudes na sua relação com o meio social, a

reconstruir a sua identidade pessoal e grupal, a ser protagonista de sua própria história. (DIADEMA, 2007:31).

Pelas ideias contidas nos sete eixos, torna-se visível a fundamentação da proposta político-pedagógica do município de Diadema: valorização e respeito das diversas culturas, valorização da identidade cultural dos alunos, desenvolvimento da consciência social, autonomia, solidariedade e preservação do meio ambiente, e vivência saudável com diferentes linguagens.

Diadema pensa um currículo para um aluno real, num contexto real, um sujeito capaz de colaborar com a construção da sua própria identidade e, em interações com outros seres, contribuir com a construção de um mundo mais justo e humano. O processo de construção desse currículo é caracterizado por “movimentos” que aproximam as comunidades por meio do diálogo, inclusive, para definir o plano diretor da cidade. Equipes da SECEL mantinham constantes diálogos com as escolas, conselhos e comunidades para a construção coletiva da proposta curricular.

Dessa forma, o projeto político-educacional de Diadema demonstra uma educação voltada para o desenvolvimento das pessoas, envolvendo-as nesse processo, vendo-as como sujeitos e não como objetos, seres inacabados. Um exemplo desse processo se deu, em junho de 2006, no “Primeiro Congresso de Educação Popular”, em que o princípio da atuação participativa, valorizando e reconhecendo o ser como um sujeito que constrói o mundo, transformando-o, foi o eixo das definições desse congresso. Trata-se de um conceito fundamental na pedagogia freireana.

Consolidar uma política de educação com qualidade tem sido uma preocupação constante dos governos progressistas que administram esta cidade; pois se acredita que a educação não é a única responsável para a transformação social, ela é, com certeza, uma das principais causas desta transformação. Os dados comprovam isso. E é esse mote da educação que se quer para a cidade de Diadema: educar para transformar. (DIADEMA: 2007:4).

Foram três dias de eventos⁴⁶, trazendo diversas atividades culturais, como mesas debatedoras com vinte e oito temas de grande pertinência educacional, política, social, que

⁴⁶ O Primeiro Congresso de Educação se desenvolveu com um amplo debate com a sociedade em prol da educação, envolvendo pais, profissionais de educação, dirigentes, estudantes, entidades, lideranças comunitárias, enfim, todos que lutam por um mundo melhor, mais justo e igualitário. Ele foi realizado em quatro etapas: reuniões de sensibilização, pré-congressos, congresso mirim, palestras, debates, e fechamentos. (DIADEMA, 2007:23)

atraiu mais de três mil e quinhentos participantes: professores, alunos, (de todas as modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, Universitário, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos - MOVA⁴⁷), gestores, líderes comunitários, munícipes de Diadema e da cidade vizinha São Bernardo do Campo.

Antecedendo ao congresso, aconteceu um processo de pré-construção junto com a comunidade escolar e organizações sociais do próprio congresso: a cidade foi dividida em regiões e, em cada uma delas, aconteceram pré-congressos com todos os diferentes segmentos, discutindo, opinando e decidindo, levando em conta a sua realidade.

A forma e o modo se fazer esse congresso mostra a relevância, para o tema dessa pesquisa, a importância e necessidade do diálogo, da participação e da vivência democrática compartilhada, como possibilidade de se fazer educação e se dar outra cara à escola pública. Paulo Freire foi lembrado por todos os representantes da Secretaria de Educação, em especial pela Secretária de Educação, que destacou a importância de se homenagear o educador de século, parafraseando Freire, disse que é preciso e possível mudar. Na continuidade, a Diretora do Departamento de Educação, numa fala emocionada, relatou não ser possível um evento dessa magnitude, sem se inspirar nas palavras e atitudes do mestre Paulo Freire:

Escolhi a sombra dessa árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isso, enquanto te espero, trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão o mistério dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer. Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa, e precavidos: é perigoso agir, é perigoso falar, é perigoso andar, é perigoso esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciavam. Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera.

A Diretora do Departamento de Educação relatou a importância de Freire para a educação e para a cidade de Diadema, relembando outros momentos, em que tiveram o privilégio da presença dele, em outros movimentos ligados à Secretaria de Educação.

⁴⁷ Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA. Em 27 de setembro de 1995, Diadema iniciava mais uma frente de erradicação do analfabetismo. Nessa época, por ocasião da solenidade de abertura do II Congresso de Educação de Diadema, com a presença do Senhor Ministro da Educação Paulo Renato e do inesquecível Professor Paulo Freire, Diadema foi a segunda cidade do Estado de São Paulo a implantar o Movimento de Educação Popular, como diretriz da Secretaria de Educação que tem como eixos norteadores de políticas públicas a Gestão Democráticas, a Qualidade da Social da Educação e o Acesso e a Permanência. (DIADEMA, 2007: 13).

Portanto, o Primeiro Congresso de Educação Popular propunha mudanças na forma de conduzir a educação, tendo como característica fundante a construção coletiva, pelo diálogo e pela participação de todos. Dessa forma, a construção da proposta curricular estava fundamentada na “pedagogia da pergunta” de Freire, como caminho para o enfrentamento e superação da educação bancária.

A participação e diálogo têm sido o referencial para as melhorias no processo de ensino e aprendizagem, das relações e interações, nas Escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Escola Municipal Anita Malfatti, cenário dessa pesquisa. De acordo com Freire (2006:42), “a criação, contudo, de uma escola assim, impõe a reformulação do seu currículo”. As opções pelos referenciais freireanos não estão presentes somente nos documentos da secretaria, mas, também, no cotidiano das escolas diademenses.

Diante do exposto, até aqui, confirma-se o início desse texto: “Diadema tem como proposta educacional uma educação para a transformação, emancipação e humanização”, por meio de uma ação participativa. Nessa direção, cada escola tem a liberdade de criar seus projetos próprios. As quarenta e uma (41) escolas de Educação Infantil do município têm autonomia para a elaboração dos seus Projetos Político-Pedagógicos e, dentre elas, está a EM Anita Malfatti, cenário dessa pesquisa.

3.2.1. A Escola Municipal Anita Malfatti (Gestão 2008-2011)

“Aprender com prazer, aprender brincando, brincar aprendendo, aprender a aprender, aprender a crescer: a escola é, sim, espaço de aprendizagem. Mas o que as crianças e os jovens aprendem na escola?” Esta é a proposta do Projeto Político-Pedagógico⁴⁸ da EM Anita Malfatti para essa gestão. “De fato, não é simples selecionar o que ensinar, mas é preciso refletir sobre quais saberes poderão ser mais relevantes para a inserção plena na sociedade letrada, aprender os conteúdos das diferentes áreas de conhecimento que lhes assegurem cidadania, no convívio dentro e fora da escola” É o que diz o Projeto Político-Pedagógico da escola.

⁴⁸ O PPP da EM Anita Catarina Malfatti fica sobre a mesa dos professores, diariamente. Pode ser visto e folheado por todos, a qualquer momento.

BEM VINDOS AO ANITA 2011!



A Escola Municipal Anita Catarina Malfatti está localizada na Rua Ari Barroso, 290 – Jardim do Parque – Diadema/SP. Está localizada na região central, em uma rua residencial, porém, próximo ao Centro Cultural Diadema, Centro de Memória, Praça da Moça, Hospital Público e Shopping da Moça. A comunidade escolar divide-se em moradores de Diadema, bairros próximos à escola (Vila Conceição, Parque Real, Jardim Rosinha, Jardim Santa Cândida) e Divisa de São Paulo (Jardim Monte Líbano, Pantanal).

Atende a crianças de seis a dez anos do Ensino Fundamental I, Suplência II (5ª à 8ª séries), sendo 22 salas do Ensino Fundamental I, com um total de 690 alunos matriculados e 07 salas de Suplência II, com 197 alunos, formando o total de 887 alunos nos três turnos. A seguir, dados das matrículas, no ano de 2011.

DADOS SOBRE MATRÍCULAS - 2011

Ensino Fundamental

Ano	Manhã		Inter		Tarde		Total	
	turmas	alunos	turmas	alunos	turmas	alunos	turmas	alunos
1º ano	03	96	-	-	01	33	04	129
2º ano	05	151	-	-	-	-	05	151
3º ano	03	94	-	-	03	103	06	197
4º ano	-	-	-	-	05	148	05	148
5º ano	-	-	-	-	02	65	02	65
Total	11	341	-	-	11	349	22	690

DADOS SOBRE MATRÍCULAS - 2011

Educação de Jovens e Adultos

Ano/série	Noite		Total	
	turmas	alunos	Turmas	Alunos
Alfabetização	01	22	01	22
Pós-alfabetização	01	21	01	21
5ª série	01	35	01	35
6ª série	01	41	01	41
7ª série	02	44	02	44
8ª série	01	34	01	34
Total			07	197

A escola funciona em três turnos: manhã, das 7 às 12 horas, com 11 salas de aula (turmas de 6, 7 e 8 anos); tarde, das 13 às 18 horas, com 11 salas (turmas de 8, 9 e 10 anos); noite, das 19 às 23 horas, com 2 salas de Suplência I, sendo uma sala de Alfabetização, uma

de Pós-alfabetização, e 5 salas de Suplência II (de 5ª à 8ª série), sendo uma sala de 5ª, uma de 6ª, duas de 7ª e uma de 8ª série. Oferecendo Ensino Fundamental e Suplência I e II – Educação de Jovens e Adultos, a escola conta com um Professor Coordenador Escolar, um Professor Assistente de Coordenação Escolar e 38 professores.

A administração conta com dois funcionários agentes administrativos, dois agentes de serviços, sendo uma com restrição médica, quatro bolsistas da frente de trabalho. Cinco professores, com restrição médica, auxiliam na parte administrativa e pedagógica, uma professora articuladora do “Programa Mais Educação” e uma agente de serviço realiza atendimento ao público, devido à restrição médica, e auxilia na biblioteca/sala de leitura, dois vigias se revezam em turnos. A escola dispõe de mão de obra terceirizada na cozinha. No total, 60 funcionários desenvolvem seu trabalho nessa unidade escolar.

Fisicamente, a escola está organizada em dois andares. No térreo, encontram-se a secretaria, uma sala para as coordenadoras, a sala dos professores, o laboratório de informática, a cozinha, o refeitório e dois banheiros. Há um espaço denominado ateliê de artes, onde os alunos colocam a “mão na massa” e produzem arte com diferentes formas, cores e tamanhos e com traços marcantes que só “gente inocente” consegue fazer. Há um amplo espaço/pátio, onde se reúnem os alunos, nos momentos de eventos e/ou outras ocasiões.

No primeiro andar, encontram-se salas de aulas espaçosas e bem ventiladas por amplas janelas, com cortinas coloridas e ainda possuem ventiladores de teto. Nas salas, há mesinhas com cadeiras para cada aluno e para o professor, armários, quadro-negro, varais com exposição de trabalhos e algo que desperta a atenção: cada sala possui um espelho, ao lado da mesa do professor, para que ele possa ter uma visão geral da sala, enquanto conduz a atividade. Nesse andar, encontra-se a biblioteca da escola que tinha mesas, cada uma com quatro cadeiras, um armário embutido, muitos materiais e jogos pedagógicos, um acervo de livros infantis, de literatura, televisão, DVD e som portáteis. No final do corredor, uma porta dava acesso a um espaço pequeno, que a escola utiliza para atividades de recreações, apresentações e aulas de Educação Física. Ali, mora um sonho da EM Anita Malfatti: que a prefeitura amplie aquele espaço, comprando um terreno, ao lado, e traga para a escola a tão sonhada quadra esportiva para alegria da garotada.

No segundo andar, há mais salas de aulas, com a mesma organização. A escola dispõe ainda de rampas, facilitando o acesso de alunos portadores de necessidades especiais de locomoção.

Desde o início dessa gestão, em 2005, as ações pedagógicas pensadas e concretizadas tiveram a preocupação de fortalecer o grupo de professores e todos os outros protagonistas da escola, no empenho de se conseguir a escola que se desejava. Por outro lado, a Secretaria Municipal de Educação reforçava a ideia de que as escolas tivessem nos seus planos de ação o desafio de envolver todos os profissionais da educação⁴⁹ na causa de uma aprendizagem significativa. Assim, fortalece-se a escola para identificar coletivamente suas necessidades e potencializar ações que promovam uma concepção inovadora de educação, tendo como foco a diversidade, o meio ambiente, práticas artísticas e culturais e a solidariedade, pautadas nos eixos norteadores da proposta, a partir da realidade dos alunos.

Na Escola Anita Malfatti, os professores, em sua maioria, se sentem parte importante da escola, se declaram participantes das decisões educacionais, sentem segurança profissional na coordenação e estímulo nas atividades inovadoras e percebem o comprometimento e clima de cooperação entre os pares. Eles utilizem como estratégias de ensino, discussões com os alunos sobre temas trabalhados, pesquisas em revistas, jornais, livros, explorando fatos e opiniões, trazendo para a sala de aula acontecimentos que marcaram sua cidade, o Estado, o Brasil e o mundo, no intuito de contribuir com a formação de cidadãos, com capacidade de enfrentar os desafios de seu tempo. Não perdendo de horizonte essa proposta de uma educação de qualidade, se empenham em construir o PPP da Escola.

No início de cada ano, a EM Anita Malfatti reúne todos os seus protagonistas para analisar, discutir e reelaborar o seu PPP. Esse encontro conta com a presença de pais, alunos, professores, sob a liderança das coordenadoras e, em 2011, contou com a presença dos funcionários, que ainda não compunham esse grupo, criando, assim, uma expectativa de fortalecimento da equipe e também de realização das ações propostas. Essa iniciativa de construção coletiva das ações e efetivação das mesmas tem se tornado o referencial marcante da escola, que busca a participação da comunidade escolar e local, como princípio para a construção de uma escola, como sugere Freire, “séria e alegre”.

A EM Anita Malfatti conta com duas coordenadoras, eleitas pelos alunos, professores, funcionários, pais e comunidade, para mandato de três anos, permitindo uma reeleição para igual período, conforme exposto no Projeto Político-Pedagógico da escola.

As coordenadoras se organizam para prontamente atender as comunidades escolar e local, apresentando abertura para discussões, reflexões, críticas e sugestões. Afinal, como

⁴⁹ Freire (2006) sugere que as escolas tenham autonomia para criarem seus planos e projetos levando em conta a realidade de cada uma.

professoras progressistas, entendem a escola como um espaço para o desenvolvimento dos seus protagonistas e reconhecem que muito têm a contribuir com esse desenvolvimento.

A eleição para coordenadoras de escola é uma das ações que legitimam o processo de democratização da gestão. É um processo que permite a participação da comunidade, pais, alunos e funcionários na escola dos gestores da escola da qual fazem parte. A cada três anos é possível, por meio da apresentação de uma proposta de trabalho dos candidatos à coordenação, que todos os atores analisem, questionem e decidam quem irá coordenar a Unidade Escolar. (DIADEMA, 2006:116)

As atuais coordenadoras têm se esforçado para conduzir o Projeto da escola, em parceria com todos que a compõem, propondo discussões e reflexões acerca de ações que promoveriam o desenvolvimento de todos. Organizam seus horários, de forma a atender aos três turnos e essa presença constante tem proporcionado facilidade na comunicação entre os turnos e a articulação do trabalho na escola, como um todo. O principal plano de ação da gestão dessas coordenadoras é o fortalecimento da relação entre a comunidade local e a comunidade escolar, por meio da defesa de uma escola como espaço aberto a todos, não somente abertas as portas, mas, também, as possibilidades de interações e ações conjuntas. Nessa perspectiva, entende-se aberto como “local onde os interesses, deveres e direitos possam ser discutidos, onde as pessoas se organizam, buscando soluções ou alternativas para a melhoria da qualidade de vida da comunidade a que pertencem” (Diadema, 2004:3). Assim, propõem garantir a utilização desse espaço, oferecendo diversas atividades, como cursos, oficinas, atividades de lazer, palestras, jogos, dentre outras atividades que vão surgindo.

A função das coordenadoras de unidade escolar é entendida como a coordenação do funcionamento geral da escola e, também, da execução administrativa e pedagógica das deliberações coletivas, de acordo com as diretrizes da Política Educacional da Secretaria de Educação⁵⁰ do Município. Assim, o Projeto Político-Pedagógico da Escola Anita Malfatti traz como características fundantes a participação e o diálogo, categorias-chave para o desenvolvimento dessa dissertação. A construção coletiva do PPP nessa Escola aproximou sonhos e atitudes de pais, alunos, professores e coordenação, que juntos objetivam e lutam por melhorias na escola.

⁵⁰ Desde 2001, a Secretaria Municipal de Educação, por meio de suas políticas públicas, vem implementando os diferentes anseios e demandas da sociedade de Diadema, expressos em suas diretrizes, a saber: democratização do acesso e permanência, qualidade social da educação e democratização da gestão.

A seguir, serão apresentados relatos, que estão registrados no PPP da escola, de duas conquistas importantes da EM Anita Malfatti, no ano de 2010.

a) Professores Especialistas

“Foi com grande satisfação que, em 2010, recebemos para somar à nossa equipe docente os professores especialistas nas áreas de Educação Artística e Educação Física”. Essa era uma reivindicação dos pais e professores, desde 2006. Sabe-se que é papel da escola ensinar a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais, com base em intenções próprias. E, em relação à Educação Física, que diz respeito ao Corpo e Movimento, é preciso atrelar este ao projeto pedagógico da escola, pois as aulas não podem ser uma prática alienada. Era imprescindível a vinda desses profissionais!

Nesse mesmo ano, a Escola Anita cria um espaço privilegiado para as aulas de Artes, ao qual deram o nome de ateliê. Continuam usando a sala de aula e um espaço existente na escola para as aulas de Educação Física, enquanto esperam a construção da quadra. Não desanimam, pois a proposta de uma educação que colabore com o desenvolvimento das pessoas reflete este esforço de inovar a escola, e a coloca não somente a serviço das aprendizagens de todos os sujeitos, mas ela própria se percebe, enquanto instituição aprendiz, em um mundo que se transforma ininterruptamente.

b) A Educação de Jovens e Adultos

Por Educação de Adultos entende-se o conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não formais, graças aos quais as pessoas, cujo entorno social considera adultas, desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam, a fim de atender a suas próprias necessidades e às da sociedade.

A Educação de Adultos compreende a educação formal e permanente, a educação não formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques teórico e baseados na prática.(apud DIADEMA, (2007:12).

No esforço de reorganizar a Educação de Jovens e Adultos, em Diadema, e ampliar o atendimento, no ano de 2010, a Secretaria Municipal de Educação encaminha para a EM

Anita Malfatti a Suplência I da EM. Monteiro Lobato. Era mais um desafio que se estabelecia para a equipe desta unidade escolar, que se propunha a viabilizar o diálogo pedagógico entre a alfabetização dos adultos e a apropriação das áreas de conhecimento, na tentativa incansável de contribuir para a formação desses cidadãos. Isso se dava, também, pela percepção de que esses novos alunos estarem vivendo um momento de readaptação, uma vez que pareciam “assustados” com a rotina e dinâmica de uma escola tão grande, tendo que abrir mão de particularidades de quem vinha de uma escola de apenas duas turmas. Mais uma vez, é no desafio que as possibilidades de sucesso aparecem. A Educação de Jovens e Adultos era mais uma abertura para a comunidade local.

A proposta de ser uma escola aberta à participação de todos que a compõem construiu uma ponte entre essa escola e a comunidade local. A proposta de uma escola como espaço aberto e uma maior interação com a comunidade afirmava-se, nos momentos de discussões em torno do PPP, sobre a importância e necessidade de trazer para o movimento da escola os saberes de cada um, como forma de torná-la mais democrática, solidária e alegre.

A EM Anita Malfatti, nos últimos anos, tem se dedicado, se empenhado num projeto de EJA para além dos muros da escola, uma vez que os alunos que procuram esse ensino apresentam “n” dificuldades. Dentre elas, destacam-se: o longo tempo fora da escola; o cansaço oriundo de mais um dia de trabalho; idade já avançada de muitos. Tudo isso implicava a urgente necessidade de se criar um cotidiano mais dinâmico, inclusive contando com a participação desses alunos nesse cotidiano. Os alunos passaram a ser convidados para participarem de ações e decisões relacionadas ao que era pensado para eles, em diversos momentos.

Em 2010, os alunos de EJA elaboraram e concretizaram, com auxílio dos professores e da coordenação, um projeto de poesia, que culminou com a produção de um livro de poesia dos alunos. Um fato, que muito chamou a atenção da pesquisadora, no dia 14/03/11, foi o processo para a escolha do melhor horário para servir o jantar. Num ato solidário, forte e humano, decidiu-se pelo horário das sete horas, com uma justificativa pertinente e comovente: muitos saem do trabalho direto para a escola e preferem iniciar as atividades depois de se alimentarem.

Há, na Escola Anita, inúmeras atividades oriundas das discussões coletivas, durante a elaboração do PPP. Todos os sábados, compondo o Projeto Escola Aberta, a EM Anita Malfatti, durante todo o dia, abre suas portas, que dão acesso ao amor, à solidariedade⁵¹, à

⁵¹ O ponto de partida da solidariedade está no princípio de encontrar soluções “com o povo, nunca apenas para ele ou sobre ele”. (Dicionário Paulo Freire, 2008:378)

esperança, ao desenvolvimento humano, à construção coletiva e partilhada de conhecimentos, a forma mais bonita de ser gente que é a troca de informações e conhecimentos. Com essa intencionalidade, a Escola cria condições para que professores alunos, pais e comunidade se encontrem para várias oficinas, como: pintura, teatro, inglês, informática, artesanato, contando ainda com a presença de muitas pessoas da comunidade que são alunos dos cursos oferecidos. A Escola apresentou o resultado de parte desse trabalho, na Feira do Eldorado, que aconteceu no Parque Ecológico, no dia 27/11/10, das 13 às 18 horas, com apresentação teatral, exposição de quadros e muito artesanato, sob a coordenação de uma professora, uma mãe e do professor de teatro, ressaltando que todos são voluntários no projeto.

Ainda em 2010, a escola participou da Campanha da Reciclagem, movimento que faz parte do 6º Eixo proposto pela Secretaria de Educação do Município e alcançou o 2º lugar. O Eixo denominado Meio Ambiente busca pautar e articular as aprendizagens, cujas temáticas recaem sobre as questões da preservação do meio ambiente e da organização da sociedade, segundo práticas cada vez mais autossustentáveis. Foi em função desse Eixo que a escola recebeu, no primeiro semestre desse ano, alguns alunos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) que sugeriram a discussão dos seguintes projetos “Meio Ambiente – Qualidade e Uso Racional da Água” e “Meio Ambiente – Geração de Lixo e Consumo Consciente”, para realizar oficinas com as crianças que foi de grande significado para a escola. Uma vez que as crianças sentiram-se parte do projeto, envolvendo-se num movimento coletivo e solidário, responsável e respeitoso, que lhes permitiram, não somente uma boa colocação, mas aprendizagens para toda vida, segundo a coordenadora.

A SECEL tem como proposta um trabalho voltado para os interesses e necessidades dos alunos, assim, propõe uma gestão democrática como primeiro passo para essa conquista, uma vez que esse tipo de gestão favorece a participação da comunidade escolar e local na construção da escola. Essa proposta sugere, também, a elaboração coletiva do PPP, que possibilita compartilhar sonhos, planos, atividades, esforços e responsabilidades.

A EM Anita Malfatti, no seu cotidiano, tem demonstrado abertura para conquista e consolidação de práticas democráticas, uma vez que vem tentando por meio de uma escuta atenta aos sonhos e perspectivas dos que a compõem, alcançar os objetivos propostos.

No Projeto Político Pedagógico – Gestão 2008/2011 da EM Anita Catarina Malfatti, observa-se que o diagnóstico de caracterização da comunidade atendida é realizado, desde 2005, com todos os alunos, a cada início de ano. À medida que novas turmas iniciam-se na

escola, aplica-se aos pais um questionário para atualização desses dados. Esse questionário é discutido com os professores das séries iniciais, a fim de obter realmente informações significantes para o planejamento.

O levantamento sócio-econômico é respondido pelos responsáveis ou os próprios alunos. Em relação aos pais, coletam-se dados quanto às suas expectativas: a concepção de educação que têm; o que esperam da escola em relação à formação do seu filho e a disponibilidade, com que podem colaborar com o trabalho a ser desenvolvido, tendo em vista a parceria da comunidade, para o melhor aproveitamento escolar do educando. Esse trabalho com os pais culminou com o levantamento de regras de convivência entre pais, coordenação, professores e crianças, em anos anteriores, e a avaliação é retomada, durante as reuniões de pais.

Além da avaliação geral, preenchida pelos pais, ao final do semestre, é feita a devolutiva da reunião de pais, cujo registro é feito pelo professor que anota os acontecimentos e falas mais significativas dos pais e entrega para coordenação, ao final de cada reunião. Este material é tabulado, digitado e discutido, em horário de formação.

Em geral, os profissionais da escola são benquistos pelos pais, alunos e comunidade, o que estimula um compromisso maior em manter um trabalho de qualidade, na intenção de fortalecer a parceria com todos. Com a entrega trimestral dos objetivos e conteúdos a serem desenvolvidos, como também a socialização para os pais da ficha de percurso individual do aluno, estabelece-se um vínculo respeitoso, o que incentiva os pais a se dedicarem mais à vida escolar do filho. Essas estratégias, juntamente com a roda de conversa de um profissional no início das reuniões, diminuem consideravelmente as antigas reuniões com objetivo central de falar das dificuldades dos alunos. Todo esse material é suporte para constantes avaliações do grupo e reformulações de práticas, quando for necessária.

Para 2011, o PPP destaca algumas orientações e ações do trabalho educacional, clareando o onde, o como, o quando e o porquê dos meios e modos de participação e diálogo da comunidade escolar e local, no seu cotidiano: Inclusão, Conselho de Ciclos, Conselho de Escola, Programa Mais Educação, Aprender Mais II e Escola Aberta, entre outros. A seguir, são apresentadas informações sobre cada uma dessas atividades relacionadas.

Inclusão

O atendimento ao aluno portador de necessidades especiais já constitui parte da rotina da Unidade Escolar, pois corresponde a cerca de 3% dos alunos atendidos. As atividades oferecidas contam com a participação de todos. O atendimento faz-se, juntamente

com a equipe do Centro de Atenção à Inclusão Social (CAIS), que, semanalmente, acompanha a demanda na própria escola, por meio de conversas/entrevistas com responsáveis pelo aluno de inclusão. Além disso, há a realização do Plano de Ação⁵² para cada caso de inclusão e adaptação de materiais junto ao professor, encaminhamentos junto à coordenação escolar de ações referentes ao bem estar e avanços dos alunos atendidos.

Para determinados alunos atendidos, são necessárias ações que envolvam a participação conjunta de outros especialistas para o desenvolvimento da criança. Em parceria com a fonoaudióloga da EM Olga Benário e a coordenação da escola, está sendo elaborado um projeto para redução de ruídos na escola. Para este projeto, a intenção é realizar, primeiramente, com os professores uma sensibilização dos ruídos desnecessários produzidos, seus efeitos e alternativas para amenizá-los, como também trabalhar com turmas, em que alunos apresentem algum problema no processamento auditivo. Tal trabalho beneficiará tanto a criança, quanto o professor, e demais alunos, tornando-os multiplicadores junto às demais crianças dos efeitos nocivos do barulho. É na concepção de estabelecimento de parcerias que se pretende trabalhar para que a inclusão, de fato, aconteça e a convivência diária beneficie a todos, usando a diversidade em favor da aprendizagem.

Conselho de Ciclo

Objetivo: garantir a socialização das propostas pedagógicas entre todos os profissionais que atuam na escola, na perspectiva de potencializar os processos de aprendizagem de professores e dos alunos.

Atribuições: Subsidiar as propostas e intervenções pedagógicas, individuais e coletivas, por meio das seguintes ações: encaminhar, orientar, formar, replanejar.

Organização:

- Os conselhos terão frequência trimestral, com a duração de 5 horas cada um. Cada encontro deve, necessariamente, ter seu registro garantido, assim como o portfólio dos alunos;
- Garantir que cada encontro para o Conselho de Ciclo conte com a presença de todos os professores que trabalham no respectivo ciclo/período, de forma a compor um universo diversificado de olhares e experiências, o que deve favorecer a troca e o enriquecimento das

⁵² O Plano de Ação é um organograma de atividades para serem desenvolvidas, por um determinado período, em que são pensadas ações específicas e elaboradas com um ou mais objetivos, dentro de metas a serem alcançadas. O Plano de Ação pode ser desenvolvido tanto mensal, como semestral ou anualmente, dependendo da necessidade

contribuições entre os pares. Também este aspecto favorece a crescente visualização e responsabilização da equipe docente por todas as crianças que frequentam a escola.

O Conselho de Ciclo esta dividido em três momentos:

- Formação: reflexão e discussão de temas centrais, referentes à prática pedagógica e processos de aprendizagem cada vez mais inclusivos;
- Socialização dos trabalhos desenvolvidos pelos professores: compartilhamento das propostas e práticas desenvolvidas pelos professores;
- Encaminhamentos (questões, desafios): reflexão e proposição de caminhos a serem tomados pelos professores e/ou pelo coletivo da escola, no sentido de contemplar as demandas apresentadas e favorecer a aprendizagem das crianças.

Conselho de Escola

Na EM Anita Catarina Malfatti, o Conselho de Escola é composto por vinte membros, eleitos pela comunidade escolar. Para a eleição dos seus representantes, a escola promove uma reunião com a participação de todos os representantes dos diversos segmentos da comunidade escolar (pais, alunos, professores, funcionários e direção), interessados em compor o Conselho Escolar. A coordenação da escola, de início, faz uma explanação sobre a importância e o compromisso daqueles que forem eleitos em assumir uma participação efetiva em todos os assuntos referentes ao andamento escolar, assim como a responsabilidade pelo estabelecimento de diretrizes e metas, além de outras ações relativas ao projeto pedagógico da escola. Em seguida, realiza-se a eleição (março/2011). A composição do Conselho da Escola EM Anita Malfatti está assim distribuída: 25% de professores, 25% de funcionários, 25% de representantes dos pais e 25% representantes de alunos maiores de 15 anos.

A proposta de atuação de Conselho de Escola da EM Anita Catarina Malfatti, para 2011, é um trabalho comprometido com uma melhor aplicação dos recursos e do bom andamento das atividades a serem desenvolvidas na escola. Os membros do Conselho comprometeram-se, também, em divulgar as decisões tomadas pelo grupo que estejam ligadas aos seus pares, a fim de garantir transparência nas decisões. Os seus membros participarão das atividades que se fizerem necessárias para divulgar e auxiliar no desenvolvimento de projetos e ações que envolvam os alunos de EJA I e II. E, ainda, cobrar ou fazer cobrar medidas, decisões, promessas, principalmente, no que diz respeito ao funcionamento e estrutura do prédio, para garantir segurança e boas condições físicas para todos.

Programa Mais Educação

O programa “Diadema Mais Educação” oferece Educação Integral às crianças de seis a oito anos, correspondentes aos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. A adesão ao programa é voluntária e, nessa escola, há em torno de 75 % do alunado inscrito (alunos dos 1ºs e 2ºs anos do ciclo). Após o horário regular (7 às 12 horas), as crianças almoçam e, em seguida, iniciam as atividades (12 às 15 horas) ministradas por educadores. Os educadores são estudantes das diversas áreas da educação e desempenham suas atividades dentro de quatro macrocampos⁵³: Letramento e Matemática, Esporte, Cultura e Meio Ambiente. Em cada macrocampo, existe um Coordenador Pedagógico, que, quinzenalmente, se reúne com os educadores para traçar objetivos de aprendizagem, metodologia, didática, dentre outras questões. Para auxiliar na parte funcional, o programa conta com as Agentes Comunitárias de Educação. A função das agentes é organizar, zelar pelo bem estar do alunado e do equipamento público. Na Escola Anita, as agentes foram escolhidas, em reunião, entre as mães do Conselho, que conhecem a rotina da escola e representam a comunidade.

O programa conta com a Professora Articuladora, que tem a função de gestar a parte funcional e questões de cunho pedagógico. Ela articula as relações entre escola, Secretaria de Educação e funcionários do programa. O programa objetiva fortalecer os laços entre comunidade, escola e o alunado em busca de um ensino de qualidade, que possibilite a todas as crianças a alfabetização até os oito anos (3º ano). O programa tem, também, como meta que a criança se aproprie dos espaços da cidade. Muitas atividades são conduzidas fora da escola, em praças, igrejas, dentre outros espaços; assim, a rotina da cidade se altera e os munícipes participam de perto da vida escolar das crianças.

Programa Aprender Mais II

O Programa Aprender Mais II objetiva auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem. Amplia-se a jornada dos alunos, por meio de um trabalho específico com os

⁵³ Macrocampos - O Programa Mais Educação é operacionalizado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). As atividades fomentadas foram organizadas nos seguintes **macrocampos** : Acompanhamento Pedagógico; Meio Ambiente; Esporte e Lazer; Direitos Humanos em Educação; Cultura e Artes; Cultura Digital; Promoção da Saúde; Educomunicação; Investigação no Campo das Ciências da Natureza; Educação Econômica. Em cada macrocampo foram definidas diversas atividades.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maieducacao.pdf

professores dessas turmas, especialmente, contratados para tal, que enfatiza o ensino e a aprendizagem dos padrões da escrita, de modo reflexivo e lúdico, utilizando, sobretudo, Atividades de Sistematização.

Na EM Anita Catarina Malfatti, no ano de 2010, o Programa Aprender Mias II foi realizado, no espaço da sala de aula de informática e da biblioteca, contando com alunos em turmas de Alfabetização e Produção de Textos. Esse programa contribuiu para o avanço significativo das crianças na aprendizagem e, também, para prosseguirem, no próximo ano, com mais confiança e autoestima. Isso contribuiu para o fato de que apenas dois casos de crianças foram retidas do 5º ano do Ciclo, no ano de 2010, bem menor que, em 2009, cujo número foi alto. Esse fato permite avaliar que o Programa fez e continuará fazendo diferença. O Programa Aprender Mais na Escola, em 2010, atendeu a 33 alunos e, em 2011, apenas 17.

Escola Aberta

O Programa Escola Aberta tem como meta central tornar a escola mais democrática, participativa, integrada à comunidade escolar e local, tornando-a um espaço atuante e vivo na comunidade. A escola tende a ser um polo central na vida dos cidadãos, o que possibilita que seja apropriada pela comunidade, de tal maneira que todos se preocupem com a sua manutenção física. A escola é um bem precioso para a comunidade local, não só por ser um espaço de troca de conhecimentos, mas, porque ela está presente e atuante nas discussões, deliberações e lutas por melhorias da vida cultural e social da comunidade, em que está inserida. Tendo em vista este objetivo, foi ampliada a divulgação das oficinas oferecidas, aos sábados. Também, houve uma participação mais intensa nas atividades desenvolvidas na escola, como: Sexta Cultural; Festas Comemorativas e atividades extraescolares. Atualmente, aos sábados, durante todo o dia, a Escola oferece as seguintes oficinas: Pachwork, artesanato, pintura em tela, jogos recreativos, inglês, informática, com o acompanhamento de um coordenador comunitário.

CAPÍTULO IV - PPP DA EM ANITA MALFATTI: UMA VIVÊNCIA PARTICIPATIVA E DIALÓGICA

Nesse capítulo será descrita a realidade pesquisada na Escola Municipal Anita Catarina Malfatti, organizada em dois eixos que nortearam a nossa análise: participação para além do falar e do ouvir e a escola como espaço para o diálogo. As revelações de campo são apresentadas em torno desses temas geradores, construídos a partir do referencial teórico que embasa essa pesquisa.

Ao buscar esse campo para essa pesquisa, a intenção era estudar a construção e o desenvolvimento de um Projeto Político-Pedagógico (PPP), à luz do pensamento de Paulo Freire. A Escola Municipal Anita Malfatti apresenta um cenário, onde é possível perceber que a construção do seu projeto se dá de forma participativa, em que os seus protagonistas têm vez e voz. Em 2011, o PPP ainda não atende integralmente às necessidades e prioridades da comunidade escolar e local, por uma série de motivos, porém, entre desafios e possibilidades, tem proporcionado melhorias no processo de ensino e aprendizagem, como, também, melhorias nas relações e interações. A longo prazo, certamente, os resultados aparecerão, afinal “a que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto”⁵⁴, como canta Milton Nascimento”.

4.1. Participação para além do falar e do ouvir

Nas visitas feitas a EM Anita Malfatti, desde o primeiro encontro, algo particular se destacava: o esforço da escola em proporcionar um espaço participativo, por meio da construção, implementação e avaliação do seu Projeto Político-Pedagógico. Os meios e modos como essa participação vem acontecendo na escola evidenciam-se, em diferentes momentos, envolvendo os seus atores sociais, numa perspectiva de construção coletiva de uma “nova escola”. A abertura de espaços de participação para pais, alunos, professores, comunidade e funcionários vai se firmando, à medida que se compreende que participar é muito mais que ajudar na execução de tarefas propostas pela escola. Como lembrado por Freire (2006:75), estar presente na história e não simplesmente nela estar representado. Para Freire, participar é o caminho para as realizações democráticas, possibilidade de vivência com

⁵⁴ Trecho de uma das mais belas canções, *Coração de Estudante* de Milton Nascimento, cantor, compositor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1942.

o nosso inacabamento e a busca pelo nosso ser mais. Ele ainda conclama para o “engajamento na luta por uma escola democrática”. (idem, 2006:35)

A EM Anita Malfatti propõe a presença que participa; uma participação que é aprendida e reaprendida na prática, nos diversos momentos, em que os seus participantes são convidados e motivados a participar da “vida da escola”. Por outro lado, a proposta da Secretaria de Educação do município que compreende e busca o diálogo “aberto e corajoso”, como uma das formas de fazer uma educação de qualidade num espaço, onde todos ensinam e todos aprendem. A participação que é proposta às escolas municipais de Diadema é aqui efetivada, na EM Anita Malfatti, cenário dessa pesquisa, onde se revelou que a opção pela construção coletiva de um espaço participativo exige que a escola busque o envolvimento da comunidade escolar e local. Esse movimento possibilita a partilha de poder dentro da escola, afinal uma proposta inovadora de educação tem como meta uma construção coletiva, em que os seres são vistos como sujeitos e não como objetos; sujeitos capazes de contribuir com a transformação da escola e da sociedade.

O ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. (...) Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que entreviu que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que contata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (...) Num pensar crítico, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um que fazer isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão. (FREIRE, 2009:20-44)

Foi possível perceber, a partir das observações do cotidiano da escola, que na EM Anita Malfatti, presença intervém, transforma falas, motivando seus participantes a, juntos, refletirem, enfrentarem as dificuldades do cotidiano, e se tornarem responsáveis pela qualidade do processo de ensino e aprendizagem e das relações entre os sujeitos. Não é possível se pensar em qualidade nas escolas, sem que essa qualidade seja uma busca coletiva, em que todos, como propõe Freire, comparam, avaliam, decidem, rompem e esse rompimento é muito mais que abrir caminhos, é criar condições para que a caminhada faça das pessoas seres humanos melhores.

Nas visitas e questionamentos realizados na EM Anita Malfatti, constatou-se que o seu Projeto Político-Pedagógico é construído, desenvolvido e avaliado de maneira coletiva, favorecendo, dessa maneira, a participação de alunos, pais, professores, funcionários e comunidade. Segundo relatos das coordenadoras, no início de cada ano, a escola realiza encontros com a comunidade escolar e local para que possam apresentar sonhos, desejos e

perspectivas. O objetivo é tentar, por esses momentos que permitem o falar e o ouvir, encontrar meios para que todos participem da organização da escola, buscando melhorias nas ações e nas relações e, conseqüentemente, no processo de ensinar e aprender. Freire (2006:133) afirma que “não tenho dúvida nenhuma da necessidade que temos de práticas de natureza democrática”. É necessário que a escola crie condições para que seus participantes se envolvam em ações democráticas de falar, de ouvir e de fazer.

Indagados sobre a importância da existência do Projeto Político-Pedagógico na escola, alguns participantes do cotidiano da EM Anita Malfatti assim se posicionaram:

(...) o Projeto Político-Pedagógico da escola é vivo, dessa forma, ele apresenta ações pensadas e concretizadas coletivamente, com respeito e amor, afinal estamos falando de pessoas;

(...) o Projeto Político-Pedagógico ajuda todos os envolvidos a seguir o que foi proposto coletivamente, para alcançar as metas, colocando sempre em prioridade o desenvolvimento das crianças;

(...) o Projeto Político-Pedagógico da nossa escola incentiva à leitura, a escrita e a criatividade dos alunos;

(...) é o Projeto Político-Pedagógico que ajuda o bom desenvolvimento da escola no decorrer do ano;

(...) Projeto Político-Pedagógico da escola é importante porque leva em consideração as crianças, as famílias, a comunidade, e todo o pessoal envolvido na escola;

(...) ele é o norte, o objetivo a ser alcançado.

Assim, a construção do PPP da Escola é um processo de movimentos coletivos, em que a prioridade é discutir as necessidades e dificuldades, buscando formas de diminuí-las ou solucioná-las. Dessa forma, a comunidade interna e externa constrói um PPP em sintonia com as concepções, os princípios e as diretrizes da escola, como também da SECEL. Projeto esse que não é estanque, pois é renovado, a cada ano, ou, a cada necessidade, a partir das discussões e avaliações diagnósticas realizadas com os seus participantes. Percebe-se que para a EM Anita Malfatti esse documento não existe apenas para atender às exigências da Secretaria, mas é material de trabalho, de apoio, como sugere Vasconcellos (2009:21), “um instrumento de luta pela melhoria da escola, um importante caminho para a construção da identidade da escola”. Para a SECEL:

Possibilitar uma participação ativa na construção de um trabalho de qualidade é dar condição aos estudantes de opinar sobre o funcionamento da escola, avaliar o trabalho desenvolvido, acompanhar, discutir determinados

problemas, decidir sobre suas necessidades e reivindicações, bem como controlar a sua execução. (DIADEMA, 2007:16).

Na EM Anita Malfatti, com a participação de todos nas discussões e elaboração do PPP, procura-se viver um currículo que valorize a diversidade cultural, o respeito pelo outro, a crença nos valores, o aumento da autoestima e a certeza de que ensinar e aprender não se dá de forma separada, como afirma Freire “aprendemos enquanto ensinamos e ensinamos enquanto aprendemos”.

O PPP da Escola sugere e articula a elaboração de projetos temáticos, a partir de questões ligadas à realidade da comunidade, sugerindo a (re)organização da escola. Esse movimento está articulado aos sete eixos, citados no capítulo anterior, que caracterizam as intencionalidades político-pedagógicas da proposta curricular do município em relação aos aspectos socioculturais, a serem contemplados nas práticas educativas. (Diadema, 2007:11).

Aos sábados, a Escola abre suas portas para pais, professores, alunos e comunidade se encontrarem e juntos vivenciarem a concretude de suas propostas. Era a manhã de sábado de 27/11/2010, quando para mais uma visita cheguei ao campo de pesquisa. Lá ouvi, vi e senti que o trabalho coletivo é o caminho percorrido pela Escola na busca por uma educação de qualidade. Naquela manhã, conversei com mães, alunos, funcionários e comunidade e todos falavam da satisfação de estar ali. Naquele instante, visitei o laboratório de informática, onde um professor, morador da comunidade, dava aulas para pessoas da comunidade local e da escola. Numa segunda sala, encontrei outro professor, também, membro da comunidade, que ensaiava com alguns alunos da escola uma peça teatral para a apresentação de final de ano, numa das praças da cidade de Diadema. No pátio da escola, outro movimento chamava a atenção, em que algumas mães e outras mulheres da comunidade local organizavam peças artesanais produzidas por elas, por alunos e pessoas da comunidade, em oficinas oferecidas pela escola, para serem expostos na praça, durante um evento promovido pela Prefeitura Municipal. Noutra sala eram guardados os quadros pintados por alunos da escola, nas aulas de pintura, oferecidas todos os sábados por um professor, membro da comunidade.

Com o incentivo à participação para além do falar e do ouvir, a comunidades escolar e local, na EM Anita Malfatti, tenta construir um currículo que valorize a construção coletiva como um princípio para a conquista de uma escola, que seja pública, popular e democrática. A participação da comunidade escolar se dá não só na seleção dos conteúdos⁵⁵ e atividades

⁵⁵ A seleção dos conteúdos se realiza por uma problematização da realidade. A problematização torna o conhecimento social e histórico, pois, ao problematizar, o ser humano faz com que comece a perceber que ele se

para a sala de aula, mas num processo mais amplo que envolve a (re)organização de toda escola. A construção, implementação e avaliação do PPP possibilitam as discussões coletivas sobre que escola se tem e que escola se deseja ter. A participação praticada na Escola tem se caracterizada pela busca da democratização do conhecimento, mas um conhecimento que se cria, se inventa e reinventa, se apreende, como propõe Freire (2006:120).

A EM Anita Malfatti tem se preocupado em valorizar os conhecimentos trazidos para dentro da escola, Freire os chama de “saberes de experiência feito”, como também os que são construídos na instituição. Nesse sentido, a Escola tem proporcionado aos seus alunos passeios, visitas a teatros, parques, museus e exposições; em relação aos adultos, tem se promovido o envolvimento nas organizações e realizações de oficinas e exposições, onde pais, professores e membros da comunidade divulgam e compartilham os diferentes saberes, ao se tornarem os professores das oficinas. Trazer os saberes da comunidade para dentro da escola possibilita que a mesma reflita a acerca da diversidade cultural da comunidade, dos seus problemas e necessidades.

A participação não só de professores e alunos, mas também de pais, comunidade e funcionários tem possibilitado a democratização dos conhecimentos e revelado a intenção da Escola em buscar um conteúdo, que esteja integrado à realidade dos alunos, proporcionando resultados positivos para todos os seus membros, na fala de uma coordenadora, “nossa preocupação é ajudar na formação de cidadãos, pessoas que sejam do bem e que lá fora sejam multiplicadores dessa corrente do bem que o nosso planeta está precisando”.

A prática da participação observada na EM Anita Malfatti se dava em diversos momentos e diferentes situações, em que era possível perceber um diálogo respeitoso, que possibilitava a organização das rotinas e atividades desenvolvidas pela Escola, por meio da fala e da escuta dos participantes. Em grupo, o respeito ao outro, a sua contribuição é fundamental para que o trabalho se desenvolva em harmonia. Em Freire, diálogo proporciona a prática de participação e a problematização do conhecimento, que é construído, coletivamente, e incide na realidade vivida com a intenção de reflexões críticas sobre essa realidade, para melhor compreendê-la e, de forma coerente, atuar nela.

Não se pode, no entanto, deixar de registrar que a participação de todos ainda é um pouco limitada. Apesar do movimento de encontros para discussões, no início de cada ano e

semestres, com pais, alunos, professores, algumas pessoas não participam, expondo suas opiniões, críticas ou sugestões. Esses momentos de participação, porém, continuam a existir no intuito de fortalecer as oportunidades e o incentivo à participação de todos na vida da escola.

A construção coletiva de uma cultura de participação tem sido a preocupação da EM Anita Malfatti, que, ao propor a construção coletiva do seu PPP, reconhece que esse não tem sido um processo fácil, pois lidar com culturas, costumes e visões de mundo diferentes e até opostos não é algo simples. Na luta para superar essa dificuldade, a Escola, a cada dia, acredita e anuncia que coletivamente se conquista uma escola pública, popular e democrática. Nesse sentido, seguem manifestações de participantes do coletivo da Escola sobre a importância de construir coletivamente o PPP da Escola: “acreditamos que nossa preocupação e também nossa dedicação em construir coletivamente uma escola séria e alegre, como propunha o professor Paulo Freire, está no caminho certo”; “O que mais me chama atenção na escola é ver crianças de seis anos alfabetizadas. Acredito que isso tem ligação com a proposta de construção coletiva sugerida pelo Projeto Político-Pedagógico, que traz metas a serem alcançadas”.

Nesse contexto, o movimento de participação dentro da escola, no sentido de (re)organizar as práticas pedagógicas, que é sugerido pela coordenação e discutido pela comunidade local e escolar, busca a percepção da necessidade de ações pensadas e concretizadas coletivamente para construção de uma escola democrática. Para Paulo Freire, esse movimento somente é possível, quando se vê no outro um sujeito capaz de contribuir, onde o respeito pelo saber do outro seja praticado e, assim, as pessoas têm a oportunidade de participar do pensar e do concretizar as atividades. O diálogo, nessas condições, conduz a ações transformadoras da realidade.

Propor e viabilizar a participação de todos é um movimento que dá suporte e fundamento às atividades desenvolvidas na Escola, permitindo um processo de constante busca das melhorias nas relações e interações na instituição. Sabe-se que o grande desafio das escolas que se propõem democráticas é a construção de um cotidiano dialógico, permitindo o movimento de ação/reflexão/ação, em que professores, alunos, pais, comunidade e funcionários têm a oportunidade de pensar suas práticas, no intuito de afirmá-las ou recriá-las, vivendo, assim, a educação como prática da liberdade⁵⁶ e não da dominação.

⁵⁶ Liberdade é o conceito central na antropologia de Paulo Freire, em torno do qual ele constrói sua teoria pedagógica (...) A liberdade é uma conquista que se alcança, na medida em que se luta pela libertação de si, do outro e do mundo. (Dicionário de Paulo Freire 2008:241).

Freire (2006:109) reitera que “participar implica programar e avaliar a prática. E a prática de programar, que se alonga na de avaliar a prática”. Se a escola se propõe a realizar uma educação transformadora, faz-se necessário construir um cotidiano que favoreça a participação dos seus protagonistas, que, num movimento necessário de ação/reflexão/ação, se engajem na luta para formar cidadãos críticos, criativos e felizes.

Na EM Anita Malfatti, os diálogos se dão no cotidiano. Foi possível constatar alguns fatos que comprovam essa afirmação, porém, é importante ressaltar o movimento dialógico da construção do PPP, que se dá numa ação coletiva e dialógica, envolvendo, em diferentes momentos, a participação da comunidade interna e externa. Nesse sentido, Freire lembra que o homem se liberta na interação, em contato com outros seres, sendo vistos e aceitos como sujeitos. Nessa direção, a SECEL tem se preocupado em engajar-se numa luta incansável por uma escola criada por muitas mãos e ideias, ouvindo os que a compõem e valorizando seus conhecimentos e suas vivências.

Não basta a escola estar inserida numa comunidade para fazer parte dela. Na perspectiva da consolidação da gestão democrática o papel das instituições que configuram os espaços da comunidade deve ser resignificado, quando pensada a articulação com a escola. (...) Este acúmulo de vivências e de conhecimento regional podem contribuir para que as ações pedagógicas estejam integradas e valorizem o Projeto Político Pedagógico da escola bem como o enriquecimento da Proposta Curricular. (DIADEMA, 2007:16).

A (re)construção do PPP da EM Anita Malfatti, em 2010, se iniciou com o registro de algumas conquistas para aquele ano. Conquistas que fizeram parte dos projetos anteriores. A chegada dos professores especialistas em Artes e Educação Física trouxe um momento para reflexões sobre as ações pensadas coletivamente para a melhoria da escola. Em vários encontros, foi discutida a necessidade desses profissionais. Com a chegada do professor de Artes, pensou-se na revitalização de um espaço externo, que recebeu o nome de ateliê. Na primeira visita à Escola, tive o prazer de conhecer e até me emocionar com depoimentos de alguns alunos que diziam: eu fiz isso... O ateliê estava cheio de peças de artesanato produzidas pelos alunos. Sabe-se que é papel da escola ensinar a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais, com base em intenções próprias. Era imprescindível a vinda destes profissionais.

Com a presença do profissional de Educação Física, as aulas foram pensadas para atender aos alunos, de acordo com idades e modalidades. Essas aulas motivaram os alunos, despertando-os para a participação. Essa era uma reivindicação dos pais, alunos e professores, desde 2006, na tentativa de ter a escola como um espaço propício para as aprendizagens, que proporcionasse aos alunos a alegria de fazer parte de um ambiente facilitador de desenvolvimento.

No PPP da EM Anita Malfatti, registra-se mais uma conquista da Escola para o ano de 2010: a reorganização da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mais uma conquista e também um desafio que se estabelecia para a Unidade Escolar, que buscava viabilizar o diálogo pedagógico entre alfabetização dos adultos e a apropriação das áreas do conhecimento. No início, os alunos sentiram-se “assustados” com a rotina e dinâmica de uma escola maior, tendo que abrir mão de particularidades de quem vinha de uma escola de apenas duas turmas. Porém, com uma proposta de escola aberta, solidária e séria, foram proporcionadas aos alunos oportunidades de se inteirar, se sentir parte e podendo colaborar com as possíveis melhorias em todas as atividades desenvolvidas.

A presença da comunidade escolar e local em torno da elaboração do PPP está voltada para a prática da participação, no desenvolvimento de ações educativas, que visam à realidade dos estudantes. Esse movimento intenciona a melhoria da aprendizagem, das relações e das interações dentro da escola. Por isso, as atividades pensadas e executadas coletivamente têm proporcionado um clima de confiança e seriedade entre a comunidade local e escolar, uma vez que a comunidade local e escolar tem se engajado, se preocupado em práticas que envolvam todos, que dê a todos, oportunidade de participar, ouvir, falar, sugerir, questionar.

Diante da dinâmica participativa, incentivada e implementada pela coordenação da unidade escolar, há possibilidades para o desenvolvimento cada vez mais significativo de discussões, debates e viabilizações que levem em conta a realidade dos envolvidos, favorecendo análises e reflexões que promovam sujeitos autônomos, cidadãos do bem.

Para a secretaria, democratizar é construir participativamente um projeto de educação de qualidade social, transformador e libertador, no final a escola em seus diversos espaços e tempos contribua efetivamente para o exercício dos direitos a formação dos sujeitos como cidadãos plenos reafirmando os princípios da democracia, da solidariedade, da justiça, da liberdade, da tolerância e da equidade na direção de uma nova sociedade mais justa, igualitária, fraterna e democrática. (DIADEMA, 2007:9)

A SECEL sugere que cada escola, dentro da sua realidade local, e em harmonia com todos que a compõem, construa seu Projeto. Esse deve atender às necessidades dos alunos, seus direitos, sonhos e perspectivas para contribuir para a formação de sujeitos conscientes dos desafios que surgem, a cada dia, como também das possibilidades de enfrentá-los e colaborar com a construção de um mundo melhor e mais humano. Essa proposta pedagógica está fundamentada na concepção freireana que supõe a construção de uma educação, popular e democrática, dando às crianças, jovens e adultos a oportunidade de participar das reflexões e decisões sobre o dia a dia da escola. Não é um processo fácil e natural.

A participação dos diferentes segmentos da escola na construção e decisão do Projeto Político-Pedagógico da Educação Municipal não acontece de forma espontânea, mas sim, a partir da conscientização e perseverança de todos, bem como na criação de mecanismos e espaços de participação que viabilizam as intenções coletivas. (DIADEMA, 2007:25)

A SECEL, na sua proposta, defende uma escola participativa, em que os profissionais da educação, conscientes da importância e necessidade desse movimento, articulam, dentro das instituições, a participação, a coletividade, a solidariedade, o respeito e a seriedade para a construção de uma escola pública, popular e democrática.

Em sintonia com essa proposta político-pedagógica, a EM Anita Malfatti elabora e executa seu PPP e também os seus projetos temáticos, o que foi observado nas visitas e nas falas dos entrevistados. Os projetos temáticos são pensados e elaborados, de acordo com a necessidade das turmas, que também determinam a extensão e intencionalidade, como confirma a fala dessa mãe: "sabemos a preocupação da escola (direção, coordenação e professores) com o bem estar das crianças, procurando aplicar atividades como xadrez, computação, artes, educação física que é acho muito legal".

Ao ser entrevistado sobre a organização dos projetos na Escola, um professor de Educação Infantil afirma que o que mais lhe chama a atenção nessa escola é "o olhar amoroso da equipe gestora". Em todas as visitas à escola, a coordenadora sempre falava: "há de se ter olhos de ver" E é com esse olhar, que, na Escola, a participação é consequência da opção por uma gestão democrática, favorecendo a comunidade escolar, dentre outras coisas, pela escolha de seus dirigentes.

A EM Anita Malfatti é gerida por duas professoras coordenadoras, eleitas pelo voto proporcional e paritário da comunidade escolar, composta por pais, alunos, entidades, professores, coordenação e auxiliar da ação educativa. Em 2007, aconteceu a 4ª eleição, com mandato de três anos, que foi renovado por mais um ano, em 2011. Para a SECEL:

Faz-se necessário colocar em prática uma gestão que estimule a participação dos diferentes segmentos do sistema de ensino/escola nas instâncias de decisão, permitindo o trabalho de valorização da dimensão humana e proporcionando uma ação prática-criadora que explique as contradições existentes no cotidiano do trabalho. (DIADEMA, 2007:15)

A EM Anita Malfatti, portanto, tem uma proposta de trabalho participativo, em que todos podem ouvir e falar, vistos como sujeitos do processo, capazes de contribuir com as melhorias necessárias para a Escola. Não se pode deixar de registrar que a Escola enfrenta uma série de dificuldades, pois uma proposta de trabalho participativo exige paciência, tolerância e amorosidade, um trabalho de muitas mãos e ideias é de difícil construção. Fazer com que a comunidade escolar e local esteja junta na conquista de uma escola pública, popular e democrática faz parte dos sonhos e propósitos das coordenadoras, que, incansavelmente, buscam articular ações, discussões e decisões coletivas. Uma das coordenadoras que compõe a Equipe Técnica do Movimento da Construção Curricular, em Diadema, afirma que “esta proposta pedagógica está fundamentada na concepção de Freire que visa à construção de uma educação popular que atenda às expectativas e interesses dos alunos”.

Nesse sentido, Freire (2006:111) sugere a presença de alunos, de pais de alunos, de zeladores. Essa presença supõe participação para a possível democratização do saber e revela a preocupação da escola em contribuir com a formação de um cidadão crítico, reflexivo e feliz. O diálogo, segundo Freire, proporciona a prática da participação, que acontece na e sobre o cotidiano da escola, com o intuito tornar essa escola um espaço, onde todos se sentem parte dela e por ela responsável. Com esse pensamento, a EM Anita Malfatti tem se empenhado em construir coletivamente, pelo diálogo e pela participação, um espaço, onde ensinar e aprender é possível para todos, num ato amoroso e respeitoso.

4.2. A escola como espaço para o diálogo

Saul (2006:82), em diálogo com Paulo Freire, questionava: “o senhor sempre priorizou a “relação dialógica” no ensino, que é a incorporação da visão de mundo do aluno, como parte do processo educativo. Como a participação do aluno foi concretizada?” Como resposta, Freire afirmava:

Proponho e defendo uma pedagogia crítico dialógica, uma pedagogia da pergunta. (...) A escola pública que desejo é a escola, onde tem destaque a

apreensão crítica do conhecimento significativo através da relação dialógica. É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências no mundo. (Ibidem:83),

Neste sentido, a SECEL propõe o diálogo como instrumento para a definição das políticas do município, das políticas de formação de professores e da proposta curricular. Nas escolas, é proposto o diálogo como meio para se pensar e se concretizar as atividades pedagógicas. O diálogo que foi presenciado na EM Anita Malfatti acontecia em diferentes espaços e com uso de diversas estratégias, em que era possível um falar respeitoso e um ouvir atento.

Ao responder ao questionamento sobre qual a importância do diálogo para a construção e efetivação do PPP, participantes da comunidade escolar assim se manifestaram:

(...) juntos, dialogicamente analisamos, discutimos e concretizamos nossas propostas que trazem consigo nossos sonhos e expectativas. Esse movimento demanda esforço, dedicação e amor, afinal não é fácil lidar com sonhos e expectativas diferentes;

(...) considero que a participação de todos é um fator diferencial, pois, cada um pode dar opiniões, ideias e colaborar com a organização da escola;

(...) colaborar com a construção do Projeto Político-Pedagógico facilita para colocar as necessidades da comunidade escolar em prioridade. A escola precisa de todos engajados para funcionar bem;

(...) ajudar organizar a escola e ajuda de maneira positiva a aprendizagem dos alunos;

(...) participando ficamos sabendo o que nossos filhos estão aprendendo;

(...) acredito que dentro do espaço escolar todos têm função educativa.

Como se pode observar, o diálogo praticado na Escola é entendido como uma das formas eficientes de organizar a escola, quando se busca a melhoria na qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo a coordenação, o diálogo exercido entre as coordenadoras e os professores para discutir as atividades e as metodologias de trabalho tem se estendido para a escuta dos alunos, dos pais, da comunidade e dos funcionários. Dialogicamente, a Escola se propõe e articula a identificação das necessidades de aprendizagem dos alunos, facilitando a definição e elaboração do seu PPP e dos projetos temáticos, que serão trabalhados, durante o ano.

Pelas entrevistas e observações, se percebeu que a EM Anita Malfatti tem como prioridade ampliar o espaço e os momentos de participação e o diálogo da comunidade escolar e local, por acreditar que, coletivamente, de forma dialógica, as pessoas se libertam e se humanizam. Freire (2009:156) pensa o diálogo, “como encontro dos homens para a “pronúncia” do mundo”. Essa é uma condição fundamental para a sua real humanização.

Na proposta do município de Diadema (2007:5), declara-se que a “escola e a educação que queremos para nossa sociedade estão por ser construídas: demanda um trabalho de muitas mãos, ideias e experiências, o que só pode ser conseguido na vivência respeitosa e valorosa da diversidade”. Nessa linha de pensamento, a EM Anita Malfatti se propõe a construir um espaço para o diálogo, pois acredita que participação é aprendida na prática, em seu cotidiano. Assim, possibilita essa vivência nos diversos momentos, criando condições para um “diálogo franco, corajoso e aberto” para discutir, refletir, coletivamente, o trabalho pedagógico, levantando possibilidades⁵⁷ de mudanças e avanços.

Freire (2009:20) sugere para a construção de uma escola pública, popular e democrática a “presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença que intervém”. Nessas palavras de Freire, fortalece-se o pensamento de que o que fazemos para a construção do presente, em que se busca a construção coletiva e individual de conhecimentos, em que se prega a paz e a solidariedade, reflete num futuro mais promissor. Contribuir com a melhoria da qualidade social da educação é pensar em si mesmo.

No interior da Escola, a participação e o diálogo vêm possibilitando a partilha de poder, mas esse movimento é algo profundo que exige reflexão sobre respeito e responsabilidade, uma vez que essa partilha não é somente de autoridade, mas de decisões, ações, atitudes e valores.

Diálogo, em Freire, não é apenas metodologia para concretizar a participação, mas também possibilidades de encontros de pessoas, que, juntas, refletem e discutem o seu cotidiano, nos limites e possibilidades de melhorias e avanços. O cotidiano da EM Anita Malfatti, conforme relato de uma coordenadora, tem se preocupado na promoção desse diálogo para além do falar e do escutar, tentando superar as dificuldades. Reconhece que é difícil lidar com diferentes culturas, tradições, costumes e visões de mundo.

⁵⁷ Possibilidade, na obra de Freire, está associada a uma atividade transformadora que o educador necessita frente a realidade observada (...) a possibilidade sempre vai existir, pois sempre há o que ensinar, sempre há o que aprender. (Dicionário Paulo Freire, 2008-324)

A prática da escuta, por parte da coordenação, quanto às queixas, reclamações e sugestões acontece em relação aos professores, alunos, pais, funcionários e comunidade, sejam em encontros coletivos ou individuais. Essa prática é aceita, respeitada e vivenciada pela escola e pela SECEL. Diadema (2007:23) supõe que “a escola se empenhe a realizar encontros de pessoas, estas terão oportunidades de se desenvolver através da sua expressão, reflexão e conclusões a respeito dos assuntos pautados”.

Freire (2009:41) afirma que “não há um sem o outro, mas ambos em permanente interação”. Neste sentido, a EM Anita Malfatti cria condições para, em encontros e reuniões, a comunidade escolar e local exercite o diálogo, como forma de serem e de agirem como sujeitos e não como objetos. Os diálogos entre coordenação e os professores para planejar as atividades e a sua operacionalização visam à qualidade do processo de ensino e aprendizagem e essa prática tem trazido resultados positivos como confirma a resposta de uma professora ao questionamento se ela acreditava que a participação de todos contribui para a melhoria da escola: “acredito e tenho visto muitas melhorias na escola; melhorias significativas no aprendizado dos alunos; envolvimento pleno dos professores em realizar e aplicar diferentes atividades; melhor envolvimento dos alunos nas atividades”.

Segundo a coordenação, semanalmente, os professores se reúnem para discutir e articular atividades. Esses encontros permitem que eles analisem as dificuldades e as necessidades de cada turma, buscando a melhor forma de enfrentamento, atentando-se que essas discussões não acabam ali, mas vão para as salas, onde os alunos têm a oportunidade de opinar, de sugerir e se inserir no processo. Os encontros semanais⁵⁸ entre coordenação e professores têm contribuído para o favorecimento de repensar as práticas, de forma democrática para ambas as partes. Freire lembra que “pensar a prática é a melhor forma de melhorá-la”.

A manifestação de uma educadora enviada pela SECEL, para juntamente com os professores e a coordenação articular melhorias no processo de ensino e aprendizagem, confirma esse clima de participação e democracia que permeia as relações dentro da Escola: “todos dão o melhor de si. (...) mantendo boas relações, todos podem falar e serem ouvidos”.

Mesmo com todo esse envolvimento do grupo, professores entrevistados foram inânimes em indicar que a falta de tempo é um dos entraves do deslanchar do diálogo, da

⁵⁸ Os encontros semanais são chamados de “aglutinadas” e têm o objetivo de verificar e rever propostas, tarefas, planos, projetos, perspectivas do cotidiano escolar.

participação e das interações, nas escolas. Devido a inúmeras questões, inclusive a financeira, os professores precisam trabalhar em mais de um local, tendo o seu tempo limitado para pensar e organizar as práticas. Nesse sentido, a Secretaria tem se preocupado, juntamente com as equipes gestoras, em encontrar o melhor dia e hora para esses momentos.

Incentivando e promovendo o diálogo, a equipe gestora da EM Anita Malfatti tem possibilitado que todos enxerguem “um mesmo mundo”, onde todos ensinam e todos aprendem, onde o diálogo permeia todas as relações e as interações. O depoimento de uma mãe caminha nessa direção, ao definir a escola onde seu filho estuda: “a Escola Anita é uma das melhores escolas municipais de Diadema, ela está sempre aberta a novos projetos, passeios culturais e de utilidade pública. Em minha opinião, está sob medida”. Complementando essa fala, uma das coordenadoras, parafraseando Freire (2009:16), diz que diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização e afirma ainda que estão engajados, cada vez mais, no esforço de transformação da realidade.

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele se coincidem; nele põem-se e opõem-se. (FREIRE, 2009:16)

Na EM Anita Malfatti, “diálogo é fato”. Esta afirmação faz parte da fala da professora da 3ª Série (4º ano), que, juntamente com a turma, criou um livro de ouro. Dentro dele, algo valioso: a fala do aluno intercalada com a fala da professora e dos seus pais. O livro tem a função de estabelecer um “diálogo franco, aberto e corajoso” entre professor, aluno e família. Cada dia, um aluno leva o livro para casa e registra o tempo que passou na escola, tudo que fez, viu e ouviu; do que gostou e do que não gostou. Na mesma página, o pai, mãe ou responsável registra sua compreensão sobre os fatos, estabelecendo, assim, uma forma de diálogo que, segundo os envolvidos, tem sido muito bom para todos. Para a professora da turma, esses momentos têm favorecido aos alunos o entendimento do que é diálogo e diz “lá ele pode escrever do que gostou e do que não gostou, justificando sua fala”. Quanto ao diálogo com os pais, assim se manifesta uma mãe “a ideia foi maravilhosa, pois fico sabendo sobre o dia a dia do meu filho, na escola”. Segundo Freire (2006:54), “o papel do educador é estimular a dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, da aventura de criar”. Assim, é preciso e possível envolver o aluno no movimento dialógico, que favorece as aprendizagens, as descobertas e o seu desenvolvimento, como se faz nessa escola.

No cotidiano da EM Anita Malfatti, é visível nas atividades, falas, relações e interações, a preocupação com uma prática educativa emancipatória que tenha como princípio a percepção das pessoas como sujeitos do processo e não como objetos. Na Escola, predomina o pensamento de continuar promovendo, coletivamente, momentos de interferências, interações, discussões, reflexões para as possíveis melhorias, que se deseja no processo de ensino e aprendizagem.

A construção da educação pública popular, de acordo com a Pedagogia Freireana, se dá num movimento, voltado para os interesses e necessidades populares, em que todos podem participar. Freire (1989:10), em *Aos que fazem educação conosco em São Paulo*, propõe que “nela todos os agentes, e não só os professores, possuem papel ativo, dinâmico, experimentando novas formas de aprender, de participar, de ensinar, de trabalhar, de brincar e de festejar”.

Nessa direção, a participação praticada na EM Anita Malfatti se faz presente nas páginas do seu PPP, onde se lê:

(...) as ações pedagógicas pensadas tiveram a preocupação de fortalecer o grupo de professores e todos os outros protagonistas da escola para o empenho no desenvolvimento de um trabalho que viesse de encontro com aquilo que acreditamos ser a Escola que queremos ter.

Segundo uma das coordenadoras, os diálogos estabelecidos entre a comunidade local e escolar tem a intencionalidade de fortalecer as ideias e propostas de se construir coletivamente uma escola boa para todos. Além disso, a coordenadora destaca que o sucesso da maioria dos projetos da escola se deve à ligação direta que tem com os alunos, o envolvimento de professores de outras disciplinas e o apoio da coordenação. Esse movimento de todos, fazendo parte da discussão, elaboração e efetivação, tem sido um diferencial para se alcançar os objetivos propostos, pois como afirma Freire:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos -, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescenta ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2009:96)

Na sua produção teórica e nas suas práticas, Paulo Freire trata da importância e da necessidade de criarmos espaços e condições para diálogos entre os protagonistas da escola. Freire (2009:94) raciocina: “Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros

na pronúncia do mundo”. Na EM Anita Malfatti, nos momentos, em que juntos discutem a viabilização de ações educativas que possibilitem o diálogo, estão pensando em momentos de trocas, de cooperação e ajuda um aos outros, confiando-se nos outros e, assim, companheiros nessa caminhada. Freire sempre deixou clara a importância desses momentos de pensar a prática, de ação/reflexão/ação.

Com o Movimento de Reorientação Curricular, desde 2001, a SECEL por meio de suas políticas públicas, vem implementando os diferentes anseios e demandas da sociedade. A Secretaria luta por melhorias na educação, buscando uma educação pública popular e democrática, que favoreça um processo de ensino e aprendizagem para a libertação do homem. Nas palavras da coordenadora da Escola, os encontros para a construção do Projeto Político-Pedagógico favorecem a discussão sobre a atual situação da escola e permitem tomadas de decisão coletivas, entre diálogos corajosos e críticos. Essa visão da coordenadora é corroborada pelos depoimentos de alguns participantes desse processo sobre a contribuição do PPP para a escola:

(...) o Projeto Político-Pedagógico é um projeto que envolve a comunidade, alunos, professores e funcionários para um bom andamento da escola;

(...) o que me chama a atenção na escola é a forma democrática como tudo acontece;

(...) a dedicação da coordenação, professores e funcionários para que a escola seja cada vez melhor é grande;

(...) gosto do respeito e carinho com que as crianças são tratadas;

(...) acredito que, dentro da escola, todos têm função educativa e com boas relações todos podem falar e ouvir.

A Pedagogia Freireana propõe práxis como processo de ação, reflexão e ação, conduzindo os indivíduos a um movimento de constante aprendizado. Freire (2009:79) enfatiza que “os homens se educam em comunhão”. É na convivência diária que os seres se enxergam e, em discussão, se sentirão capazes de enfrentar os desafios sociais, políticos e econômicos que se apresentam na sociedade. A importância e a necessidade do agir e refletir sobre a prática, não a isolando da teoria, que lhe dá suporte e fundamento, é uma atividade proposta pela SECEL do Município de Diadema, que defende a discussão sobre a práxis da escola como importante e fundamental. (Diadema, 2007:20).

Freire (2009:90), ao dizer que “o homem se faz na ação/reflexão”, ressalta a importância de a escola favorecer esses momentos, que também é uma sugestão da Proposta

Curricular do Município de Diadema. Nas observações realizadas, durante essa pesquisa, foi possível acompanhar alguns desses momentos e, dentre eles, merece destaque a construção dialógica de um dos projetos temáticos realizados em sala de aula, cujo registro encontra-se nas páginas finais do PPP, num tópico intitulado “Acontece no Anita” em que se anunciam os projetos e os relatórios de práticas. A seguir trecho do “Relatório: 1º trimestre de 2010 - Aulas de Arte”:

Iniciei o trabalho, conversando com os alunos sobre as diversas linguagens artísticas. Procurei saber o que eles consideravam ser arte e do que gostam nas diversas linguagens, bem como quais são as áreas que mais se destacam. A maioria dos alunos (em algumas salas, todos) considerava que a aula de artes era desenho e pintura (alguns se lembravam de colagens e dobraduras) e isso era do que todos mais gostavam de fazer - alguns gostavam mais de desenhar, outros mais de pintar, mas todos se restringiam às artes plásticas (desenho e pintura). Após conversar sobre as outras diversas linguagens, das quais os próprios alunos foram “lembrando”, durante a conversa, as crianças mostraram-se muito entusiasmadas com a possibilidade de trabalhá-las, em sala.

Nesse relato, percebe-se que o trabalho desenvolvido na escola tem se preocupado não somente com o fazer, mas, também, com o pensar um fazer dialógico, como possibilidade de refazer, recriar. Afinal, esse movimento favorece a construção de conhecimentos, uma vez que os indivíduos se desenvolvem em interações com os outros.

O diálogo na EM Anita Malfatti é exercido em vários momentos, implicando três movimentos distintos, não dicotomizados: o pedagógico, o administrativo e o financeiro. No administrativo, os diálogos são para decidir e gerir seus projetos, como também ações e decisões, que compõem a rotina escolar. O movimento dialógico no setor financeiro lhe permite deliberar seu plano de ação orçamentária.

Movimentando-se pedagogicamente, a escola dialoga com os seus protagonistas para elaborar seu próprio PPP e seus projetos temáticos. A elaboração do PPP se dá de forma coletiva e dialógica, em que pais, alunos, professores, comunidade, direção e funcionários, em diferentes momentos, discutem o que fazer, como fazer e por que fazer. Na Escola, este é um movimento essencial, que, segundo Freire (2009:59), nos leva à percepção da nossa inconclusão, enquanto seres que se desenvolvem, em comunhão uns com os outros.

Ainda em relação às conquistas da Escola, não se pode deixar de registrar a dinâmica para a reunião de pais, identificada pela SECEL, como práticas exemplares que vêm dando certo. O grupo de profissionais da EM Anita Malfatti desejava modificar o caráter dessas reuniões, que, em geral, tinha um tom de queixas tanto dos professores, como dos pais. (Diadema, 2007:28). Uma nova dinâmica para as reuniões de pais vem acontecendo, desde

2005, com a ideia de reuniões coletivas por idades. Em 2006 e 2007, essas reuniões contavam com a presença de especialistas que falavam da importância e necessidades de parcerias entre escola e pais. A avaliação desse novo modelo, tanto dos professores, como dos pais e da coordenação foi bastante positiva, uma vez que abria verdadeiros espaços para diálogos. Freire (2009:139) lembra que “esta visão de educação parte da convicção de que não pode sequer apresentar o seu programa, mas tem de buscá-lo dialogicamente com o povo”.

Segundo relatos das coordenadoras, os resultados dessas ações foram percebidos em sala de aula, no comportamento e envolvimento maior de alguns alunos. A cada ano, vão conseguindo melhorias e avanços nessas reuniões de pais. Em 2010, foram quatro encontros que contaram com mais de 75% dos pais, que eram convidados a participar com sugestões, opiniões sobre a aprendizagem dos filhos, a organização da escola e o envolvimento nos projetos desenvolvidos na escola e nas salas de aula. Essas reuniões aconteciam, em dois momentos; no primeiro, os professores de cada sala com os pais de alunos dessa classe e, no segundo, todos os pais com professores e coordenadores. A presença dos alunos não era constante, mas, sempre que necessário, os alunos participavam de alguns desses encontros.

Outra ação, que é pautada pelo diálogo, é a proposta de formação de formadores. Segundo a SECEL, a formação “deve se dar em várias instâncias articuladas: professores com seus pares; individualmente, com o grupo-escola; com assessoria externa; em cursos de formação acadêmica, de extensão; atualização profissional e outros”. Diadema (2007:20) O horário das aglutinadas⁵⁹, na Escola, denominada “formação dos formadores”, acontecem, uma vez por semana, com duração de três horas. Para os professores da EJA, esse encontro é realizado, toda a terça-feira, à tarde, em que professores e coordenadores discutem, refletem e elaboram atividades, projetos, levando em conta o aluno real, seu tempo e espaço. Para os professores da Educação Infantil, o encontro se realiza, toda quinta-feira, à noite, com a mesma duração de horas. Na EM Anita Malfatti, há oportunidades e espaços para discussões e decisões coletivas, produzindo conhecimentos, que certamente, orientarão o trabalho com os estudantes.

Uma das tarefas essenciais da escola, como um centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das

⁵⁹ Aglutinadas – são reuniões semanais entre coordenação e professores para (re) organizar as ações da escola e planejar outras. O 4º eixo da proposta do movimento da reorientação curricular de Diadema trata desse tema chamando-o de “formação de formadores” em que a escola se torna mais um espaço de reflexões e ações de todas as pessoas, todos se tornam “aprendentes”. (Diadema, 2007-20)

coisas e dos fatos e sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou domesticá-la. (FREIRE, 2009:123)

Se para formar sujeitos dialógicos, são necessárias práticas pedagógicas também dialógicas, a EM Anita Malfatti tem se preocupado e se dedicado a criar condições para que, coletivamente, num movimento dialógico, dinâmico e libertador, a comunidade escolar e local, interagindo, tenha práticas emancipatórias.

A Pedagogia de Paulo Freire propõe a formação de sujeitos que dialoguem e isso implica sua real participação nessa formação. Afinal, como sujeito, deverá ser capaz de enfrentar os desafios do seu tempo e espaço, que, na maioria das vezes, não favorece essa dinâmica de liberdade e responsabilidade. Freire (2009:90) lembra que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”. A autonomia proposta por Freire é construída por movimentos dialógicos intensos de buscas, reflexões e ações, portanto, não tem dia e hora marcada para acontecer. Dessa forma, a EM Anita Malfatti tem possibilitado o envolvimento de pais, alunos, professores, funcionários e comunidade nos encontros para a elaboração, implementação e avaliação do seu PPP, como também dos projetos temáticos. Pelas observações realizadas, durante a pesquisa de campo, foi possível constatar que, na Escola Anita Malfatti, o diálogo é o caminho pelo qual todos ouvem e falam.

Para Freire, os diálogos vão se construindo e se efetivando, nos momentos em que, coletivamente, a escola toma decisões e viabiliza a concretização das mesmas. Foi identificado o diálogo, em várias situações, dentro da Escola, como nos momentos, em que as coordenadoras, professores, alunos e pais planejam as comemorações, as aulas, as atividades trocando sugestões, opiniões e experiências. Esse cotidiano dialógico e participativo vem favorecendo a criação de espaço privilegiado para se ensinar e se aprender, com a interação de sujeitos. Afinal, quando a um aluno se dá a oportunidade de pensar seu tempo e espaço, revelando o mundo, em que ele vive, está se caminhando para a conquista de uma educação democrática, transformadora, construída com “rigor e alegria”, fazendo dos indivíduos seres críticos, autônomos e livres.

A Pedagogia do Oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2009:46).

O trabalho educativo que se faz na EM Anita Malfatti tem como objetivo a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, na busca pela ampliação e consolidação da cidadania por meio de um desenvolvimento crítico e consciente dos alunos. Problematicando, sistematizando e refletindo, a Escola tem a intencionalidade de construir um currículo inovador, partindo da realidade dos estudantes e tratando-os como sujeitos participativos.

Freire (2009:198) afirma que “buscar a libertação dos homens em co-laboração com eles é a mudança que precisa ser assumida pelas escolas, mudança que leva a concretização do sonho da justiça social fundados nos princípios da solidariedade, da autonomia, da criatividade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo compõe a pesquisa coletiva nacional intitulada “A presença de Paulo Freire na educação brasileira: análise de sistemas públicos de ensino, a partir da década de 90”, desenvolvida pela Cátedra Paulo Freire, do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP, sob a coordenação da professora Dr^a Ana Maria Saul.

Essa pesquisa objetivou olhar uma escola e verificar como se concretizam os meios e modos de participação e de diálogo na construção e efetivação do seu PPP. A pesquisa teve como fundamento a proposta curricular do Município de Diadema, que declara e assume, em documentos oficiais, trabalhar os referenciais freireanos na definição de suas políticas públicas.

Assim, Diadema foi o município eleito para a realização desse trabalho, por assumir sua opção pela Pedagogia Freireana e contar com a presença de assessores, nos vários setores da Secretaria de Educação, que assumem os referenciais freireanos. A educação na cidade de Diadema traz como meta uma educação para a libertação, capaz de colaborar com a formação de um cidadão reflexivo, crítico, apto a enfrentar e desvelar os desafios do seu tempo e mudar a realidade vigente. Em documento oficial, se afirma que “a escola e a educação escolar que queremos para a nossa sociedade estão por ser construídas: demanda um trabalho de muitas mãos, ideias e experiências” (Diadema, 2007:5) Nesse contexto, compreende-se que a proposta de construção se fará de forma participativa, em que o diálogo fortalecerá as discussões e decisões e conduzirá as ações.

Para a realização dessa pesquisa, duas categorias freireanas fundamentaram a coleta e a organização dos dados, a análise e as possíveis conclusões. Essas categorias foram tratadas como temas geradores, por acreditar na sua abrangência: participação para além do falar e do ouvir e a escola como espaço para o diálogo.

Ao analisar os dados pesquisados, muitos avanços foram constatados nas propostas e efetivação dos meios e modos de participação e diálogo da comunidade escolar e local, no cotidiano da EM Anita Catarina Malfatti. No que diz respeito à construção participativa do seu PPPP, porém, ainda há o que fazer, afinal, trabalho coletivo, envolvendo diferentes pessoas e ideias é algo difícil, demandam paciência, tolerância e amor para falar e especialmente para ouvir. Nesse sentido, Freire (2009) já afirmava que o respeito pelo outro é fundamental, quando a tarefa é o desenvolvimento humano.

A escola pesquisada, a EM Anita Malfatti, desenvolve no seu cotidiano práticas de participação e diálogo, em diferentes momentos e espaços, o que tem provocado mudanças no dia a dia da instituição, com reflexos nas melhorias do processo de ensino e aprendizagem. Nessa escola, se realizou um estudo de caso, utilizando-se de observações de campo, entrevistas, questionário e pesquisa documental, que levaram a uma melhor compreensão do objeto de estudo. O relato dessa pesquisa levará em conta os dois temas geradores que estiveram presentes em todas as etapas da pesquisa, inclusive foi por possuir essas características que essa escola se tornou o campo de pesquisa para responder ao questionamento: como está sendo concretizada a prática da participação e do diálogo na construção, implementação e avaliação do PPP na Escola?

O primeiro tema, *participação para além do falar e do ouvir*, está imbricado ao pensamento de Freire (2009), ao afirmar que “os homens se desenvolvem em comunhão”, o que implica o envolvimento da comunidade escolar e local nas discussões e decisões da escola. Freire afirma que somos seres de comunicação e nos desenvolvemos em interações com outros seres. Nesse sentido, pode-se afirmar que a EM Anita Catarina Malfatti vivencia essa proposta, ao incentivar e proporcionar a participação de todos em reuniões, encontros, atividades, pelo diálogo, para planejar as ações e projetos e articular o enfrentamento das dificuldades e a sua superação, na busca da melhoria no processo de ensino e aprendizagem.

Percebe-se, também, que a prática da participação, no cotidiano dessa escola, tem aproximado pais, alunos, professores, funcionários, coordenadoras e comunidade para a construção coletiva de uma escola pública, popular e democrática. Escola, onde as pessoas, em conjunto, pensam e concretizam ações, pois, são vistas como sujeitos e não como objetos, e, portanto, capazes de contribuir para o seu desenvolvimento e dos outros.

No momento em que escola cria condições para que a comunidade escolar e local participe das discussões e decisões, está, também, fomentando, aos poucos, a cultura de uma relação de confiança e desafios recíprocos, criando assim, uma ideia de pertencimento, seguida da ideia de cuidar bem do que é seu. Essa atitude de pensar a escola como uma construção coletiva de muitas mãos e ideias está fazendo com que as pessoas que a compõem, sintam a escola como um espaço de todos, onde todos podem participar da sua (re) organização, promovendo mudanças na realidade vivida.

Por isso, na EM Anita Malfatti, se acredita e se defende uma proposta de construção participativa, levando em conta a realidade das pessoas e da localidade. Nas falas das pessoas entrevistadas, a escola vivencia essa prática de construção coletiva, ao propor e viabilizar a

participação da comunidade escolar e local na vida inteira da escola, e que vem promovendo melhorias no processo de ensino e aprendizagem e nas relações e interações.

Em Diadema, as escolas e as comunidades foram envolvidas no Movimento de Reorientação Curricular, de 2001 a 2007, que gerou uma ampla discussão, dando origem aos Eixos Curriculares do Município, que orientam as propostas que vem sendo implantadas nas escolas. Percebe-se, com nitidez, neste movimento, a preocupação da Secretaria de Educação, Esportes e Lazer (SECEL) com uma educação para além da escola, que contribua com o desenvolvimento de um cidadão consciente dos problemas sociais, culturais, políticos e econômicos presentes na sociedade como, também, as possíveis maneiras de enfrentamento dos mesmos.

Foi possível perceber que a EM Anita Catarina Malfatti, tem na sua organização e nas ações atendido às propostas sugeridas nos Eixos Curriculares. A construção e efetivação do Projeto Político Pedagógico (PPP) e dos projetos temáticas, trazendo a comunidade escolar e local para participar das discussões e decisões, estão ancoradas em práticas democráticas, que possibilitam aos envolvidos desenvolver-se de forma consciente e libertadora, o que revela uma sintonia com a proposta da SECEL.

Desde 2001 a Secretaria Municipal de Educação, por meio de suas políticas públicas, vem implementando os diferentes anseios e demandas da sociedade de Diadema, expressos em suas diretrizes: Democratização do acesso e permanência; Qualidade Social da Educação e Democratização da Gestão. Neste sentido todo trabalho pedagógico realizado na esfera do cotidiano escolar, vindo sendo problematizado, refletido e sistematizado, com o intuito de propor um currículo inovador, que esteja a serviço das aprendizagens e autonomia dos sujeitos. (...) (Diadema, 2007:4).

A EM Anita Catarina Malfatti tem se preocupado em propor e viabilizar a construção coletiva do PPP, um importante instrumento para guiar, de maneira organizada, as ações. Essa construção se inicia com reuniões e encontros, em que a comunidade escolar e local tem a oportunidade de questionar, discutir, analisar os problemas existentes e as possíveis superações e sugerir espaços em que pudessem estar contribuindo melhor.

A EM Anita Malfatti tem vivenciado, coletivamente, com todos os seus membros meios e modos de participação e diálogo que têm auxiliado na conquista de uma escola, onde ensinar e aprender não se dá de forma dicotomizada. Assim, participam na escola como sujeitos construtores de histórias, que, em comunhão com os outros, se desenvolvem e promovem desenvolvimento. Essa proposta de construção participativa, levando em consideração os saberes de cada um, está fazendo com que as pessoas vivam um cotidiano

escolar inovador, em que é possível ver e vivenciar a partilha de poder, o respeito pelo saber do outro e, especialmente, o resultado de um trabalho pensado e concretizado por todos que pertencem à escola.

Para a vivência desse cotidiano participativo e dialógico, em que a escola deixa de ser lugar, onde quem sabe muito ensina a quem nada sabe e passa a ser lugar, onde todos ensinam e aprendem. Os meios e modos de participar pelo diálogo foram surgindo, ao se pensar num PPP construído e efetivado, levando em conta as muitas mãos e ideias que poderiam fazer dessa construção a concretização de uma escola para todos e construída com todos. Escola que se preocupe com um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, que favoreça aos cidadãos o reconhecimento do seu inacabamento e sua eterna vocação para “ser mais” para se tornar mais justo, humano, inclusivo e solidário.

Participação para além do falar e do ouvir, na EM Anita Catarina Malfatti, é um processo em construção, que tem favorecido a comunidade escolar e local vivenciar um cotidiano para o fazer, para o construir coletivamente que vem promovendo mudanças na realidade da escola e na vida dos seus participantes. Segundo Freire (2009), isto é “estar presente na história”.

O segundo tema está vinculado também ao pensamento de Freire (2009), ao definir que “o diálogo é o encontro dos homens para ser mais”. Na EM Anita Catarina Malfatti, o diálogo representa um avanço que tem favorecido o encontro da comunidade escolar e local, em busca de mudanças no cotidiano, que levem a melhorias no processo de ensino e aprendizagem. As aprendizagens para além dos muros da escola, oriundas de diálogos críticos e libertadores, têm promovido na Escola melhorias nas relações e interações. A coordenação da escola, juntamente com a comunidade escolar e local, tem dialogicamente criado espaços e momentos, em que, em comunhão uns com outros, se unem em prol de uma escola. A Escola não tem poupado esforços na luta para a formação de sujeitos dialógicos, capazes de, em sala de aula, ou fora dela, questionar, argumentar, sugerir e, dessa forma, participar da construção do seu próprio mundo, dos seus valores, das suas crenças, dos seus sonhos.

A EM Anita Catarina Malfatti, como as demais escolas de Diadema, compõe uma rede educacional, estando inserida num projeto maior que dá diretrizes para o sistema de educação do município, mas, ao mesmo tempo, as escolas têm liberdade para criarem seus espaços de diálogos e participação, visando a uma educação pública popular e democrática. Com essa prática, a escola vem, aos poucos, colaborando para a formação de cidadãos críticos, e reflexivos, com competência para participar da conquista de uma escola, onde ensinar e aprender não se dicotomiza, e como diz Freire (2009) “ensinamos ao aprender e

aprendemos ao ensinar”. A elaboração e a concretização do PPP e dos projetos temáticos da EM Anita Catarina Malfatti são conduzidos por diálogos que vêm favorecendo a comunidade escolar e local a ensinar e aprender.

A Escola vem criando espaços e momentos para que pais, alunos, professores, comunidade, funcionários e coordenação analisem e discutam a sua realidade, para perceber seus entraves e, então, criar e viabilizar ações que deem conta do enfrentamento e possíveis soluções. Este movimento dialógico ainda não é intenso e deixa a desejar, porém, os seus limites tendem a serem superados, com a insistência em práticas democráticas que levem os indivíduos a se verem como sujeitos, portanto capazes de colaborar com o seu desenvolvimento. O diálogo ocorre em vários momentos e espaços, como o Conselho de Escola, reuniões de pais, reuniões pedagógicas e horas aglutinadas, Conselho de Ciclo e no cotidiano das salas de aula.

A partir das observações e dos dados coletados, é possível afirmar que a EM Anita Catarina Malfatti vive uma proposta freireana, fundamentada no pensamento de que “diálogo que implica um pensar crítico é capaz, também de gerá-lo”. No cotidiano da Escola, são vividas inúmeras situações que favorecem a participação das pessoas que a compõem, numa tentativa de promover mudanças nesse cotidiano, lembrando que essas mudanças não se concretizam de imediato, mas acontecerão, aos poucos, a cada encontro, a cada discussão, nos momentos de decisões, no desenvolvimento das atividades, nas avaliações pós-atividades.

A formação continuada dos professores de Diadema, tema que se encontra como um dos Eixos da Proposta Curricular do Município, por ser um dos pontos que colaborará que a consolidação da educação democrática que se quer para a cidade é, sem dúvida, conquista em processo de construção, uma vez que são visíveis os avanços nessa direção. A formação dos professores da escola, na EM Anita Malfatti, acontece, de forma sistemática, em vários momentos e espaços e tem como foco principal a reflexão sobre a prática pedagógica, buscando assim possibilidades de tornar cada vez mais evidente e eficiente um diálogo que leve os seres a se formarem como sujeitos.

A educação em Diadema vem tomando, nos últimos anos, uma postura democrática em busca da emancipação das gentes. Por ser um processo contínuo, que se alimenta de ações e atitudes diárias de cidadãos preocupados com a qualidade de vida do seu semelhante, esse movimento tem trazido bons resultados, porém, ainda há muito que fazer no tocante à abertura para se dialogar com todos.

Nesse contexto, a EM Anita Catarina Malfatti está avançando e esse avanço tem melhorando significativamente o ambiente escolar, que tem se caracterizado pelo diálogo, em

diferentes momentos e espaços. Todos juntos constroem o Projeto Político-Pedagógico, os projetos temáticos, as atividades pedagógicas ou recreativas, as reuniões, as festas comemorativas. A escola está conseguindo construir alegrias pelos resultados positivos que surgem de algumas conquistas. A conquista que vem se destacando mais são as melhorias no processo de ensino e aprendizagem, que além de alegrias, vem trazendo aos pais, alunos, professores, coordenação, comunidade e funcionários a certeza de que educação de qualidade é tarefa de todos, demanda o envolvimento de muitas mãos e ideias, mas é preciso e possível.

A EM Anita Malfatti tem se preocupado em construir um cotidiano dialógico, criando assim, condições para que todos que a compõe tenham a oportunidade de participar da construção de escola pública de qualidade construída levando em conta a realidade dos seus alunos e também da localidade. Dessa forma, percebe-se que a Escola atende aos pressupostos sugeridos pela pesquisa, trazendo subsídios para além da resposta ao questionamento inicial fortalecer os ideais da proposta freireana que traz a participação e o diálogo como caminho para construção de uma educação de qualidade que leve formação de um cidadão do bem.

A participação da comunidade escolar e local na construção, implementação e avaliação do PPP revela que, na EM Anita Malfatti, construção coletiva de um espaço escolar dialógico é uma realidade que se vai construindo. Encontram-se no seu Projeto referenciais freireanos que muito têm contribuído para a escola cumprir seu papel de formar sujeitos dialógicos como uma conquista educativa. Por tudo que foi apresentado e aqui analisado, pode-se concluir que a EM Anita Malfatti vivencia um Projeto Político-Pedagógico, à luz do pensamento de Paulo Freire, com desafios e possibilidades, mas todos, como sujeitos, falam, ouvem e fazem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliando a avaliação da aprendizagem. Um novo olhar** São Paulo: Lúmen, 1996.

ABENSUR, Patrícia Lima Dubeux. **A construção curricular na perspectiva Freireana: um estudo de caso na Escola Municipal Santa Rita, na cidade de Diadema – SP.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo,

ANDRÉ, Marli, E. D. Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.** Brasília: Líber Livro, 2005.

_____. **Etnografia da prática escolar.** 11. ed. campinas: Papirus, 2004.

APPLE, Michael; BEANE, James (orgs). **Escolas Democráticas.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BORDINAVE, Juan R. Dias. **O que é participação?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRITO Regina Lúcia Giffoni Luz de. Cultura, Clima e Gestão da Escola. In: FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade.** São Paulo: SENAC, 2009.

CAMPOS, E. F. E. **A Coordenação Pedagógica em questão: Diálogos nos Círculos de Debates.** 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade São Paulo (USP). São Paulo.

CASALI, Alípio. **Para a construção de um Projeto Pedagógico Escolar das escolas integradas no âmbito do convênio entre a Universidade Pedagógica e o Ministério da Educação de Moçambique.** Maputo: Banco Mundial/ Universidade Pedagógica, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2008.

DALBÉRIO, Maria Célia Borges. **Escola Pública, Currículo e Educação Emancipatória: o Projeto Político-Pedagógico como mediação**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Participação é Conquista**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FAZENDA, Ivani. **Didática e interdisciplinaridade** 15.ed. São Paulo: Papirus, 2010.

FONSECA, Silmara C. Diadema e o Grande ABC: Expansão industrial na economia de São Paulo. In: LOKOI, Zilda M. G. (Org.). **Diadema nasceu no grande ABC: história da retrospectiva da cidade vermelha**. São Paulo: FAPESP, 2001.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de ensinar. In: _____. **Ação cultural para a liberdade**, 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981..

_____. **Professora Sim, Tia não** – cartas a quem ousa ensinar. 4.ed. São Paulo: Olho d'Água, Paz e Terra, 1994.

_____. **Extensão ou comunicação**, 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009

_____. **Pedagogia da Esperança**. 16.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** 36.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Educação na cidade**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 48.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANDIN, Danilo. **Medidas Essencias para a escola hoje.**, Coleção Fazer e Transformar, nº 6, São Paulo: Loyola e AEC do Brasil, 2003

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 1992.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamentos e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

LIMA, Licínio C. **A escola como organização e a participação na organização escolar**. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.1992.

_____. **A escola como organização educativa**: São Paulo: Cortez, 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**. São Paulo: EPU,1986.

LUNA, Sérgio V. **Planejamento de Pesquisa**. 8.ed. São Paulo: Editora EDUC, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Mari B. Movimentos sociais e o processo de urbanização. In: IOKOI, Zilda M. G. (org). **Diadema nasceu no grande ABC**: história retrospectiva da cidade vermelha. São Paulo: FAPESP, 2001.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico**, como construir o Projeto Político-Pedagógico da Escola. São Paulo: Cortez, 2007.

PAULINO, Simone Fabrini. **A participação na política educacional do Município de Diadema** – São Paulo: a influência dos referencias freireanos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed.. São Paulo: Altas, 1999.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1991.

SANTOS NETO, Elydio dos. Projeto Político-Pedagógico: algumas possíveis articulações com a prática pedagógica no cotidiano da escola. In: Universidade Metodista de São Paulo. **Pedagogia: Projeto Político-Pedagógico, Prática Docente, Pesquisa**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, julho de 2008, p. 100-103 (Cadernos Didáticos Metodista - Campus EAD). ISBN: 978-85-7814-041-0

SAUL, Ana Maria. **Paulo Freire: um pensamento atual para compreender e pesquisar questões de nosso tempo**. São Paulo : Articulação, 2005.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José; (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEIXEIRA, Anísio: **Educação é um direito**. 9. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo: a atividade humana como princípio educativo**. São Paulo: Libertad, 2009.

_____. **Planejamento: Projeto de Ensino-aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**, 17.ed. São Paulo: Libertad, 2009

_____. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 9.ed. São Paulo: Libertad, 2009

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. 26.ed. Campinas: Papirus, 2009.

_____. **Projeto Político Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Papirus, 1995.

_____. **As dimensões do Projeto Político-Pedagógico**. São Paulo: Papirus, 2001.

Fontes documentais:

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. - 9.394 de 20 de dezembro, 1996.

DIADEMA, Prefeitura Municipal de Diadema. Escola Municipal Anita Catarina Malfatti. **Projeto Político-Pedagógico**. Diadema, 2010.

DIADEMA, Prefeitura Municipal de Diadema. Escola Municipal Anita Catarina Malfatti. **Projeto Político-Pedagógico**, Diadema, 2011.

DIADEMA, **Caderno Introdutório**. O Movimento de Reorientação Curricular em Diadema. Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura Municipal de Diadema, 2007.

DIADEMA, **Proposta Curricular**. Educação de Jovens e Adultos. Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura Municipal de Diadema, 2007.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Construindo a Educação Pública Popular. In: **Aos que fazem a educação conosco em São Paulo**. São Paulo, SME, 1989.

3 – O que você tem feito, no sentido de criar condições para que a comunidade escolar e local se interesse e se envolva na construção do PPP?

No início de cada ano, nos reunimos para juntos criarmos as propostas e as definições. E pedimos aos envolvidos para que não fiquem longe da escola e que façam parte dessa grande construção e, dessa forma, os convidamos para ajudar a construir o PPP. O que nós temos feito é acolher bem os alunos, os professores, os pais, a comunidade e os funcionários, para, a partir desse acolhimento, refletirmos sobre a importância de trabalharmos juntos, iniciando com coreponsabilidade nossa tarefa de educar não para a escola, mas para o mundo. Neste sentido, intencionamos que os nossos alunos, lá fora, ajam como cidadãos, fazendo parte da solução, pois na vida o ser humano faz parte do problema ou da solução. Que sejam em suas comunidades líderes, caminhando juntos com todos porque juntos podemos tudo. (...)

4 – Fale-nos como se dá o momento de discussão sobre a construção do PPP. O que mais lhe chama atenção?

São viabilizadas na escola, várias formas de participação. No início do ano, de cada semestre e trimestre, nos reunimos para as discussões necessárias para se pensar e organizar as atividades, quer dizer, aqui nós temos momentos, em que grupos de diferentes setores se encontram para discutir o cotidiano escolar, analisar os bons resultados, reverem os problemas, encontrar as possíveis soluções e os projetos temáticos. No PPP, encontram-se registros do movimento participativo da escola nos conselhos de ciclos, no conselho de escola, nas reuniões de pais, no desenvolvimento dos projetos temáticos, no programa “Mais Educação”, no programa “Aprender Mais”. O programa “Escola Aberta” traz as mães, comunidade, alunos, funcionários e professores para aprenderem e ensinarem. Temos várias reuniões, durante o ano.

5 - Você considera que a presença e a participação dos pais, alunos, professores, funcionários e comunidade tem sido um referencial para a escola? Comente sua resposta.

Na escola, participação é fato! Acreditamos que quando as pessoas participam, elas se coresponsabilizam pelo que vai acontecer. Assim, propomos uma escola onde todos estão envolvidos no seu cotidiano, como forma de torná-lo mais eficaz e feliz. Nossa escola é nossa, porque foi construída por nós, ela traz sonhos e perspectivas que tomam a mesma direção; um espaço para as pessoas ensinarem e aprender, mas também para serem muitos felizes. Pensamos o ser humano como um ser em desenvolvimento, e que esse desenvolvimento

acontece em interações com outros seres, por isso pensamos numa educação real, por isso precisamos de um projeto real, pois é a vida acontecendo. Reafirmamos que juntos somos fortes e é essa força que nos move, portanto, essa escola é diferente. (...)

7 – Para você, o que facilita e o que dificulta a participação da comunidade escolar e local na construção, implementação e avaliação do PPP?

Participação é fazer, juntos! Acreditamos no potencial das pessoas. Acreditamos que a questão tempo é um dos dificultadores, o mundo moderno tem ocupado bastante o tempo das pessoas. A escola trabalha no sentido de acolher bem todos os seus participantes, tentamos fazer com que todos se vejam e ajam como um pouco dono da escola e isso tem nos dado o privilégio de trabalharmos, seguindo como quase donos com a coreponsabilidade que isso traz. O que facilita, também a participação de todos na construção do PPP é a nossa persistência. Já ouvimos muitos “nãos”, mas cremos que as pessoas não estão no lugar errado, na hora errada, elas têm algo a realizar, pessoas são conquistadas para o movimento.

8 – Qual a participação da SECEL/Diadema para a construção, implementação e avaliação do PPP da EM Anita Malfatti?

A SECEL tem sido parceira incondicional do sucesso da escola. Tem nos atendido na medida do possível, colaborando no atendimento às nossas solicitações. Andamos de mãos dadas, uma vez que, temos algo em comum; a conquista e consolidação de uma escola de qualidade para todos, que colabore com a formação de sujeitos autônomos, autores de suas histórias e colaboradores na construção da história de uma Diadema mais justa, humana, inclusiva e solidária.

b) Professor

1 – Você considera importante a existência de um Projeto Político-Pedagógico para guiar as ações da escola? Por quê?

Acredito que o PPP é a própria escola! Ele traz os sonhos, as metas, os objetivos e as propostas que bem direcionadas trarão bons resultados. A escola precisa desse instrumento para manter a organização das atividades dinamizar o processo de ensino e aprendizagem.

2 – As atividades desenvolvidas na escola partem das decisões propostas no PPP? Elas consideram as necessidades da escola, pais, alunos, professores, funcionários e comunidade? Comente.

As atividades desenvolvidas na escola estão registradas no PPP. Foi uma construção coletiva e, por isso, acaba envolvemos todos os que a compõem.

3 – Você acredita que as ações desenvolvidas pelo Projeto Político-Pedagógico têm melhorado a escola? Como?

Acredito que toda boa ação, que leve em conta o desenvolvimento do ser humano, traz grandes benefícios. É preciso pensar e viabilizar a contribuição que cada um pode dar. As ações pensadas e concretizadas, coletivamente, têm uma força muito grande. Juntos, poderemos fazer muito. A escola tem na sua história muitas conquistas, resultados de trabalhos coletivos, realizados por pessoas que acreditam na mudança, nas melhorias.

4 - Você considera que a presença e participação dos pais, alunos, professores, funcionários e comunidade tem sido um referencial para a escola? Comente sua resposta?

Sim. A escola tem se destacado por prestar um trabalho voltado para formação de sujeitos. Esse trabalho é realizado com a participação de todos. É preciso ter o envolvimento da comunidade escolar e local para se fazer da escola um espaço favorável para as aprendizagens.

5 - Para você, o que facilita e o que dificulta a participação da comunidade escolar e local na construção, implementação e avaliação do PPP?

Penso que várias dificuldades aparecem para a construção do PPP, que vão da falta de tempo à falta de conhecimentos sobre o tema e outros, ainda. Acredito que o que facilita a participação é que a direção tenta, na medida do possível, facilitar os encontros; dia e horário.

6 – Que sugestões você daria para melhorar a participação de todos, dentro da escola?

Seriam muitas. Deixo um convite para a comunidade escolar e local se apaixonar cada vez mais pela educação. O amor move as pessoas.

c) Aluno

1 - Para você, o que é participar?

Para mim, participar é fazer parte.

2 – Como você é convidado a participar do dia a dia da escola? Como você se sente, ao ser convidado a participar?

O ano todo somos convidados a participar das atividades, algumas são dentro da escola e outras são fora. Gosto de participar e sempre fico. Se não participo, tenho a impressão que não sei fazer nada.

3 – Você conhece o PPP da sua escola? Acha importante a construção de o Projeto ser feita com a participação de todos? Por quê?

Tudo que é feito na escola todos ficam sabendo e fazem juntos, todos trabalham e ajudam. A participação dos alunos faz a escola ser melhor. A diretora cuida a escola, a professora facilita as lições. Esse lugar foi o que me ensinou bastante.

4 – Para você, o diálogo na escola entre os pais, os alunos, os professores e a coordenação é importante? Por quê?

É importante, porque quando as pessoas conversam, elas se entendem, elas acham solução para os problemas e, na escola, as pessoas precisam conversar para saberem de tudo que acontece e assim colaborar para que tudo fique melhor.

5 - Que sugestões você daria para melhorar a participação de todos da escola?

Eu acho que está boa a participação, mas nós podemos juntos com a escola fazer mais atividades no pátio, na rua, mais atividades para apresentarmos as pessoas. E na sala de aula eu gosto de fazer trabalho para apresentar. Queria que meus colegas participassem mais das brincadeiras, dos jogos e das festas.

d) Funcionário

1 – Você considera importante a existência de um Projeto Político-Pedagógico para guiar as ações da escola? Por quê?

Sim. Dentro de uma instituição é fundamental termos esse guia, assim as atividades são mais ricas e não se perdem, estão atreladas a muitas pessoas; afinal, PPP é construção de todos na escola.

2 – Qual é a sua participação na construção do Projeto Político-Pedagógico?

Participo das reuniões, envolvendo-me nas discussões, faço sugestões e desenvolvo as atividades, para as quais me propus.

3 – Você acha importante a participação de pais, alunos, funcionários e comunidade na organização da escola? Por quê?

Acho importante toda a atividade desenvolvida, ouvindo as pessoas que compõem o grupo. A escola que escuta e dá voz aos seus participantes tem grandes possibilidades de ser um sucesso.

4 – Você acredita que a sua participação na construção do Projeto Político- - Pedagógico ajuda você em alguma coisa? Em quê?

Participando, estou sempre me desenvolvendo e aprendendo mais, comigo e com os outros.

5 – Para você, o que facilita e o que dificulta a participação da comunidade escolar e local na construção, implementação e avaliação do PPP?

Acho que o que dificulta é a falta de tempo; os professores trabalham em vários lugares, os pais também são ocupados e todos terão uma justificativa, mas também penso que é preciso fazer um esforço e participar mais. O que facilita a participação de todos é que a escola tenta motivar e mostrar a importância do trabalho.

6 – O que mais lhe chama a atenção na escola? Isso tem ligação com o Projeto Político-Pedagógico?

O sonho de ter uma escola cada vez melhor. E o PPP pode ajudar a realizar esse sonho.

e) Mãe

1 - Como você conheceu o Projeto Político-Pedagógico da escola?

Sempre fui uma mãe muito presente, gosto de participar das atividades da escola, sou membro do Conselho Escolar. Durante as visitas tomava conhecimento de muitas ações realizadas pela escola, inclusive sobre a existência do seu Projeto, sobre sua construção e desenvolvimento.

2 - Você considera importante a existência de um Projeto Político-Pedagógico para guiar as ações da escola. Por quê?

Sim. É importante para que tudo que for planejado aconteça de forma organizada e com o acompanhamento de todos.

3 – Para você, a participação de pais, alunos, professores, funcionários e comunidade pode ajudar na organização das atividades desenvolvidas na escola?

Com certeza. Uma escola que conta com a ajuda de todos faz todos se sentirem bem..

4 – Para você o que facilita e o que dificulta a participação da comunidade escolar e local na construção, implementação e avaliação do Projeto Político-Pedagógico?

A escola está sempre aberta para a participação de todos. Penso que isso facilita, mas a falta de tempo dificulta a participação de todos..

5 – O que mais lhe chama a atenção na escola? Isso tem ligação com o Projeto Político-Pedagógico? De que forma?

A coordenação, os professores e os funcionários se empenham na realização de todas as atividades e isso, eu penso que contagia o grupo.

6 - Que sugestões você daria para melhorar a participação de todos dentro da escola?

Que as pessoas procurem conhecer melhor sua escola e também o Projeto Político-Pedagógico, Assim, elas perceberão que a escola é de todos, mas de todos que queiram fazer dela um lugar onde se aprende e se ensina com prazer.

f) Professora itinerante

1 – Você considera importante a existência de um Projeto Político-Pedagógico para guiar as ações da escola?

Acredito que seja essencial, pois ele é o guia, o objetivo a ser alcançado.

2 – Que atividade você desenvolve na escola? Ela tem ligação com o Projeto Político-Pedagógico? Fale um pouco sobre sua atividade?

Dou suporte para a inclusão realizada pela coordenação e pelas professoras, oriento as famílias, encaminhando para atendimento clínico, solicito relatórios, elaboro e desenvolvo planejamentos com as professoras e faço outras atividades sugeridas pela escola.

3 – Você acha importante a participação de pais, alunos, funcionários e comunidade na organização da escola? Por quê?

Acredito que dentro da escola todos podem contribuir com seu crescimento, afinal pais, professores, alunos, funcionários, coordenação e comunidade tem função educativa.

4 – Para você o que facilita e o que dificulta a participação da comunidade escolar e local na construção e implementação do Projeto Político-Pedagógico?

A participação é uma coisa mais importante dentro da escola. Acredito que a pouca compreensão sobre a importância e necessidade do Projeto tem dificultado o envolvimento das de todos na sua construção e efetivação.

5 – O que mais lhe chama a atenção na escola? Isso tem ligação com o Projeto Político-Pedagógico da escola?

O que mais me chama a atenção é o trabalho, porque todos se ocupam em fazer com que a escola funcione da melhor forma possível.

6 – Que sugestões você daria para melhorar a participação de todos dentro da escola? Venho à escola apenas uma vez por semana, por isso sinto dificuldade de sugerir algo, porém creio que mantendo boas relações todos poderão participar falando, ouvindo e agindo.

Anexo 2

(Entrevistas com alunos do 5º ano A e B. Questões acompanhadas das respectivas respostas.)

Alunos do 5º ano A

Aluno 1

1 - Para você, o que é participação?

Para mim é fazer parte das atividades. A Minha turma gosta de participar dos exercícios, das apresentações, das brincadeiras e de tudo que a escola oferece.

2 - Como acontece a participação dentro da sala de aula?

A professora explica o que vamos fazer e pede a nossa opinião, às vezes é para responder exercícios, outras vezes é para realizar alguma atividade de texto, ou outra coisa.

3 - Como você se sente ao ser convidado para participar da aula?

Muito bem. Eu acho que todos gostam, porque aprendemos mais com isso.

4 - E quando você não é convidado para participar, o que sente?

Quando eu não sou convidado, tenho a impressão que não sei nada.

5 – Quais atividades da escola você mais gosta de participar?

Gosto de todas, mas quando tem alguma apresentação para a turma eu fico mais feliz, porque juntos não ficamos com vergonha.

Aluno 2

1 - Para você, o que é participação?

Acredito que participar é quando nós ajudamos a professora ou a coordenadora a fazer as atividades de tarefas, de festas e outras coisas.

2 - Como acontece a participação dentro da sala de aula?

A professora sempre nos chama para brincar, cantar, dançar, estudar, ler, falar ou até mesmo criar brinquedos e livrinhos de história.

3 - Como você se sente ao ser convidado para participar da aula?

Eu gosto porque a professora tem umas ideias boas e ela pede a turma pra ajudar a organizar as atividades. Na hora de apresentar fica muito bonito e as pessoas gostam.

4 - E quando você não é convidado para participar, o que sente?

Depende da atividade. Eu não fico triste quando é alguma coisa que eu não sei fazer. Sinto vergonha, então fico só olhando prefiro não participar

5 – Quais atividades da escola você mais gosta de participar?

Se for dentro da sala eu gosto de fazer tarefa de Português e Ciências. E se for no pátio ou fora da escola gosto de apresentar com os colegas.

Aluno 3

1 - Para você, o que é participação?

Penso que participar é fazer as atividades e ajudar a professora, ou a diretora, ou qualquer pessoa da escola.

2 - Como acontece a participação dentro da sala de aula?

Todos têm que fazer alguma coisa e isso é muito legal.

3 - Como você se sente ao ser convidado para participar da aula?

Eu me sinto bem. Quando eu participo, aprendo mais.

4 - E quando você não é convidado para participar, o que sente?

Quando é pra participar de alguma brincadeira ou jogo e eu não sou convidado, fico triste.

5 – Quais atividades da escola você mais gosta de participar?

Gosto de quase todas, pois elas são muito legais. Se for pra escolher uma delas, eu prefiro a aula de Educação Física porque eu gosto de jogar futebol.

Alunos do 5º ano B

Aluno 1

1 - Para você, o que é participação?

Penso que participar é aprender fazendo alguma coisa com a professora e os colegas. Pode ser dentro da sala de aula, fora da sala e pode ser no caderno, no livro ou ensaiar alguma coisa para apresentar.

2 - Como acontece a participação dentro da sala de aula?

A turma gosta de participar. Hoje a professora falou sobre violência, depois escrevemos juntos com ajuda dela um texto sobre esse assunto.

3 - Como você se sente ao ser convidado para participar da aula?

Eu gosto. Tem umas atividades que são muito divertidas.

4 - E quando você não é convidado para participar, o que sente?

Às vezes eu não sinto nada. Depois se vejo que é algo legal fico querendo participar.

5 – Quais atividades da escola você mais gosta de participar?

Eu gosto de várias coisas que faço na sala com meus colegas, mas gosto mais de jogar futebol.

Aluno 2

1 - Para você, o que é participação?

Participar é quando nós fazemos as atividades.

2 - Como acontece a participação dentro da sala de aula?

A professora sempre traz algumas novidades pra aula, ninguém fica parado, todos participam e a aula fica interessante.

3 - Como você se sente ao ser convidado para participar da aula?

Eu gosto. Às vezes tenho vergonha, mas se os meus colegas estão fazendo eu quero fazer também.

4 - E quando você não é convidado para participar, o que sente?

Sempre gostei de participar de tudo que acontece na escola e na minha sala. Gosto de cortar, colar, desenhar e pintar. Pra mim tudo isso é muito legal.

5 – Quais atividades da escola você mais gosta de participar?

De muitas atividades, mas se eu for falar sozinho tenho vergonha. A professora sabe os tipos de atividade que gostamos de fazer e sempre deixa a gente apresentar juntos. Nas aulas de matemática gosto é de resolver problemas.

Aluno 3

1 - Para você, o que é participação?

Participar é quando a gente faz alguma coisa.

2 - Como acontece a participação dentro da sala de aula?

A professora sempre traz atividades diferentes. Ela fala como é a atividade e nós fazemos. A aula fica legal com todos trabalhando juntos.

3 - Como você se sente ao ser convidado para participar da aula?

Eu gosto muito, pois quando nós participamos da aula sempre aprendemos coisas novas.

4 - E quando você não é convidado para participar, o que sente?

É chato.

5 – Quais atividades da escola você mais gosta de participar?

Gosto de ir ao laboratório de informático e também de assistir filmes.

Anexo 3

Diário de Campo: fragmentos

19 de novembro de 2010

Mais um dia bastante significativo, pois fui convidada pela coordenação para visitar a sala dos professores e lá percebi que eles gostariam de saber mais sobre a minha pesquisa. A coordenadora lembrou que além dessa pesquisa, outras tiveram a Escola como campo para seus estudos. Nesse dia, recebi o Manual de Reorientação Curricular de Diadema com seis exemplares e também uma cópia do Projeto Político-Pedagógico para leitura e análise. Durante uma conversa sobre o meu objeto de pesquisa e seus objetivos, a coordenadora fez questão de frisar que toda a equipe trabalha seriamente no intuito de construir no espaço escolar um cotidiano dialógico e participativo, onde todos façam parte do processo ensino-aprendizagem. Enquanto conversávamos, caminhávamos por toda escola. Ela mostrava e descrevia os trabalhos construídos pelos alunos, com a supervisão dos professores e a colaboração dos pais. Os materiais construídos estavam expostos nos corredores do 1º e do 2º andar da escola. Entramos em algumas salas e assistimos uma pequena parcela de algumas aulas. Dessa forma, chegava a uma conclusão: “Esta escola é o ideal para realizar minha pesquisa, já que é capaz de responder minha questão inicial sobre os meios e modos de participação no cotidiano escolar”.

28 de novembro de 2010

São 8:30h e estou a caminho do meu campo de pesquisa, a EM Anita Catarina Malfatti na cidade de Diadema – SP. Na visita anterior fui convidada pela coordenação para conhecer o Projeto Escola Aberta, que funcionava aos sábados. Chegando lá encontrei crianças, mães, professores e funcionários participando de oficinas coordenadas por voluntários, moradores da comunidade. Uma mãe e também colaboradora do projeto se prontificou para me acompanhar mostrando e descrevendo os diversos espaços/oficinas em andamento naquela manhã. Assim, visitamos esses lugares registrando as atividades e ouvindo os participantes. A mãe que nos acompanhava nos informou que seus filhos estudavam lá desde pequenos e que estava satisfeita com o funcionamento da escola dizendo: “Aqui todos trabalham!”. Enquanto visitávamos as oficinas, vi alunos pintando e encenando. Na sala de informática aprendiam a manusear o computador. O mais interessante é que não só os alunos estavam envolvidos nas atividades propostas, mas também, pais e membros da comunidade em geral. Os professores que se dispunham a participar eram voluntários e estavam ali para ajudar a tornar real o sonho de construir uma escola com a colaboração de todos. Algumas mães e pessoas da comunidade organizaram artesanatos para serem expostos no evento da prefeitura numa praça da cidade. Enquanto observava aquele movimento de pessoas e ações, o relato da coordenadora ao nos apresentar a escola era confirmado: “É necessária à presença de todos: pais, alunos, professores, funcionários e comunidade para o desenvolvimento e efetivação de propostas que não sejam apenas burocráticas, mas práticas, isto é, realizáveis”.

11 de março de 2011

Cheguei à escola no momento da troca de turno, manhã/tarde, tendo a oportunidade de vivenciar algumas situações rotineiras. Quando todos já haviam saído, em conversa com a coordenadora falei-lhe da minha necessidade de aplicar um questionário para algumas pessoas da escola, buscando informações sobre os meios e modos de participação, construção e efetivação do PPP. Neste momento, ela me apresentou um projeto desenvolvido por uma das professoras, objetivando estabelecer um diálogo entre pais, alunos e corpo docente, tal projeto sugere a criação de um livro de ouro. Usando a estratégia de cada dia um aluno o levar para casa e registrar o seu dia escolar, que deveria ser compartilhado com a família e assinado pelos pais ou responsáveis. Novamente presenciei a troca de turno, tarde/noite, mas com um diferencial, pois o público agora eram

alunos do EJA. Algumas decisões de ordem prática deveriam ser tomadas, a primeira delas foi a realização de uma eleição para o melhor horário para que o jantar fosse servido, ficando a escolha decidida para às 19:00h. Logo após, as aulas transcorreram normalmente e os alunos estavam bem animados.

01/04/2011

Nesse dia fui recebida por uma funcionária, às 14:00h, e, enquanto aguardávamos a chegada da coordenação, essa funcionária, através de uma conversa informal, relatou-me que trabalha na escola há muitos anos e que também integra o Conselho Escolar. Segundo sua opinião, a escola é boa e comprometida com o desempenho dos alunos. Instantes depois, com a chegada da coordenadora fui convidada a presenciar dois atendimentos: a uma mãe e a um aluno. Percebi em ambas as situações que a prioridade da escola e de todos nela envolvidos é a harmonia, organização e conservação do ambiente escolar. Em discussão particular falamos sobre as possibilidades do desenvolvimento de uma proposta escolar dialógica e participativa. Afirma a coordenadora: “Não desistiremos do nosso sonho de uma escola com qualidade no ensinar e no aprender.”.

04/05/2011

Numa breve visita à escola, em companhia da coordenação, fomos à biblioteca e lá tive acesso a todo o seu acervo literário. Fiquei com ótima impressão, pois os livros atendem às necessidades de leituras básicas e até mais avançadas. Em seguida, versamos sobre o PPP, e fui informada que ele fica exposto para consultas de quem necessitar ou se interessar. Considero esse fato de grande importância, pois ter acesso à informação institucional é um dos requisitos para uma efetiva participação. Uma das propostas do PPP estava sendo realizada, pois na aula de educação física, alunos e professores jogavam capoeira, fazendo uma ponte entre conhecimentos corporais e culturais.

02/06/2011

Nessa tarde, eu me propunha a realizar entrevistas com duas turmas do 5º ano, 1 e 2. Nessas salas, as atividades já haviam sido iniciadas. A sala 1 estava fazendo um ensaio musical e a sala 2 estava escrevendo um texto motivado por um fato vivido pela professora. Logo após, os alunos se prontificaram a responderem oralmente as perguntas que a eles eram dirigidas. Tais questionamentos buscavam saber sobre diálogos e participações no cotidiano escolar. Cada um se mostrava bastante empenhado em responder, mesmo porque estavam sendo filmados e se sentiam empolgados e motivados a fazerem registros. Nessa ocasião, reflexões sobre diálogos e participações no dia-a-dia da escola foi o ponto-chave para que se desencadeasse uma fluente conversa sobre onde, como e quando eles são levados ou buscam essas situações.
